



KING OF DIAMONDS

VEGAS UNDERGROUND



RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Sinopse

Eu a avisei.

Eu disse a ela para não colocar os pés no meu cassino novamente. eu disse a ela

Ficar longe. Porque se eu a vir na minha suíte novamente,

Vou reivindicá-la como minha.

E uma vez que eu a torne minha, não vou libertá-la.

Eu sou o rei do submundo de Las Vegas e levo o que eu quero.

Então é melhor ela correr. Ficar bem longe do meu cassino.

Ou nunca vou deixá-la ir.

CAPÍTULO 1

Sondra

EU PUXO para baixo a bainha do meu uniforme de empregada. O número rosa Pepto Bismol chega às minhas coxas e se encaixa como uma luva, abraçando minhas curvas, mostrando meu decote. Claramente, os proprietários do Belíssimo Hotel e Casino querem que suas empregadas pareçam tão gostosas quanto suas garçonetes.

Eu aceitei isso. Estou usando saltos alto confortáveis o suficiente para limpar quartos, mas sexy o suficiente para mostrar os músculos das minhas pernas, e preendi meu cabelo loiro na altura dos ombros em duas tranças fofas.

Minhas amigas feministas da pós-graduação teriam um ataque com isso.

Eu empurro o carrinho de limpeza não tão pequeno pelo corredor do grande hotel do cassino. Passei a manhã toda limpando a bagunça das pessoas. E deixe-me dizer-lhe, a bagunça em Vegas é grande. Parafernália de drogas. Sêmen. Preservativos. Sangue. E este é um lugar caro e de alta classe. Trabalhei aqui apenas duas semanas e já vi tudo isso e muito mais.

Eu trabalho rápido. Algumas das empregadas recomendam tomar seu tempo para que você não fique sobrecarregada, mas ainda espero impressionar alguém no Hotel para me dar um emprego melhor. Daí se preciso me vestir como a versão da fantasia de empregada francesa.

Enfeitar-me provavelmente foi motivado pelo que minha prima Corey chama de *The Voice of Wrong*. Eu tenho o oposto de um sexto sentido ou voz da razão, especialmente quando se trata da metade masculina da população.

Por que mais eu estaria sem dinheiro e no rebote do festeiro que deixei em Reno? Eu sou uma mulher inteligente. Eu tenho um mestrado. Eu tinha uma posição decente de professora adjunto e um futuro brilhante.

Mas quando percebi que todas as minhas suspeitas sobre Tanner me traindo eram verdadeiras, arrumei o Subaru que dividi com ele e parti para Vegas para ficar com Corey, que prometeu me arranjar um emprego com ele aqui.

Mas não há nenhum trabalho de revendedor disponível no momento - apenas limpeza. Então agora estou no fundo do poço, quebrada, solteira e sem rodas porque meu carro foi atingido no dia em que cheguei.

Não que eu pretenda ficar aqui por muito tempo. Estou apenas testando as águas em Vegas. Se eu gostar, vou me candidatar a empregos de professora universitária adjunta. Eu até considereei o ensino secundário quando eu tiver novamente o carro para me locomover.

Se eu conseguir um emprego de traficante, no entanto, vou aceitar porque o dinheiro seria três vezes o que eu ganharia no sistema escolar público. O que é uma tragédia a ser discutida em outro dia.

Volto para a área principal de suprimentos, que também funciona como escritório do meu chefe, e carrego meu carrinho na caverna de limpeza, empilhando toalhas e caixas de sabão em fileiras organizadas.

— Ah, pelo amor de Deus. — Marissa, minha supervisora, enfia o telefone no bolso do vestido de empregada. Uma mulher gostosa de 42 anos,

ela preenche o seu em todos os lugares certos, fazendo com que pareça um vestido que ela escolheu usar, em vez de um uniforme. — Tenho quatro pessoas doentes hoje. Agora eu mesma tenho que ir fazer as suítes dos chefes. — ela geme.

Eu me animei. Eu sei — isso é *A Voz do Errado*. Tenho um fascínio mórbido por tudo mafioso. Tipo, eu assisti todos os episódios de *Os Sopranos* e memorizei o roteiro de *O Poderoso Chefão*.

— Você quer dizer os quartos dos Tacones? Eu posso fazê-los. — É estúpido, mas eu quero um vislumbre deles. Como são os verdadeiros homens da máfia? Al Pacino? James Gandolfini? Ou eles são apenas caras comuns? Talvez eu já tenha passado por eles enquanto empurrava meu carrinho.

— Eu gostaria, mas você não pode. É uma coisa especial de autorização de segurança. E acredite em mim, você não quer. Eles são super paranoicos e exigentes como o inferno. Você não pode olhar para a coisa errada sem rasgar uma nova. Eles definitivamente não gostariam de ver ninguém novo lá em cima. Eu provavelmente perderia meu emprego por causa disso, na verdade. — Eu deveria estar assustada, mas essa notícia só aumenta a mística que criei em minha mente em torno desses homens. — Bem, estou disposta e disponível, se você quiser. Já terminei meu corredor. Ou eu poderia ir com você e ajudar? Fazer isso ir mais rápido? — Eu vejo minha sugestão rastejando através de suas objeções. Interesse voa sobre seu rosto, seguido por mais consternação.

Eu adoto uma expressão esperançosa e útil.

— Bem, talvez não tenha problema... eu estaria supervisionando você, afinal de contas. — *Sim!* Estou morrendo de curiosidade para ver os chefes da máfia de perto. Tolo, eu sei, mas não posso evitar. Eu quero mandar uma mensagem para Corey para contar a ela as novidades, mas não há tempo. Corey sabe tudo sobre meu fascínio, já que eu já a enchia de informações.

Marissa carrega algumas outras coisas no meu carrinho e vamos juntas para o banco especial de elevadores, os únicos que vão até o topo do prédio e exigem um cartão-chave para acessar.

— Então, esses caras são realmente sensíveis. Na maioria das vezes eles não estão em seus quartos, e então tudo que você tem que se preocupar é ficar longe de suas mesas de escritório. — Marissa explica assim que saímos do último andar público e estávamos apenas nós dois no elevador. — Não abra nenhuma gaveta, não faça nada que pareça intrometido. Estou falando sério, esses caras são assustadores. — As portas se abrem e eu empurro o carrinho para fora, seguindo-a pela curva até a primeira porta. O som de vozes masculinas altas vem da sala.

Marissa estremece. — *Sempre bata* — ela sussurra antes de levantar os dedos para bater na porta.

Eles claramente não a ouvem, porque a conversa alta continua.

Ela bate novamente e a conversa para.

— Sim? — uma voz masculina profunda chama.

— Serviço de limpeza. — Esperamos enquanto o silêncio cumprimenta seu chamado. Depois de um momento, a porta se abre para revelar um cara de meia-idade com cabelos um pouco grisalhos. — Sim, nós estávamos indo embora. — Ele veste o que deve ser um paletó de mil dólares. Um leve

volume engrossa sua cintura, mas fora isso ele é extremamente bonito. Atrás dele estão três outros homens, todos vestidos com ternos igualmente bonitos, nenhum usando seus paletós.

Eles nos ignoram enquanto passam, retomando a conversa no corredor. — Então eu digo a ele... — A porta se fecha atrás deles.

— Uau. — Marissa respira. — É muito mais fácil se eles não estiverem aqui. — Ela olha para os cantos dos quartos. — É claro que há câmeras em todos os lugares, então não é como se não estivéssemos sendo observadas. — Ela aponta para uma pequena luz vermelha brilhando de um pequeno dispositivo montado na junção da parede com o teto. Eu já os notei por todo o cassino. — Mas é menos estressante se não estivermos na ponta dos pés ao redor deles. — Ela sacode a cabeça pelo corredor. — Você fica com o banheiro e os quartos, eu faço a cozinha, o escritório e a sala de estar.

— Entendi. — Pego os suprimentos que preciso do carrinho e vou na direção que ela indicou.

O quarto está bem equipado de uma forma indescritível. Eu puxo os lençóis e a colcha para fazer a cama. O tecido provavelmente tinha 3.000 fios, se é que isso existe. Isso pode ser um exagero, mas, realmente, eles são incríveis.

Apenas por diversão, eu esfrego um contra a minha bochecha.

É tão suave e macio. Não consigo imaginar como seria deitar naquela cama. Eu me pergunto qual dos caras dormiu aqui. Eu arrumo a cama com cantos de hospital, do jeito que Marissa me treinou, tirando poeira e aspirando, então vou para o segundo quarto e depois para o banheiro. Quando termino, encontro Marissa aspirando na sala.

Ela desliga e enrola o fio. — Tudo feito? Eu também. Vamos para o próximo. — Eu empurro o carrinho e ela bate na porta da suíte no corredor. Nenhuma resposta.

Ela nos informa. — É muito mais rápido ter você ajudando, diz ela com gratidão.

Lanço-lhe um sorriso. — Acho mais divertido trabalhar em equipe também. — Ela sorri de volta. — Sim, de alguma forma eu não acho que eles fariam isso como uma coisa normal, mas é bom para variar.

— Mesma rotina?

— A menos que você queira mudar? Este só tem um quarto.

— Nah. — eu digo — eu gosto de cama/banho. — Claro que é por causa da minha curiosidade que tudo consome. Há mais objetos pessoais em um quarto e um banheiro, não que eu tenha visto algo interessante no último lugar. Eu não fui bisbilhotando, é claro. As câmeras em cada canto me deixam nervosa.

Este lugar é igual ao anterior, como se tivessem pago a um decorador para mobiliá-los e fossem todos idênticos. Alto luxo, mas sem muita personalidade. Bem, pelo que entendi, a família Taccone — pelo menos os que administram o Bellissimo — são todos homens solteiros. O que posso esperar?

Eu arrumo a cama e passo um pano para tirar o pó.

Da sala de estar, ouço a voz de Marissa.

— O que? — Eu chamo, mas então percebo que ela está falando ao telefone.

Ela entra um momento depois, sem fôlego. — Eu tenho que ir. — Seu rosto ficou pálido. — Meu filho foi levado ao pronto-socorro por uma concussão.

— Ah Merda. Vá, eu tenho isso. Você quer me dar o cartão-chave da última suíte? Há três suítes neste último andar.

Ela olha em volta distraidamente. — Não, é melhor não. Você poderia simplesmente terminar este lugar e voltar para baixo? Vou ligar para Samuel para que ele saiba o que aconteceu. Samuel é nosso chefe, o chefe da limpeza. — Não se esqueça de ficar longe da mesa no escritório.

— Certo. Saia daqui. — Eu faço um movimento de enxotar. — Vá ficar com seu filho.

— Ok. — Ela tira a bolsa do carrinho e a joga no ombro. — Vejo você amanhã.

— Espero que ele esteja bem. — digo para ela de volta enquanto ela sai.

Ela lança um sorriso fraco por cima do ombro. — Obrigado. Tchau.

Pego o aspirador e volto para o quarto. Quando termino, ouço vozes masculinas na sala.

— Espero que você consiga dormir um pouco, Nico. Há quanto tempo?
— uma das vozes perguntou.

— Quarenta e oito horas. Maldita insônia.

— Boa sorte, vejo você mais tarde. — Uma porta se fecha.

Meu coração imediatamente bate um pouco mais rápido com excitação ou nervosismo. Sim, eu sou uma tola. Mais tarde, eu perceberia meu erro em não sair e me apresentar, mas Marissa me deixa nervosa com os Tacones e

eu congelo. O carrinho se destaca na sala de estar, no entanto. Decido ir ao banheiro e limpar tudo o que posso sem suprimentos frescos. Finalmente, desisto, endireito os ombros e saio.

Chego na sala e pego três toalhas dobradas, quatro toalhas de mão e quatro panos. Fora da minha visão periférica, observo os ombros largos e as costas de outro homem bem vestido.

Ele olha para cima, em seguida, faz um duplo olhar. Seus olhos escuros passam por mim, demorando em minhas pernas e viajando até meus seios, então rosto. — *Quem diabos é você?*

Eu deveria ter esperado essa resposta, mas isso me assusta de qualquer maneira. Ele soa assustador. Seriadamente assustador, e ele caminha em minha direção como se estivesse falando sério. Ele é lindo, com cabelos escuros e ondulados, um maxilar quadrado com barba por fazer e olhos de cílios grossos que me atravessam.

— Huh? Quem. Porra. Você é?

Entro em pânico. Em vez de responder a ele, eu me viro e ando rapidamente para o banheiro, como se colocar toalhas limpas em seu banheiro fosse consertar tudo.

Ele me persegue e me segue. — O que você está fazendo aqui? — Ele bate as toalhas das minhas mãos.

Atordoada, eu olho para eles espalhados no chão. — Eu sou... arrumadeira, — eu ofereço sem jeito. Maldito seja meu fascínio idiota pela máfia. Este não é o maldito *Sopranos*. Este é um homem perigoso da vida real usando uma arma em um coldre debaixo da axila. Eu sei, porque eu vejo quando ele chega para mim.

Ele agarra meus braços. — Besteira. Ninguém que se pareça com... seus olhos percorrem meu corpo de cima baixo — *você* trabalha na limpeza.

Eu pisco, não tenho certeza do que isso significa. Eu sou bonita, eu sei disso, mas não há nada de especial em mim. Eu sou o tipo loira de olhos azuis garota da porta ao lado, no lado curto e curvilíneo. Não como minha prima Corey, que é alta, magra, ruiva e linda de morrer, com a confiança para igualar.

Há algo lascivo na maneira como ele olha para mim que faz parecer que eu estou ali em borlas de mamilo e um fio dental em vez do meu vestido de empregada curto e justo. Eu jogo mudo. — Eu sou nova. Estou aqui há apenas algumas semanas.

Ele ostenta círculos escuros sob os olhos, e eu me lembro do que ele disse ao outro homem. Ele sofre de insônia. Não dorme há quarenta e oito horas.

— Você está grampeando o lugar? — ele exige.

— O Que? Eu não posso nem responder. Eu apenas olho como um idiota.

Ele começa a me revistar por uma arma. — Isso é um golpe? O que eles pensam, que eu vou foder você? Quem te enviou?

Eu tento responder, mas suas mãos quentes deslizando sobre mim me fazem esquecer o que eu ia dizer. *Por que ele está falando sobre me foder?*

Ele se levanta e me dá uma pequena sacudida. — Quem enviou você?
— Seus olhos escuros hipnotizam. Ele cheira a cassino, uísque e dinheiro, e por baixo disso, sua própria essência fervente.

— Ninguém... quero dizer, Marissa! — Eu exclamo o nome dela como uma senha secreta, mas isso só parece irritá-lo ainda mais.

Ele estende a mão e passa os dedos rapidamente ao longo da gola do meu vestido de empregada, como se estivesse procurando algum grampo escondido. Tenho certeza de que o cara está meio maluco, talvez delirando com a privação do sono. Eu congelo, não querendo irritá-lo.

Para minha surpresa, ele puxa para baixo o zíper na frente do meu vestido, até a minha cintura.

Se eu fosse minha prima Corey, filha de um agente malvado do FBI, daria uma joelhada nas bolas dele, com arma ou não. Mas eu fui criada para não fazer isso. Para ser uma boa garota e fazer o que a autoridade me diz para fazer.

Então, como uma idiota, eu apenas fico lá. Um pequeno gemido sai de meus lábios, mas não ousa me mexer, não protesto. Ele puxa o vestido justo na minha cintura e o puxa para baixo sobre meus quadris.

Eu liberto meus braços do tecido para envolvê-los em volta de mim.

Nico Taccone me empurra para o lado para tirar o vestido debaixo dos meus pés. Ele o pega e passa as mãos sobre ele, ainda procurando pelo mítico grampo enquanto eu tremo de sutiã e calcinha.

Cruzo os braços sobre os seios. — Olha, eu não estou usando um fio ou grampeando o lugar, eu respiro. — Eu estava ajudando Marissa e então ela recebeu uma ligação...

— Salve-o. — Ele late. — Você é muito fodidamente perfeita. Qual é o contra? Que porra você está fazendo aqui?

Estou confuso. Devo continuar discutindo a verdade quando isso só o irrita? Eu engulo. Nenhuma das palavras na minha cabeça parece ser a certa para dizer.

Ele pega meu sutiã.

Eu bato em suas mãos, o coração batendo como se eu tivesse feito duas aulas de spin consecutivas. Ele ignora minha fraca resistência. O sutiã tem um gancho frontal e ele obviamente se destaca em remover a lingerie feminina porque é mais rápido que o vestido. Meus seios saltam, e ele olha para eles, como se eu os tivesse descoberto apenas para tentá-lo. Ele examina o sutiã, depois o joga no chão e me encara. Seus olhos mergulham mais uma vez em meus seios e sua expressão fica ainda mais furiosa. — Tetas de verdade — ele murmura como se isso fosse uma ofensa punível.

Eu tento dar um passo para trás, mas esbarro no banheiro. — Não estou escondendo nada. Eu sou apenas uma empregada. Fui contratada há duas semanas. Você pode ligar para Samuel.

Ele se aproxima. Tragicamente, a ameaça endurecida em seu rosto bonito só aumenta sua atratividade para mim. Eu realmente estou conectada errado. Meu corpo vibra com a proximidade dele, amortecendo a boceta. Ou talvez seja o fato de que ele apenas me deixou praticamente nua enquanto ele está lá completamente vestido. Eu acho que isso é um fetiche para algumas pessoas. Aparentemente, eu sou uma delas. Se eu não estivesse com tanto medo, seria super quente.

Ele apalpa meu traseiro, dedos quentes deslizando sobre o tecido acetinado da minha calcinha, mas ele não está me apalpando, ele ainda está

trabalhando com eficiência, verificando se há grampos. Ele desliza um polegar sob o reforço, passando o tecido entre os dedos. Minha barriga vibra.

Oh Deus. A parte de trás de seu polegar escova minha fenda úmida. Eu me encolho de vergonha. Sua cabeça se levanta e ele me encara com surpresa, as narinas dilatadas.

Então suas sobrancelhas se fecharam como se isso o irritasse. Estou excitada, como se fosse um truque.

É quando as coisas realmente vão para a merda.

Ele saca sua arma e aponta para minha cabeça, na verdade, empurra o cano frio e duro contra minha testa. — *O que. Porra. Você está fazendo aqui?*

Eu mesma faço xixi.

Literalmente.

Deus me ajude.

Eu congelo e o xixi escorre pelas minhas coxas antes que eu possa parar. Meu rosto queima de humilhação.

Agora, a raiva e a indignação que eu deveria ter sentido desde o início se esvaem, mas eu olho para ele. — O que há de *errado* com você?

Ele olha para a poça no chão. Eu acho que ele vai... Bem, eu não sei o que eu acho que ele vai fazer — uma pistola me chicotear ou zombar ou algo assim — mas sua expressão relaxa e ele enfia a arma no coldre. Aparentemente, eu finalmente dei a reação certa.

Ele agarra meu braço e me arrasta em direção ao chuveiro. Meu cérebro está fazendo polichinelos tentando voltar a ficar online. Para descobrir o que diabos está acontecendo e como posso me livrar dessa situação muito louca, muito fodida.

Tacone estende a mão e abre a água, segurando a mão sob o spray como se estivesse verificando sua temperatura.

Meu cérebro não ligou novamente, mas eu luto com seu aperto no meu braço.

Ele a solta e mantém a palma da mão virada para fora. — Ok, ele diz. — Entre. — Ele tira a mão do chuveiro e vira a cabeça na direção do jato. — Limpe-se.

Ele vai entrar lá comigo? Ou isso é realmente apenas sobre a lavagem? Foda-se. Eu *sou* uma bagunça. Eu entro, calcinha e tudo.

Não sei quanto tempo fico ali, me afogando em choque. Depois de um tempo, eu pisco e a consciência volta. Então eu surto. O que diabos está acontecendo? O que ele vai fazer comigo? Eu realmente fiz xixi no chão dele? Eu quero morrer de vergonha.

Continue assim, Sondra.

Jesus Cristo. O chefe da máfia que está do outro lado da cortina do chuveiro pensa que sou um narc. Ou um espião ou rato — como eles chamam. E ele apenas me despiu até ficar de calcinha e apontou uma arma para minha cabeça. As coisas só poderiam piorar a partir daqui. Um soluço sobe na minha garganta.

Não chore. Não é um bom momento para chorar.

Eu tropeço contra a parede de azulejos, minhas pernas muito elásticas para ficar de pé. Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto e eu fungo.

A cortina do chuveiro se abre bem no meu rosto e eu recuo. Eu não sabia que ele estava do lado de fora.

* * *

Nico

Merda.

Minhas dúvidas restantes sobre a garota evaporam quando a ouço chorar. Se cometi um erro, é muito grande. Porque eu realmente não quero ter que explicar ao meu chefe de RH por que eu despi uma de nossas funcionárias e apontei uma arma para a cabeça dela. *No meu banheiro.*

Eu seriamente fui ao fundo do poço desta vez. A insônia está fodendo comigo, me deixando paranoico e com coceira. Eu preciso trazer meu irmão Stefano aqui para me ajudar a administrar o lugar para que eu possa dormir pelo menos uma hora por noite. Ele é o único em quem confio.

— Ei. — Eu faço minha voz mais suave. A garota está de pé sob o jato de água, encharcando suas tranças Harley Quinn e o par de calcinhas de cetim azul claro que ela ainda está usando.

Foda-se se eu não quero arrancá-los dela e ver o que está por baixo.

Tenho certeza que ela está em choque, e quem poderia culpá-la? Eu aterrorizo meus funcionários nos meus melhores dias e isso sem arrancar suas roupas e mostrar uma arma.

Seu peito estremece quando ela solta um soluço silencioso e fica sob minha pele, da mesma forma que sua fungada fez. De alguma forma, eu não acho que federais disfarçados ou qualquer tipo de profissional faria xixi no meu chão e choraria no meu chuveiro. Então sim. Eu seriamente fodi tudo aqui.

Passo por ela e desligo a água, encharcando todo o braço do meu paletó no processo. — Ei, não chore.

Um homem melhor pode se desculpar, mas até que eu tenha cem por cento de certeza de que não há nada de errado aqui, eu mantenho. Abro a cortina do chuveiro e a puxo para ficar no tapete do banheiro enquanto enrolo uma das toalhas do chão ao redor dela. Porque ela parece ainda estar em choque, eu enfio meus polegares no cós de sua calcinha molhada e puxo para baixo de suas pernas trêmulas. Não devo ser tão depravado quanto penso, porque de alguma forma consigo não olhar para o que ela guarda debaixo deles quando me agacho e agarro seu tornozelo para ajudá-la a sair do tecido pingando.

Eu os jogo na lata de lixo. Mais cedo, joguei uma toalha sobre o lugar onde ela fez xixi, e seus olhos dispararam para lá agora.

Eu sei que ela deve estar completamente humilhada por isso, mas a verdade é que ela não é a primeira pessoa que eu fiz mijar. Acho que ela é a primeira mulher. A única que eu sinto muito por assustar.

Ela está tentando abafar seus soluços, o que, é claro, só os transforma em bufos e suspiros sufocados. Agora eu realmente me sinto como um idiota de primeira classe.

— Ah, *bambina* .— Agarro as duas pontas da toalha e a puxo contra mim. Sua pele molhada umedece meu terno, mas tudo o que posso pensar é o quão suave sua forma nua e exuberante é contra o meu corpo. A exaustão em meus membros diminui, clareada pelas chamas do desejo incandescente.

— Shh. Você está bem.

Ela treme contra mim, mas seus soluços são silenciosos.

— Eu machuquei você?

Ela balança a cabeça, suas tranças molhadas espirrando uma gota de água na minha bochecha. Seu olhar rastreia até ele. Uma mecha solta na frente cai sobre seus olhos.

Eu mudo meu aperto na toalha para uma mão e uso a outra para afastar o cabelo de seu rosto. — Você está bem — repito.

Ela pisca para mim com longos olhos azuis. Adoro tê-la de perto e cativa, onde posso estudá-la melhor. Ela é tão bonita quanto eu pensava inicialmente, com pele de porcelana e maçãs do rosto salientes. Não é apenas a beleza que a torna especial. Há alguma outra qualidade que a faz parecer tão deslocada aqui. Uma inocência de rosto fresco. No entanto, ela não é excessivamente ingênua ou jovem. Ela também não é burra. Eu não posso colocar meu dedo nisso.

Eu não a libero. Eu não quero. O calor de seu corpo irradia através de minhas roupas úmidas e enche minha mente com os pensamentos mais sujos. Se eu fosse um cavalheiro, sairia do quarto e a deixaria se vestir, mas não sou. Eu sou um idiota com um cassino de hotel para administrar.

E eu ainda não sei quem diabos é essa garota ou como ela acabou na minha suíte. E sério, cabeças vão rolar por isso. Ainda mais porque a menina sofreu por isso.

Certo. Se meu cérebro estivesse funcionando melhor, eu poderia reconhecer que sou o único que pode levar a culpa por essa parte, especialmente porque ainda a estou segurando nua e cativa.

— É apenas porque uma garota que parece com você normalmente não limpa quartos em Las Vegas — eu ofereço como a desculpa mais esfarrapada de todas. É verdade, porém. Tenho certeza que há mais garotas como ela por

aí. Mas não as vejo por aqui. Tudo o que vejo são as traficantes de peitos falsos tentando trabalhar em algum ângulo. As profissionais. Mulheres que usam seus corpos como armas. E eu não tenho nenhum problema com elas. Estou feliz em usar seus corpos também.

Mas esta... ela é diferente.

Seus lábios carnudos se abrem, mas ela não diz nada.

Eu não posso manter minhas mãos para mim. Eu corro meu polegar em seu lábio inferior, traço para frente e para trás sobre a carne gorda.

Suas pupilas dilatam, me encorajando a continuar tocando.

— Uma garota como você geralmente está no palco – algum tipo de palco, mesmo que seja apenas um clube de cavalheiros.

Seus olhos se estreitam, mas eu não calo a boca.

— Garota como você poderia fazer uma tonelada de merda se vendendo. — Maria, Rainha da Paz, quero beijar a menina. Eu abaixo meus lábios, mas consigo parar acima dos dela. Um beijo definitivamente não seria bem-vindo. Posso ser um idiota assustador, mas não me forço às mulheres.

— Você sabe quanto um cara como eu pagaria por uma noite com você?

Desta vez eu realmente fui longe demais. Ela tenta se afastar de mim. Eu não a solto, mas levanto minha cabeça. Ela aperta os lábios por um momento antes de dizer: — Posso ir? recuo, mas balanço minha cabeça. — Não. — É uma sílaba decisiva e curta.

Ela se encolhe. As pupilas dilatadas se estreitam de volta ao medo. Eu não gosto dela com medo tanto quanto gosto dela trêmula e suave, aberta para mim, do jeito que ela estava um momento atrás. É uma distinção sutil, porém, porque eu amo a posição de poder de tê-la aqui, à minha mercê.

— Ainda preciso de algumas respostas. — Eu a apoio em direção ao balcão da pia, então a pego pela cintura e coloco sua bunda nua no tampo de mármore frio. As abas da toalha se abrem quando eu a solto, e dou outra olhada em seus seios perfeitos e cheios enquanto ela luta para encontrar os cantos e puxá-lo para fechar.

Eu balanço minha cabeça para limpar a nova inundação de luxúria disparando através de mim. Meu pau ficou duro como pedra. Sou um homem acostumado a conseguir tudo o que quer, o que geralmente inclui mulheres. O fato de que esta não está disponível me faz querê-la ainda mais. — Sério — eu murmuro. — Eu pagaria cinco dígitos por uma noite com uma garota como você. — Mesmo enquanto eu digo isso, eu sei que nunca a quereria desse jeito. Eu gostaria de persuadir a vontade de um presente.

E esse é o meu pensamento mais estranho até agora. Porque eu nunca, nunca passo tempo namorando.

— Eu não sou uma prostituta. — Ela retruca, os olhos azuis brilhando.

Sua raiva me tira da minha fantasia de privação de sono. Eu pisco várias vezes. — Eu sei. Apenas dizendo que você poderia ganhar muito dinheiro nesta cidade.

Eu balanço minha cabeça. Que porra estou dizendo? Não quero que essa garota se torne uma dessas mulheres.

E ela só quer dar o fora daqui. Então eu preciso voltar para o meu interrogatório.

— Quem é você e por que está aqui?

Ela dá uma respiração trêmula. — Meu nome é Sondra Simonson. Minha prima, Corey Simonson, trabalha aqui como traficante. Ela me

arranjou um emprego de faxineira enquanto espero que algo melhor se abra. Ela fala rapidamente, mas não parece ensaiado. E tem detalhes suficientes para soar verdadeiro. — Marissa é minha chefe e me ofereci para ajudá-la a limpar os quartos aqui porque alguns funcionários habituais estão doentes. O filho dela teve uma concussão e ela teve que me deixar aqui sozinha. Tudo o que fiz foi limpar. — Ela levanta o queixo, embora seu pulso trema em um ritmo frenético em seu pescoço.

Espero que ela continue, não porque eu ainda esteja tão desconfiada, mas porque gosto de ouvi-la falar.

Ela balbucia: — Acabei de me mudar de Reno para cá... dei aulas de história da arte na Truckee Meadow Community College.

Eu inclino minha cabeça, tentando assimilar essa nova informação. Isso só aumenta o erro dessa garota estar no meu quarto. — Por que uma professora de história da arte está trabalhando como empregada doméstica no meu hotel?

— Porque eu tenho um péssimo gosto para homens, — ela desabafa.

— Sério ? — Eu tenho que trabalhar para não sorrir. Eu inclino meu quadril contra o balcão entre suas coxas abertas. Quando ela cora, eu sei que ela deve estar pensando em quão perto sua linda boceta nua está da parte de mim mais ansiosa para tocá-la.

Estou ainda mais fascinado por esta adorável criatura agora. Por que tipo de cara um professor de história da arte se apaixona?

Ela engole e assente. — Sim.

— Você seguiu um cara aqui?

— Não. — Ela solta a respiração com um suspiro. — Eu desisti de um. Acontece que tínhamos um interesse não compartilhado em poliamor.

Eu levanto uma sobrancelha. Ela está me estudando de volta, seus olhos azuis inteligentes agora que o medo está passando.

— Vamos apenas dizer que encontrá-lo transando com três garotas em nossa cama ficará para sempre gravado em minha mente. Então — ela dá de ombros, — eu peguei nosso carro e vim para Vegas. Mas o carma me pegou porque foi totalmente destruído quando cheguei.

— Como é esse o seu carma?

— Porque metade daquele carro pertencia a Tanner e eu o roubei.

Eu dou de ombros. — O nome de quem estava nos documentos?

— Meu.

— Então é o seu carro — eu digo, como se eu fosse o cara que toma a decisão final sobre todas as coisas a ver com o ex dela. — Então isso ainda não explica por que você está no meu banheiro.

Ou talvez sim. Meu cérebro ainda está em curto-circuito por falta de sono. A verdade real é provavelmente que eu não quero deixá-la ir. Eu gostaria de amarrá-la no meu quarto e interrogá-la com meu chicote de couro a noite toda. Eu me pergunto como aquela pele pálida ficaria com minhas impressões de mão nela.

Demais, Tacone. Eu tento puxar para trás. A sala nada e mergulha enquanto minha visão se arrasta. Porra, eu preciso dormir.

Ela pisca rapidamente. — Porque você não vai me deixar sair?

Eu tinha razão. Ela é inteligente.

Os cantos da minha boca se contraem.

— A limpeza é o único lugar onde eu poderia conseguir um emprego em cima da hora. Prefiro trabalhar como traficante. Acha que pode me ajudar? — Agora ela está ficando atrevida.

Engraçado, eu não tenho vontade de derrubá-la do jeito que eu costumo fazer com os funcionários. A menos, é claro, que envolva ela nua e à minha mercê.

Oh sim. Eu já configurei isso.

Mas a sugestão de ela trabalhar como traficante me irrita pra caralho. Eu não sei se é porque ela seria arruinada por Las Vegas em um mês, ou porque eu realmente quero mantê-la no meu quarto. Limpando meu chão. Nu.

— Não.

Ela se encolhe porque eu digo a palavra muito forte. Estou definitivamente tendo dificuldade em modular meu comportamento. Mas ela apenas dá de ombros. — Bem, isso é temporário, de qualquer maneira. Só até eu ganhar o suficiente para comprar um carro novo e encontrar um emprego de professora.

Ok, mesmo não confiando em meus instintos, acho que ela é quem diz ser. O que significa que não tenho boas razões para mantê-la prisioneira aqui. Eu dou um passo para trás e dou outra longa leitura dela agora que eu sei mais sobre ela. Seriamente. Eu quero mantê-la.

Mas considerando as coisas que acabei de fazer com ela, ela provavelmente vai desistir no segundo em que sair da minha suíte. Aponto para seu vestido amassado e sutiã no chão. — Vista-se.

Antes de fazer ou dizer qualquer coisa para traumatizar a garota, saio do banheiro, fechando a porta atrás de mim.

CAPÍTULO 2

Sondra

Isso foi interessante. Meus joelhos vacilam quando me levanto. O que ele vai fazer agora? Estou livre para ir? Eu visto minhas roupas com as mãos trêmulas e fecho meu vestido todo, mesmo que ele já tenha visto meus seios.

A calcinha molhada está na lixeira, então eu vou comandar.

Decido que o melhor curso de ação é manter minha cabeça erguida e sair dali. Porque de jeito nenhum eu vou ficar por aqui para terminar de limpar a suíte dele depois do que acabou de acontecer. Agarro a maçaneta e respiro. Aqui vai nada.

Ele está no corredor em frente ao meu carrinho, falando no celular. Bloqueando minha saída.

Droga.

Eu recupero o fôlego novamente com o quão assustador e sexy ele parece, a maneira deliciosa como ele preenche o terno caro, seu cabelo grosso e escuro que enrola nas bordas, os olhos escuros penetrantes.

Ele termina a ligação e coloca o telefone no bolso do terno. — Sua história foi confirmada, pelo menos por enquanto. Vou cavar mais. — Seus olhos escuros brilham, mas a ameaça que senti ali antes desapareceu.

Eu endireito minhas costas, o que atrai seu olhar para os meus seios. — Você não vai encontrar nada.

Os cantos de sua boca se curvam levemente. Ele me observa como um leão observa a presa. Com fome. Seguro de si mesmo. Ele balança a cabeça,

quase com tristeza. — Garota que se parece com você... não deveria estar limpando quartos — ele murmura.

Eu passo por ele, dando-lhe um amplo espaço. — Sim, você disse isso antes.

Ele me violou totalmente. Me despiu e me viu fazer xixi em seu chão. Eu preciso dar o fora daqui e nunca mais voltar. Esqueça o trabalho para a máfia. Eu tenho uma vida que vale a pena ser vivida... em outro lugar. Em algum lugar longe de Vegas.

Eu empurro o carrinho, mesmo que eu nunca tenha terminado de limpar o banheiro dele. *Apenas dê o fora, Sondra.*

— Espere, — ele late. — Deixe o carrinho. Tony vai te levar para casa.

Uma batida soa na porta e um cara enorme com um fio no ouvido entra. A julgar pela protuberância nas laterais, ele acumula tanto calor quanto Tacone.

Porra foda foda.

Eu dou um passo para trás, balançando a cabeça. *Oh infernos não.* Eu não vou entrar em um carro com esse cara para que ele possa atirar na minha cabeça e me deixar de um cais. Ok, não há cais em Las Vegas. A Represa Hoover, então. Eu não sou tão estúpida.

— Relaxe. — Tacone deve ter visto o sangue sumir do meu rosto. — Você vai chegar em casa em segurança. Você tem minha palavra. Espere só um minuto. — Ele sai da sala e entra em seu escritório.

— E-eu vou pegar um ônibus, — eu digo atrás dele e vou em direção à porta, na esperança de contornar Tony. — Isso é o que eu costumo fazer.

Tony não se move de sua posição na frente da porta.

— *Você não vai pegar a porra do ônibus.* — Tacone soa tão assustador que eu paro no meu caminho. Ele volta segurando um envelope, que entrega a Tony e murmura algo que não ouvi. — Vá com Tony. — É um comando, não uma opção. Tony ficou lá com cara de pedra o tempo todo. Agora, ele levanta o queixo para mim.

Eu ando até a porta, tremendo como uma folha. Tony abre, me conduz e fecha novamente. Eu lanço um olhar para o homem musculoso ao meu lado. Tony deixa cair uma pata enorme na minha nuca. — Você está bem?

Seramente? Esse cara se importa com o meu bem-estar?

Ele me conduz para dentro do elevador. — Você está machucada? Ou apenas com medo?

Cada pedaço do meu corpo treme. — Estou bem. — Eu pareço mal-humorada. Eu me posiciono o mais longe possível dele, cruzando os braços sobre o peito.

Tony franze a testa para mim. O elevador desce. — O chefe não é ele mesmo. Ele não... A carranca se aprofunda. — Ele forçou você?

Ok, isso é meio doce. Esse cara realmente está me verificando. Mas ele trabalha para Tacone, chefe da família do crime, então não sei por que ele está perguntando. — O que você faria se eu dissesse *sim* ?

Fúria escura toma conta do rosto do cara. Ele dá um passo em minha direção. — Foi isso que aconteceu? — Perigo tinge as bordas de sua voz.

Eu balanço minha cabeça. — Não. Não como você está pensando. — Eu desvio o olhar. — Isso não. Algo mais. — Eu não olho, mas posso sentir seu olhar ainda em mim.

— O que você teria feito se eu dissesse sim? — pergunto novamente. Suponho que minha curiosidade mórbida sobre todas as coisas da máfia leva à pergunta repetida.

Ele aperta os lábios e retoma uma postura de soldado. Seu sinal de que ele não vai responder.

Quando o elevador se abre, corro para a frente, ziguezagueando entre a multidão de jogadores. De alguma forma, ele fica bem atrás de mim. A mão carnuda cai na minha nuca novamente. — Desacelerar. Tenho ordens para levá-lo para casa.

— Eu não preciso de uma carona. Vou pegar o ônibus... sério.

Ele não tira a mão, mas a usa para me direcionar através da multidão, que se abre para sua grande estrutura e presença maior. — Eu não vou bater em você, se é isso que você pensa.

Eu balanço minha cabeça. Eu não posso acreditar que estamos tendo uma conversa onde *bater em* alguém está envolvido.

— Bom saber. — É tudo o que pareço ser capaz de dizer.

Ele me leva para outro elevador, um privado que ele usa seu cartão-chave para entrar. Chegamos ao andar mais baixo, que parece ser o estacionamento privativo. Ele me leva até uma limusine e abre a porta dos fundos para mim.

— Nós vamos nessa? — Talvez ele realmente não vá me matar. Eu olho em volta para os outros carros lá. Limusines, Bentleys, Porsches, Ferraris. Filas e mais fileiras de carros de luxo lotavam o chão. *Uau*.

Tony sorri como se ele pensasse que eu sou fofa. — Sim. Entre.

— Você é tão mandão quanto seu chefe, — murmuro e ele sorri.

Faço o que me mandam. Ainda não tenho cem por cento de certeza se isso é uma sentença de morte ou não, mas posso respirar com mais calma agora.

Ele não pede meu endereço, mas dirige direto para a casa de Corey e estaciona na calçada em frente à casa. Um calafrio percorre minha espinha.

Tacone certamente tinha me verificado. Esta é outra maneira que ele joga seu peso ao redor? Mostrando-me que ele sabe onde eu moro e como me encontrar?

Ou isso é realmente uma entrega de cortesia?

Eu empurro a porta no segundo em que o carro para.

— Espere. — A voz profunda de Tony não tem o mesmo efeito que a de Tacone. Eu não congelo. Em vez disso, corro para a porta. — Eu disse, espere, — ele grita, e ouço a batida de sua porta. — Senhor. Tacone queria que eu lhe desse algo.

Esperemos que não uma bala entre os olhos. Eu procuro minhas chaves.

Não, estou sendo estúpida. Ele me levou para casa. O cara não vai me matar. Eu me viro e o vejo correr pela calçada. Ele tira o envelope que Tacone lhe entregou do bolso do paletó e me entrega. Meu nome está rabiscado na frente em uma gravura fina e elegante. Por alguma razão, estou surpreso com a beleza da caligrafia de Tacone.

Eu respiro trêmula. — É isso?

Os olhos de Tony se enrugam. — Sim, é isso.

Eu engulo. — Ok. Obrigado.

Ele sorri e se afasta sem outra palavra.

Minhas mãos tremem enquanto coloco a chave na fechadura.

Acabou. Um dia ruim, nada mais. Nunca mais tenho que voltar lá. Sim, eles sabem onde eu moro, mas me levaram para casa são e salvo. Nada mais virá disso. Eu tive meu gostinho da máfia, exatamente como eu queria. Amanhã vou começar a me candidatar a um emprego normal. Um que não envolve personagens obscuros do submundo com mãos enormes e quentes e olhos escuros penetrantes. Um sem armas, ou o tilintar de moedas em máquinas caça-níqueis.

Um sem Tacone.

* * *

Sondra

Dean, namorado de Corey, está sentado no sofá assistindo TV. — Oi, Sondra. — Ele parece um pouco feliz demais em me ver.

Meu estômago aperta, a consciência do meu estado sem calcinha aumentando. O cara tem o hábito de me olhar de soslaio, e tenho medo de que ele de alguma forma descubra que não há nada sob meu vestido muito curto.

— Ei — eu murmuro.

Ele me dá uma varredura de cima e para baixo de seus olhos, demorando muito tempo em meus seios. — E aí?

De jeito nenhum eu vou contar a ele sobre o meu dia louco. Corey, sim, mas não ele. Infelizmente, eu não tenho meu próprio quarto, eu caí no sofá deles, então não havia onde me esconder. Ganhar o suficiente para colocar um depósito pela minha própria casa é minha primeira prioridade, até mesmo em relação a comprar um carro que funcione.

Vou até minha mala no canto e pego uma muda de roupa antes de me trancar no banheiro. Só então percebo que ainda seguro o envelope do Sr. Tacone. Enfio o polegar sob a aba e a abro. Seis notas nítidas de cem dólares deslizam com uma nota de papel.

Eu inspiro. Para alguém que está praticamente falida, comendo nada além de macarrão ramen durante a faculdade e a pós-graduação, é muito dinheiro. Eu tinha bolsas de estudo e assistência na faculdade, mas isso ainda me colocava abaixo do nível da pobreza. O ensino adjunto também não pagou as contas.

A nota está escrita com a mesma caligrafia no envelope.

SONDRA

Desculpe por te assustar. O dinheiro não resolve tudo, mas às vezes ajuda. Espero que volte ao trabalho amanhã.

— Nico

Meu coração dispara. *Nico*. Ele assinou seu primeiro nome? E pediu desculpas. Não pessoalmente, mas ainda assim, é um pedido de desculpas.

Espero que volte ao trabalho amanhã.

A imagem de seu rosto inclinado a poucos centímetros do meu enquanto ele agarrava a toalha que me prendia contra ele passa pela minha mente. Meus joelhos ficam fracos. Ele *quer* que eu volte?

Ele adivinhou corretamente que eu planejava desistir e nunca mais pôr os pés no lugar. Eu me abano com as notas de seiscentos dólares. Algumas pessoas adotariam uma base moral elevada. Diga que eles não o deixariam

comprar seu silêncio ou obediência ou qualquer outra coisa. Mas eu não. Ele tem razão. O dinheiro ajuda muito a consertar as coisas.

Ainda assim, o idiota apontou uma arma para minha cabeça. E me despiu. E eu *fiz xixi*. Foi o momento mais humilhante de toda a minha vida.

Mas minha sensação de violação desaparece quando me lembro do jeito que ele também me empurrou no chuveiro, me enxugou e murmurou, *você está bem*.

Eu olho para o dinheiro. Seiscentos dólares mais perto de sair do sofá da minha prima e ir para o meu próprio lugar. Seiscentos dólares mais perto de conseguir outro carro. Posso comprar mantimentos e pagar minha prima pelo que ela já me ajudou.

Talvez não me matasse aparecer no trabalho amanhã. Sim, foi totalmente humilhante, mas provavelmente nunca mais verei o cara. Isso me pouparia o trabalho de encontrar um novo emprego temporário enquanto resolvo minha vida.

Eu expiro lentamente, tentando apagar a visão de Taccone afastando meu cabelo do meu rosto, seu olhar penetrante. Eu não vou ter que vê-lo novamente. E isso é uma coisa boa. Definitivamente uma coisa boa.

* * *

Nico

Sondra Simonson. É o nome verdadeiro dela. Pedi ao segurança que puxe tudo o que puderem encontrar sobre ela e me traga o arquivo. Junto com o feed de vídeo da nossa interação.

Acontece que Samuel, o chefe da limpeza, já demitiu Marissa, a chefe de Sondra, por deixá-la na minha suíte, mas eu mesma ligo para ele para dizer que está tudo bem.

E para solicitar que Sondra substitua a governanta regular da suíte de cobertura.

Porque se ela não desistir, eu definitivamente a quero no meu quarto novamente.

Nua.

De preferência nua e disposta desta vez, mas eu seria um maldito mentiroso se dissesse que não gosto dela um pouco assustada. Havia algo tão atraente na maneira como ela tremia e ficava excitada quando eu a despia.

Ou eu tinha imaginado?

Vou descobrir em breve. Onde está esse maldito feed de vídeo? Eu sou como um viciado esperando por seu próximo hit. Não vejo a hora de ver o vídeo dela. Eu vou foder minha mão a noite toda com a visão de seus lábios carnudos e grandes olhos azuis decorando minha tela.

Uma batida soa na porta. — É o Tony. — A voz profunda do meu braço direito ecoa pela porta.

— Sim?

— Eu a deixei. — Ele entra e me dá um olhar cuidadoso. Eu sei que ele não veio aqui só para me dizer isso. Ele veio para descobrir o que diabos aconteceu. Por que mandei a empregada para casa molhada e assustada.

Ele está preocupado comigo. Meu estado mental está começando a desmoronar com a incapacidade de dormir. Ele é muito esperto para sair e

me perguntar o que aconteceu. Ele sabe que eu diria a ele para cuidar de seu próprio negócio. Mas ele fez uma carreira ficando ao meu redor em silêncio, servindo como meu guarda-costas, se tornando disponível quando eu sinto vontade de fazer confidências.

Ele não é da família. Ele nem é italiano. Ele é apenas um cara grande e leal de Cícero que decidiu que eu era o cara que ele seguiria até as entranhas do inferno. Eu acho que você poderia dizer que ele é a coisa mais próxima que eu tenho de um amigo.

Se um Tacone realmente tem um amigo.

— Ela é nova. Eu pensei que ela parecia estranha, então eu a revistei.

Um músculo na mandíbula de Tony se contrai, mas ele não diz nada. Tony é absolutamente um defensor das mulheres. Sua mãe foi muito maltratada por seu pai e ele ainda está ansioso para igualar essa pontuação com qualquer cara que maltrata uma mulher. Provavelmente até, se fosse necessário, eu.

Mas não costumo ter o hábito de maltratar as mulheres.

Este foi um caso especial.

Eu franzo meus lábios e dou de ombros. — Eu também posso ter apontado uma arma para a cabeça dela enquanto a questionava. — Digo a ele caso haja alguma bagunça que precisamos limpar das consequências. Espero que Sondra não vá fazer barulho. Eu não acho que ela vai.

E por algum motivo isso me incomoda muito.

Tenho péssimo gosto para homens.

Inteligente, bem-educada, ela não deveria estar andando por aí com essa falha fatal que a coloca em perigo. Especialmente não em Vegas.

Exceto que é provavelmente aquele gosto terrível que a tornou flexível em meus braços também. Esses mamilos incríveis endureceram, essa boceta ficou molhada para mim. E eu nem estava dando em cima dela. Eu estava lidando com ela como um lunático demente.

Porra.

Tony enfia as mãos nos bolsos. — Meu Deus, Nico. A falta de sono deixa você paranoico.

— Eu sei. — Eu corro minha mão pelo meu cabelo.

— Você precisa tomar alguma coisa. Você já experimentou as drogas?

Eu tenho uma prateleira cheia de remédios que deveriam me ajudar a dormir, mas ou eles não funcionam ou eu não gosto do jeito que eles me fazem sentir depois. Não que eu goste do delírio em que estou agora. — Não. Acho que vou conseguir dormir esta noite.

— Isso é o que você disse ontem à noite.

Olho pela parede de janelas que compõem minha suíte na cobertura.

— Então você a trouxe para casa? Ela estava bem?

— Ela estava arisca. Você a recompensou?

As palavras que *a recompensei deixaram* meus dentes no limite, mesmo que tenha sido exatamente o que eu fiz. Ainda assim, soa tão sórdido quando associado a ela. É a mesma razão pela qual não quero vê-la negociando no meu andar. Ela não deveria ser manchada por toda a merda que acontece neste hotel cassino.

Ela não deveria ser manchada por mim.

Pena que quero sujar ela de todas as maneiras possíveis.

Se eu fosse um homem melhor, garantiria que nossos caminhos nunca mais se cruzassem. Mas eu não sou. Eu não sou um bom homem. Eu a coloquei de volta na cova dos leões.

Vou ter que esperar até amanhã para ver se ela é tão esperta como parece ou se ela prometeu nunca mais pisar neste lugar novamente.

* * *

Sondra

Tomo um banho e saio do banheiro, sem surpresa ao encontrar Dean à espreita do lado de fora, ostensivamente na cozinha. Eu não descobri como dizer a Corey que eu acho que o namorado dela é um babaca lascivo e traidor. Eu não tenho nenhuma prova, apenas o jeito que ele olha para mim, e parece muito mais interessado em falar comigo ou sair quando estamos sozinhos.

Considerando que sou um ímã para namorados traidores, conheço a vibe.

Eu costumo ter o hábito de não estar por perto quando Dean está na casa sem Corey, mas o cara de Tacone me levou para casa muito rápido. Eu tento fazer o melhor. — Ei, Dean. Você sente vontade de me levar ao supermercado? Fui paga hoje. — *Por ser revistado.*

Desta vez, quando a memória das mãos grandes e quentes do Sr. Tacone — Nico — perambulando pelo meu corpo voltou, o medo se foi. Uma breve fantasia pisca em minha mente, ele descascando minha calcinha pelas minhas pernas por um motivo diferente...

Você sabe quanto um cara como eu gastaria por uma noite com uma garota como você?

Cinco mil dólares!

Pare de pensar nele!

Preciso esquecer que Nico Tacone é exatamente o tipo de homem que faz meus dedos do pé se curvarem. Escuro. Perigoso. Imprevisível. O último bad boy.

Sim, estou em perigo de cair para o lado negro novamente. Grande momento.

Eu preciso ficar forte.

O namorado de Corey suspira e revira os olhos – aparentemente é uma grande inconveniência me dar uma carona até o supermercado. Ele tem insinuado o quanto devo a eles desde o dia em que apareci. – Sim, tudo bem, eu vou te levar. – Ele provavelmente está apenas desapontado por não ficarmos sozinhos na casa da cidade.

Eu não me importo com a reação dela ao me fazer dormir na casa deles. Corey e eu somos praticamente irmãs. Crescemos na pequena cidade de Michigan, primas morando do outro lado da rua. O pai dela é policial e ele era um idiota abusivo antes de abandonar a mãe dela, então ela passava a maior parte do tempo na minha casa.

Mas um cara nunca se interpôs entre nós antes, e Dean parece ser o tipo de cara que cria vários dramas. Eu preciso sair daqui antes que as coisas fiquem ainda mais estranhas. Mais um motivo para ir trabalhar amanhã.

CAPÍTULO 3

Sondra

— O que diabos aconteceu ontem? — Minha chefe, Marissa, exige no minuto em que eu apareço na área de limpeza.

Eu tento manter meu rosto em branco. Eu não sei o quanto ela sabe, mas eu com certeza não quero que toda a equipe saiba que eu fui despida até ficar de calcinha no banheiro do Sr. Tacone. Ou que ele me pagou seiscentos em dinheiro por isso. Ou que duas dúzias de rosas de pêssego chegaram para mim na casa de Corey na noite passada.

Eu nunca recebi duas dúzias de rosas na minha vida. Dei metade delas para Corey, que me arrastou para o quarto dela para contar a ela o que aconteceu em particular. Corey achou a história insana e declarou que Tacone tem uma queda por mim.

Eu levanto meus olhos para o meu supervisor. — O que aconteceu com seu filho? — Tento redirecionar a conversa.

Ela não está tendo isso. Ela acena com a mão com impaciência. — Concussão. Ele caiu para trás no concreto no pátio da escola. O que aconteceu com você?

Meu rosto aquece. Abro a boca, mas não tenho certeza de como responder. — O que você ouviu?

Irritação pisca em seu rosto. — Bem, primeiro Samuel ligou para dizer que eu fui demitida por permitir você lá em cima. Então ele ligou de volta para dizer que não, na verdade, ele ouviu do próprio Nico Tacone que estava tudo bem. Tão bem, na verdade, Tacone pediu que você fosse a pessoa

regular da limpeza da cobertura. *O que paga o dobro do que você está ganhando agora.* Ela cruza os braços sobre o peito. — Então o que aconteceu?

Espere o que? Meu coração dispara correndo à minha frente. *Ele quer que eu seja sua pessoa de limpeza regular?* Isso significaria vê-lo novamente, cara a cara. O homem que me humilhou e cobiçou meu corpo nu. Quem me viu chorando. E umida. Não. Eu não posso.

Mas o dobro do pagamento... isso definitivamente me tiraria da casa de Corey mais rápido. Fora de Vegas, se for o que eu decidir.

Marissa fica ali, sobrancelhas levantadas, esperando uma explicação. Opto por uma verdade parcial. — Enquanto eu estava limpando o quarto de Nico Tacone, ele voltou e se apavorou porque não me conhecia. Quero dizer, *apavorado*. Ele apontou uma arma para minha cabeça.

Marissa tapa a boca com a mão e seus olhos se arregalam.

— Eu pensei seriamente que ia morrer.

A simpatia toma conta de suas feições. — Oh meu Deus, Sondra, eu sinto muito. Eu nunca deveria ter deixado você lá sozinha.

Eu dou de ombros. — Acabou tudo bem. Depois que ele verificou minha história, acho que ele se sentiu mal por me assustar. — *Ou fazer xixi, conforme o caso.* — Ele me mandou para casa em uma limusine com seu motorista.

Marissa solta uma gargalhada surpresa. — Não acredito!

Eu concordo. — História verdadeira.

— Bem, provavelmente não faz mal que você seja jovem e bonita. Tenho certeza que se fosse eu, teria sido demitida na hora.

— Você é jovem e bonita.

Ela sorri. — A bajulação a levará a todos os lugares.

Eu tento não deixar suas palavras alimentarem a emoção estúpida já zumbindo sob todos os meus pensamentos mais sãos. Nico é levado por mim? Eu não deveria esperar que sim. Certamente meu bom senso entrará em ação em breve. Exceto que eu não dormi na noite passada. Eu tinha meus dedos entre minhas pernas, fantasiando sobre como teria sido se Nico Tacone me virasse para o balcão em seu banheiro e mergulhasse seu pênis autoritário dentro de mim até que eu gritasse.

De repente, as sobrancelhas de Marissa se fecham. — Você se sente segura? — ela exige. — Porque eu não vou mandar uma jovem vulnerável lá para ser molestada. Foi essa a vibração que você recebeu dele?

Foi isso? Não, na verdade não. Além da parte de quase me beijar. E me mandando rosas. Mas *molestado* é uma palavra forte. Eu não me senti *tão* vulnerável. Sim, ele me aterrorizava, mas também fascinava. Ele realmente cuidou de mim de uma maneira estranha, me empurrando no chuveiro para me limpar e me secar. E tirando minha calcinha encharcada.

Mas eu me sinto segura?

Não.

Isso é metade do apelo? Corey diria que sim. Porque eu possuo um gene aberrante de busca de emoções quando se trata de homens.

— Sim, ele está bem. Eu não recebo uma vibração assustadora dele. — murmuro, empilhando meu carrinho com suprimentos.

— Tem certeza? Porque se você ainda está muito abalada, não tenho medo de dizer a eles. Eles têm um pesadelo de recursos humanos esperando para acontecer com você.

De alguma forma, duvido que a família Taccone dê a mínima para problemas de recursos humanos. Eles provavelmente têm sua própria maneira especial de lidar com problemas que não envolvem ações judiciais ou pagamentos. A menos que você conte o pagamento que Nico me deu ontem de seiscentas batatas fritas.

— Sim, tenho certeza. Eu vou ficar bem.

— Ok, aqui está o seu novo cartão-chave. Você é responsável pelas três suítes no último andar e nada mais, de acordo com o Sr. Taccone.

— Isso não vai levar o dia todo, no entanto. O que eu faço quando terminar?

— Você tem que ir para casa.

Ah, então eu realmente não estou recebendo um aumento. Bem, vou trabalhar menos horas pela mesma quantia de dinheiro, então é uma melhoria. Mas isso não me tira da casa de Corey mais cedo. Ainda assim, não estou reclamando. Isso me dará tempo para me candidatar a cargos de ensino.

Pego meu carrinho e o novo cartão-chave que ela me dá no elevador. No último andar, limpo primeiro as outras duas suítes. Ambas têm dois quartos. Eu me pergunto a quem eles pertencem. — os irmãos de Nico? Primos? Eu gostaria de saber mais sobre a operação aqui. Quando me inscrevi pela primeira vez no Bellissimo e Corey me disse que era uma máfia, pesquisei no Google, mas nada apareceu. Zero. Não que eu esteja surpresa. Se Nico Taccone assume que uma nova empregada está grampeando sua casa, então ele é paranoico ou tem alguns segredos sérios para manter

escondidos. O segundo pensamento envia um arrepio correndo pela minha espinha.

A curiosidade matou o gato, Sondra. Sim. Pena que a atração pelo tipo errado de homem nunca desaparece para mim.

Depois de terminar com as outras duas suítes, bato na porta de Nico. Eu tenho que admitir, meu coração bate mais rápido enquanto eu fico esperando por uma resposta. Estou ao mesmo tempo emocionada e tremendo com a ideia de vê-lo novamente.

Eu uso o cartão-chave e entro. Eu ouço sua voz primeiro, então o vejo andando em sua varanda, falando, na verdade, gritando, em seu telefone. Sua cabeça se levanta e os olhos se fixam em mim com a mesma intensidade sombria de ontem. Ele diz algo mais no telefone e depois o coloca no bolso, sem tirar o olhar de mim.

Eu empurro o carrinho para o centro da sala, esperando estar escondendo o quanto ele me enerva.

Ele abre a porta de vidro da sacada e vem em minha direção. — Você voltou.

Ele parece satisfeito, ou estou imaginando?

— Sim. — eu murmuro e faço um grande show puxando suprimentos do carrinho.

— Eu não tinha certeza que você faria.

Eu me viro e grito para encontrá-lo bem na minha frente, o calor de seu corpo irradiando no meu.

Oh senhor, ele ainda é lindo. Olhos castanhos chocolate com longos cílios escuros e curvados, o tipo pelo qual uma mulher mataria. Pele de

azeitona. Sua mandíbula quadrada ostenta uma sombra de cinco horas. As bolsas sob seus olhos ainda estão lá, mas não tão pronunciadas hoje. Sua camisa de botão azul pervinca abre no colarinho, revelando uma leve camada de cachos escuros.

Eu corro minha língua sobre meus lábios para umedecê-los e seus olhos seguem o movimento. — Você vai me revistar de novo?

Seus lábios chutam nos cantos e de repente me encontro apertada contra o carrinho. Ele não está me tocando, mas não demoraria muito para deixar nossos corpos alinhados um com o outro. — Você quer que eu reviste?

Sim.

— Não, obrigado, estou bem. — Eu engulo, o calor se acumulando entre minhas pernas, meu núcleo tremendo. Seus lábios estão a poucos centímetros de distância. Eu posso sentir seu hálito mentolado e fresco. — Você dormiu noite passada?

Ele arqueia uma sobrancelha — sim, apenas uma hora. É uma estrela de cinema sexy. — Você está perguntando pelo meu bem-estar, *bambina* ? Depois do que eu fiz com você ontem?

Meu rosto fica quente com o lembrete e eu dou de ombros.

— Você é tão doce quanto parece, não é? — Seu rosto escurece e ele dá um passo para trás. — Você não deveria ter vindo. — Ele balança a cabeça. — Achei que você desistiria com certeza.

De repente estou sufocando com a decepção dele comigo, que espelha a minha. Quando eu vou ficar esperta? Bartenders que gostam de usar ecstasy e mafiosos donos de cassinos são más notícias.

Como se ele sentisse minha mudança de humor, ele estende a mão e toca meu ombro. É um toque leve — respeitoso. Nada sexy ou dominante sobre isso. — Sinto muito por ontem, Sondra.

A maneira como ele diz meu nome faz minhas entranhas se contorcerem. Eu não esperava que soasse tão... *familiar* em seus lábios.

— Estou feliz que você voltou, mesmo que eu desejasse para o inferno, pelo seu bem, que você não voltasse.

Eu empurro meu queixo para frente. — Então qual é? Você me quer aqui ou não?

De repente, estou preso contra o carrinho, enjaulado pelas duas faixas de aço de seus braços. Tacones vem contra mim, linhas duras e musculares pressionadas contra minhas curvas. Seu pau se projeta no meu estômago. — Eu me masturbei três vezes assistindo nosso vídeo ontem à noite, *bambina*. — Sua voz vem como um estrondo rouco que entra no meu corpo.

Minha boceta aperta, emoções de choque ondulando através de mim.

Que vídeo? Oh meu Deus, sua vigilância de segurança pegou toda a interação? Quem mais já viu?

— Eu tinha tanta certeza de que você era uma planta ontem porque há algo especial em você. Algo que me prende bem aqui. — Ele enrola o dedo na frente de seu plexo solar. — Então sim. Eu queria te ver de novo. Queria ouvir a sua voz. Certificar-me de que você está bem. — Ele deixa cair uma de suas mãos no meu quadril.

Eu chupo meu lábio inferior entre meus dentes. Estou tremendo quase tanto quanto ontem, só que desta vez não há medo. Apenas emoção.

Desejo.

Sua palma desliza ao redor do meu quadril para segurar minha bunda. Eu coloco minhas mãos em seu peito, pronta para afastá-lo, mas não sigo. O fio de indignação que me atravessa é abafado por sua voz aveludada.

Ele inclina a cabeça, me estudando. — Rosto bonito. Peitos perfeitos, esse seu corpinho exuberante. Eu já vi isso antes. Mas o jeito que aquela boceta doce ficou molhada, embora eu tenha assustado o inferno fora de você. O jeito que você revelou tudo, como se você realmente não tivesse nada a esconder...

Oh meu Deus.

Minha *doce boceta* está definitivamente molhada de novo, apertando e liberando enquanto seu hálito quente acaricia minha bochecha.

— Você me perdoou? — Sua voz cai para um nível íntimo.

Outro aperto das minhas partes femininas me diz que já estou perdida.

Quero dizer *não* por causa da humilhação que sofri, mas, mais uma vez, meu corpo me trai, ele me faz inclinar para ele, ofegante, faminta. — Ainda não — é o mais próximo que consigo chegar de uma negativa.

Ele acaricia minha bochecha com as costas dos dedos. Tenho a sensação de que ele está testando para ver se vou resistir.

Eu não.

Marque outro para o bad boy.

— Assim mesmo. — ele sussurra, olhando para mim. — Esse é o olhar.

O olhar?

Um canto de sua boca se levanta e ele segura a parte de trás da minha cabeça, puxando meu rosto para o dele. — Eu não sinto muito.

Meus olhos se arregalam e eu tento me afastar, mas ele me segura firme e continua como se eu não tivesse reagido. — Eu não perderia esse encontro por nada no mundo. — Seus lábios descem nos meus, firmes e exigentes.

Uma onda de luxúria rola sobre mim. Eu me derreto nele, separando meus lábios, permitindo que sua língua varra em minha boca. O calor explode em cada célula do meu corpo.

Ele se afasta, as narinas dilatadas. — Tão doce quanto eu imaginava. — Ele lambe os lábios, como se estivesse me provando. — *Isso* eu me arrependi. Não ter saboreado você.

Eu lambo meus lábios também. — Eu não disse que você poderia me beijar. — A qualidade ofegante da minha voz desmente minha reação.

Ele dá uma risada áspera. — Não, você não fez. Eu roubei aquele beijo. — Suas feições endurecem. — É por isso que você não deveria ter voltado. Fique por aqui, *piccolina*, e eu vou fazer você se arrepender. Provavelmente fará com que nós dois nos arrependamos. Ele dá um passo para trás e me examina. — Ou talvez não. Eu posso simplesmente pegar o que eu quero sem pedir desculpas.

Meu pulso dispara. Minha calcinha está úmida de excitação, os mamilos roçam contra o meu sutiã. Estou uma parte assustada, duas partes ligadas. E caramba, se o aviso dele não me faz querer me oferecer a ele em uma bandeja de prata.

Ele ajeita a jaqueta e caminha em direção à porta. — Então eu vou embora, *amore*. Você faz a sua coisa aqui. — Ele para na porta e se vira para mim. — E é melhor você pensar no que quer me dizer da próxima vez. Se decidir. Sim ou não. E eu vou fazê-la minha. Mas estou avisando, *bambina*,

você tem até um pouco de *sim* misturado com seu *não*, vou te derrubar no chão. — Ele aponta um dedo de advertência para mim. — Acredite.

Quando ele sai, eu tenho que me segurar no carrinho de limpeza para manter minhas pernas debaixo de mim.

O que. No inferno. Acabou de acontecer?

Quero ligar para Corey e relatar, porque a história de hoje foi quase tão emocionante quanto a de ontem, mas não me atrevo. Tacone tem câmeras em todos os lugares, e ele já confessou ter se masturbando com a filmagem de ontem. Eu não ficaria surpreso se ele revisasse o feed de hoje também. E eu realmente preciso colocar minha cabeça no lugar antes de abrir minha boca em torno dele novamente.

Porque ele acabou de me dar um ultimato. Decida-se. Não conheço todas as implicações dessa decisão ou mesmo o que ela implica, mas sei de uma coisa:

Há muito *sim* em mim para dizer *não* .

* * *

Nico

EU desço para o andar principal.

Há cerca de uma centena de razões pelas quais eu não deveria brincar com a pequena e gostosa governanta historiadora de arte, mas nenhuma delas torna mais fácil para mim sair pela porta quando ela ainda está na minha suíte.

Vou ter que me certificar de que não estarei lá quando ela limpar. Inferno, se eu tivesse alguma decência em mim, eu ligaria para o chefe dela e a transferiria de volta para os andares principais agora. Espero alguns

momentos para ver se minha bússola moral assume o suficiente para seguir esse pensamento.

Infelizmente, não.

Sondra, Sondra, Sondra. Vou ter que esperar que seu bom senso entre em ação.

É engraçado; a única outra vez em que me senti tão mal por uma garota foi quando eu tinha doze anos e fiquei obcecado pela namorada do meu irmão, Trinidad Winters. Mas isso era apenas minha luxúria pubescente chutando em alta velocidade. Trini estava sempre por perto, andando de carro quando Gio me pegava, assistindo filmes em nosso sofá em minissaias que subiam em suas longas pernas.

Sondra não é nada como Trini. Ela não é nada como Jenna, a princesa da máfia com quem eu deveria me casar. Eu não namoro, mas ela definitivamente não é como nenhuma das garotas que eu fodo, pagas ou voluntárias.

Eu quero mais dela. Eu amo o jeito que ela ficou sem fôlego e animada lá atrás. Não teria demorado muito para eu abrir esses joelhos e mostrar a ela o quão ruim seu gosto para homens realmente é.

Oh, eu a faria gritar. Agradar Sondra seria fácil, — a garota parece pronta para explodir como um foguete. Inferno, eu a manteria acordada a noite toda gemendo meu nome e nem perderia o sono.

Eu ando ao redor das mesas, procurando pela prima de Sondra, Corey. Só para dar uma olhada nela. Não porque sou totalmente obcecado por essa garota e preciso saber tudo sobre ela. Pesquisar seu histórico completo era

necessário. Eu tinha que ter certeza absoluta de que ela não estava trabalhando em algum ângulo.

Os Tacones têm muitos inimigos. Inferno, eu provavelmente tenho inimigos dentro da família Tacone. Eu administro minha filial de Vegas do negócio em alta e para cima, mas há uma longa história de violência e crime que remonta pelo menos três gerações ao submundo de Chicago. E depois há os inimigos do mundo dos negócios legítimos. Qualquer um pode enviar uma femme fatale para se aproximar de mim, aprender meus segredos e me preparar para cair.

E Sondra Simonson é exatamente o tipo de garota que eles mandariam.

Não, isso é besteira.

Ela não é. Ela não é nada profissional. Mas se meus inimigos fossem realmente espertos, se pudessem de alguma forma intuir o que me pegou de surpresa, mandariam Sondra Simonson para me derrubar.

Porque é certo.

Eu não vou ser capaz de me impedir de ir atrás dela.

Encontro Corey trabalhando em uma mesa de blackjack. Eu vejo a semelhança. Ela é tão adorável quanto Sondra, mas não faz o meu tipo. Alta, ruiva. Ela parece sofisticada e afiada. Ofertas rápidas e limpas. Parece ser um bom trunfo para o meu casino.

Ela está focada em seus clientes e ainda assim seu olhar percorre a sala, absorvendo tudo. Incluindo eu. Da próxima vez que ela olha para cima, ela pula a varredura do quarto e olha diretamente para mim. Eu caminho até a mesa dela.

Nada aparece em seu rosto, mas eu sei que ela está ciente de quem eu sou. Quer saber o que estou fazendo na mesa dela. Minha presença deve deixar os clientes nervosos, porque depois de algumas mãos, a mesa esvazia.

— Senhor. Tacone, — ela murmura sem encontrar meus olhos. Ela é devidamente deferente. Toca direitinho.

Enfio as mãos nos bolsos. Eu nem tenho certeza do que eu quero dela. Mais algumas informações sobre Sondra, suponho.

Quando eu não digo nada, ela diz: — Você assustou minha prima ontem.

Eu concordo. — Sim.

Ela estreita os olhos para mim. — Você ainda não acha que precisa se preocupar com ela, não é?

— Não. — Eu esfrego uma mão em meu rosto. — Escala de um a dez, quão traumatizada ela estava?

Corey tem uma excelente cara de pôquer. Nada aparece — nem surpresa, nem raiva. Nada. — Oito. Mas as flores e o dinheiro ajudaram. — Corey se move para matar. — Um trabalho de revendedor a ajudaria ainda mais.

Eu balanço minha cabeça. — Não vai acontecer.

Ela abaixa o olhar para suas cartas sem comentários, espalhando-as na mesa e virando-as para frente e para trás em uma ondulação perfeita, mostrando seus truques. Depois de um longo momento, ela diz: — Se você não fosse meu chefe, eu diria para você ficar longe dela.

Eu gosto da garra dela.

Eu tiro uma ficha de cinquenta dólares do meu bolso e coloco na mesa para ela como uma gorjeta. — Não posso.

CAPÍTULO 4

Sondra

Corey e eu vamos trabalhar juntas na semana seguinte. Adoro quando trabalhamos no mesmo turno, mas ela odeia, porque significa que ela está trabalhando de dia e ganha mais à noite.

É a primeira chance que eu tenho de colocá-la a par das últimas novidades de Tacone, o que não é nada.

— Então você não o viu desde o dia em que ele te beijou?

— Não. No dia seguinte entrei e havia uma nota de cinquenta na mesa. Eu deixei. No dia seguinte, ele deixou uma nota de cem dólares com meu nome.

— Você pegou, é claro.

Eu não queria. Eu estava com medo que isso significasse alguma coisa. Tipo, se eu aceitar o dinheiro dele, eu devo algo a ele mais tarde. Exceto que eu realmente posso usar o dinheiro. Preciso de pelo menos dois mil para um depósito e o aluguel do primeiro mês. E mais três mil para comprar um carro que funcione.

— Sim. E então ele deixou outro alguns dias depois. — Eu os tiro da minha bolsa e entrego para ela. — Aqui.

Ela afasta minha mão. — Para que é isso?

— Para a minha parte do aluguel. —

Ela revira os olhos. — Economize isso. Então você pode sair mais cedo.

— Ela me dá um sorriso provocante.

— Você está cansada de me ter?

— Não, eu amo isso, na verdade. Mas acho que Dean está cansado de dividir a sala. Ele gosta de assistir filmes à noite, você sabe.

Sim, eu notei. Dean não parou exatamente com esse hábito, embora o sofá seja minha cama. Ele fica acordado até uma da manhã quase todas as noites.

— E toda vez que fazemos sexo, eu me encolho porque as paredes são finas como papel. Você pode ouvir?

Eu faço uma cara. — Sim, às vezes. — Eles fazem sexo pelo menos uma vez por dia, às vezes mais. Juro, Dean é viciado em sexo. Não que uma vez por dia seja ruim, mas não vejo por que ele está olhando para mim quando recebe muito de Corey.

— Acho que ele quer fazer um trio.

— Ai credo. Corey!

Ela ri. — Eu disse a ele de jeito nenhum. Eu não compartilho. Sempre. Nem mesmo com minha melhor prima que é como uma irmã.

Graças a Deus.

O que diabos eu diria se ela estivesse nisso?

Mas sim, bruto. Aparentemente meus instintos estão certos sobre Dean.

— Então, de volta ao Nico Tacone. O que vai acontecer quando você o vir de novo?

Er... como eu deveria saber?

— Quero dizer, você precisa decidir. Acho que o cara tem tesão por você. E o instinto dele é explorar você, como ele provavelmente explora todas as mulheres, mas algo o fez se conter.

— Ele acha que eu sou *inocente* ou algo assim. — Digo *inocente* como se fosse uma palavra suja.

Corey sorri para mim. Ela sabe melhor. — Há algo em você que sai dessa maneira. Eu costumava te odiar por isso.

fico boquiaberto. — O que?

Ela encolhe os ombros. — Quando éramos crianças. Quer dizer, meu pai era tão idiota e eu não confiava em ninguém tanto quanto eu poderia jogá-los, mas você era tão pura. Com você, o que você vê é o que você obtém. É o que faz você confiar em perdedores. Mas é uma qualidade incrível.

Eu reviro os olhos. — Excelente. Uma qualidade incrível que fez você me odiar quando criança e me faz namorar perdedores. Parece uma que eu deveria manter.

Seus olhos deslizam para mim. — Não mesmo. Espero que você nunca a perca.

Ela soa tão séria que eu calo a boca.

— De qualquer forma, acho que é a isso que ele está reagindo. Você está fora de lugar em Vegas. Corey estaciona na entrada do Bellissimo e segue em direção ao estacionamento dos funcionários. — Então, como vai ser quando você o vir?

Eu respiro. Eu quero mentir e dizer que espero não vê-lo, mas Corey já sabe a verdade. Eu dou de ombros. — Vou seguir o exemplo dele.

Corey estaciona e me encara. — Seriamente? Como isso tem funcionado para você até agora?

— Eu sei, eu sei, mas... — Mas é parte do fascínio. A maneira como ele domina cada momento em que estamos juntos faz meus joelhos ficarem fracos.

Saímos do carro e entramos juntos no cassino pela entrada de serviço.

— Eu acho que você deveria decidir. Se você quer ir atrás dele, faça uma jogada. Se não, seja profissional. Não deixe que ele te empurre de novo. Ok?

Concordo com a cabeça, mas não tenho certeza de nada. Eu preciso largar esse emprego. Em breve. Antes que eu me humilhe ainda mais.

Meu telefone vibra enquanto ando pelo corredor. É um amigo de Reno. Ela escreveu, Tanner apareceu. Parecia realmente com o coração partido. Ele me implorou pelo seu novo número. Eu disse a ele para se perder.

Certo. De coração partido. Ah. Ele quer o carro de volta.

Obrigado, mandei mensagem de volta. Eu definitivamente não quero saber dele.

Eu vou para o vestiário dos funcionários para trocar para o meu vestido rosa de empregada. Como todos os dias desta semana, há um aumento na empolgação quando o coloco, lembrando como Tacone me tirou dele.

Droga. Eu tenho uma queda por esse cara e ele seria minha pior jogada de homem até agora.

* * *

Nico

— Que porra você está fazendo? — eu rosno para meu irmão mais velho, Junior, pelo telefone. Ele acabou de me informar que vai mandar dez caras para Vegas para tomar conta da cena da cocaína aqui.

— Você quer tentar isso de novo?

— Tivemos um acordo. Eu mantenho as coisas em ordem aqui para que seu dinheiro possa ser lavado. Eu não preciso da polícia de Vegas ou dos federais respirando no meu pescoço porque você quer aumentar sua participação nas vendas de drogas nas ruas. Não vale a pena.

— Eu decido o que vale a pena e o que não vale.

Eu fico em silêncio com a minha discordância. Nosso pai é o chefe, mas atualmente está preso em uma prisão federal por mais quatro anos sob acusação de fraude fiscal.

— Não, Junior, — eu digo após a pausa. — Eu tenho o suficiente para lidar aqui. Conheço esta cidade. Eu conheço os policiais. Conheço o prefeito. O risco não supera a recompensa.

— Talvez você precise de mim para ajudá-lo a administrar melhor seus negócios, então.

— Foda-se. — Eu aperto meus olhos fechados, porque eu realmente não deveria falar com meu irmão dessa maneira, e se eu não diminuir as coisas, eu vou estar puxando minhas bolas para fora da minha bunda. — Ouça, J. sinto muito. Isso foi desrespeitoso. Eu não quis dizer isso.

Junior faz um som na garganta.

— Você está feliz com a forma como eu administro as coisas aqui, certo? Eu ganho muito dinheiro com *La Famiglia*, não? — Não pode haver

dúvida de sua resposta. Eu ganho quatro vezes o que todas as operações ilegais deles ganham em Chicago, e tudo que eu faço aqui está em alta.

Ele faz outro som afirmativo.

— Então, por favor, confie em mim nisso. Desculpe, eu estava sendo um idiota. Estou muito acostumado a ser meu próprio chefe aqui. Mas eu sei o que vai funcionar na minha cidade. O tráfico de cocaína é muito arriscado. Dominado demais pelas gangues latino-americanas. E pode ameaçar tudo o que tenho aqui, ah?

— Você está sendo um bichano.

Eu tenho que trabalhar para manter meu temperamento sob controle. Eu não dignifico sua provocação com uma resposta.

Junior espera mais um momento, depois diz: — Falaremos sobre isso quando eu chegar aí.

Eu endureço. — Quando é isso?

— Semana que vem. Ma quer se mudar para o inverno. Diz que sente muito a tua falta. Acho que vou junto e encontrar uma casa para ela.

Estou prestes a explodir que *posso* encontrar uma casa para ela, mas consigo colocar uma rolha. Ele quer vir aqui e jogar em torno de seu peso. É melhor eu colocar minha cabeça no lugar antes que ele chegue aqui. Manter sua merda fora de Vegas é minha prioridade número um.

* * *

Sondra

Pego o elevador até o último andar. Algo me faz tentar primeiro o quarto de Tacone – algum sexto sentido ele estará lá desta vez. Bato na porta, mas não ouço nada. Tanto para a intuição.

Eu me ligo e começo a trabalhar.

Está vazio, como estive na semana passada. Uma nota de cinquenta dólares está sobre a mesa com um bilhete e meu nome. Nesse ritmo, vou ganhar o suficiente para sair da casa de Corey até o final do mês.

O que, considerando o que ela me contou sobre o interesse de Dean em um trio, é ainda mais necessário.

Deixo a conta na mesa até terminar. É para um trabalho bem feito e vou me certificar de fazer o meu melhor antes de pegar o dinheiro. Limpo os banheiros e o quarto e vou para o escritório. Termina no escritório por último. Como Marissa estava paranoica com isso, fico bem longe da mesa, tirando o pó das estantes, esvaziando o lixo e aspirando. Percebendo uma teia de aranha no canto superior da janela, eu pego a vassoura para limpá-la. E é aí que a outra ponta da vassoura derruba alguma coisa na mesa de Tacone.

Eu pulo e giro para ver o café se espalhando pelos papéis.

Ah Merda.

Merda, merda, merda.

Corro para pegar meus trapos e volto, limpando as coisas o mais rápido que posso. Mas é muito tarde. Metade dos papéis em sua mesa estão encharcados e manchados de marrom.

O que devo fazer?

Separo-os e coloco-os individualmente para secar, tentando não olhar para o conteúdo. Eu não deveria estar vendo essas coisas.

— Que porra é essa?

Um pequeno grito sai dos meus lábios e eu derrubo a caneca de café agora vazia novamente.

Tacone aparece na porta, seu hulk mais ameaçador do que nunca. Seus olhos brilham negros, um músculo salta em sua mandíbula.

— Oh Deus... — Eu endireito a caneca de café novamente. — Eu sinto muito. Eu derrubei o seu café em tudo. Eu sei que não devemos tocar nas mesas, eu definitivamente não planejei, mas...

Tacone se aproxima, olhos desconfiados varrendo a mesa, o chão, meu corpo, a sala. Ele ainda tem bolsas sob os olhos como se não estivesse dormindo.

— Eu não olhei para nada, eu juro.

Em um flash, ele envolve sua grande mão em volta da minha garganta por trás, frouxamente segurando a frente do meu pescoço. Ele me puxa de volta, então minha bunda bate em suas pernas. — O que você viu? — Sua voz é baixa e perigosa, mas a mão no meu pescoço é mais uma carícia do que uma ameaça, especialmente quando seu polegar acaricia levemente meu pulso.

Eu fecho meus olhos. — Nada, — Eu resmungo. — Não vi nada. Juro.

— A intromissão não será perdoada, Sondra. — Sua voz é puro sexo. Sedução total. Sua respiração é quente em minha orelha. Os músculos duros de seu corpo pressionam contra minha forma mais suave. — Você está me dizendo a verdade?

— Sim. — Sai como um meio gemido, meio suspiro, mas não porque estou com medo. Estou totalmente ligado.

O outro braço de Tacone serpenteia em volta da minha cintura. Sua mão se espalha pela minha barriga, avançando para baixo. — Seu único pecado é a falta de jeito?

— Sim senhor.

Ele gosta que eu o chame de *senhor*. Não sei como posso dizer, mas sei que ele sabe.

Zingers de eletricidade percorrem meu corpo, iluminando-o por dentro, e eu juro que sinto a carga de resposta de suas células. Minha calcinha está além de úmida, está encharcada.

— Acho que isso só exige uma pequena *correção*. — Ele belisca minha orelha.

Meu coração bate, provavelmente tão forte que ele pode sentir nas minhas costas.

— Coloque as mãos na mesa.

Minha barriga vira. Oh meu senhor, ele vai me espancar? Um arrepio me percorre. Ele está animado também. Seu pau pressiona nas minhas costas, e sua respiração entra e sai tão rápida quanto a minha. Ele me solta e dá um passo para trás e eu obedeço, me inclinando para descansar as palmas das mãos sobre a mesa à minha frente.

Eu ouço um profundo estrondo de aprovação atrás de mim. Suas duas mãos agarram meus quadris e ele puxa, inclinando minha bunda ainda mais para trás. Ele lentamente desliza as mãos pelo tecido da minha saia, acariciando minhas curvas antes de me soltar. — Vou deixar você manter seu uniforme. — Sua voz é incrivelmente profunda. — Só porque desta vez, se eu baixar o zíper novamente, não vou me segurar.

O chão se inclina e uma onda de tontura me inunda e então eu volto à realidade quando sua palma bate na minha bunda.

Smack.

Eu suspiro e me inclino para o lado automaticamente, mas então me coloco de volta na posição. Eu fico quieta por sua punição.

— Eu *sabia que* essa bunda seria espancada, — ele resmunga.

Ele dá um tapa na outra bochecha. *Duro*. Eu tenho que fechar meus lábios contra o guincho que sobe na minha garganta. Outro tapa, e outro. É um pouco demais, mas quando estou prestes a protestar, ele começa a esfregar minhas bochechas ofendidas, massageando a picada.

Eu ofego, minha boceta apertando, o coração batendo em uma batida rápida.

Tacone acaricia meu quadril até chegar à coxa nua. Ele começa a deslizar pela minha perna, sob a saia do uniforme, então para e puxa a bainha do meu vestido para baixo. — É melhor você voltar ao trabalho antes que eu vá longe demais.

Ahhh... o quê? Estou muito excitada para puxar meu vestido para baixo e voltar ao trabalho. Na verdade, a própria ideia disso me irrita. Se uma fêmea conseguisse bolas azuis, eu as teria. Meu clitóris lateja, meus mamilos são pontos duros e sensíveis.

Eu levanto meu torso e me viro para confrontá-lo. Antes que eu possa falar, ele me pega pela nuca e me mantém cativa para um beijo. Lábios duros torcem sobre os meus com uma intensidade contundente. Ele suga meu lábio inferior em sua boca, beliscando. Sua língua varre entre meus lábios.

Eu gemo e o beijo de volta, grata pela mesa apoiando minha bunda, ou eu cairia.

— *Bellissima*, — ele murmura quando se afasta. — Eu não consigo manter minhas mãos longe de você.

Não há necessidade, dizem meus gemidos de vagabunda interior devassa.

Mas com um olhar de dor, ele me solta e dá um passo para trás. — Prossiga. — Ele me vira e dá um tapa na minha bunda em despedida.

Uma tempestade de emoções me inunda, humilhação misturada com luxúria e se transformando em raiva branca e quente.

OK. Ele quer brincar comigo?

Bom.

Dois podem jogar neste jogo.

* * *

Nico

Sento-me à minha mesa e tento não assistir a mulher muito excitada e irritada andando pela minha suíte.

Parece que estou destinado a ser inapropriado com Sondra Simonson. Manter minhas mãos longe dela é uma impossibilidade. Tentei ficar longe — *Madonna, tentei!* Mas aqui está ela, se rendendo a mim novamente com aquela mesma vibração assustada, mas ligada, que me deixa louca.

Eu nunca prestei muita atenção à minha coisa de dominar as mulheres.

Ah, eu gosto de estar no comando, sem dúvida. Mas isso significa apenas que eu dou as ordens. É por isso que normalmente uso profissionais que fazem o que eu digo sem questionar. Mas nenhuma delas jamais tremeu

e ofegou como Sondra. Nenhuma delas teve uma resposta genuína para mim. Nenhuma delas mostra aquela fúria como ela acabou de fazer por não seguir adiante.

Se ela soubesse que estou tentando fazer uma gentileza liberando-a. Eu não deveria tê-la espancado em primeiro lugar.

Mas essa bunda!

Essa bunda suculenta e espancada.

E os pequenos sons adoráveis que ela fez quando eu bati nela.

Eu dou um aperto forte no meu pau através da minha calça e vejo os quadris de Sondra balançando enquanto ela passa pela minha porta com um pano de pó. Seus lábios estão inchados do nosso beijo. Eu ainda sinto a doçura dela na minha. Como morangos e chá verde. Eu quero prová-la em todos os lugares.

Era tudo que eu podia fazer para não puxar meu pau e dar a ela duro e rápido aqui, sobre minha mesa. Isso vai ensiná-la a não derramar café nos meus papéis.

Porra. Estou enlouquecendo.

Uma pequena parte de mim ainda se preocupa que ela não seja legítima. Mas ela tem que ser. Eu pesquisei o inferno fora dela. Por todas as aparências, ela é uma beleza inocente de classe média de Marshall, Michigan. Ela era uma aluna nota A que se formou *magna cum laude* em uma pequena faculdade particular de artes liberais e depois obteve um mestrado em história da arte na Universidade de Wisconsin. Seus pais ainda moram do outro lado da rua da mãe de sua prima Corey. Agora, o pai de Corey é um federal. Isso saiu quando a contratamos. Mas ela parece estar afastada. E ela

trabalhou para nós por quase um ano sem nenhum comportamento suspeito.

Não consegui desenterrar uma única mentira ou motivo de preocupação sobre Sondra, a menos que eu conte o ex-namorado dela, que parece ser um traficante de ecstasy em Reno. Mas ela disse que tem mau gosto para homens.

Sondra se posiciona na minha estante, me dando um assento na primeira fila para seu traseiro, que é tão carinhosamente coberto por seu vestido de uniforme que eu quero enviar um bônus enorme para quem da minha equipe escolheu esse estilo em particular.

Ela mexe a bunda enquanto joga o pano de pó sobre a madeira.

Oh Deus. Ela está fazendo isso de propósito?

Ela se curva na cintura para tirar o pó da prateleira à sua frente. Quando ela cai de quatro e arqueia as costas para tirar o pó do mais baixo, tenho certeza de que é tudo para mim.

Meu controle, já um fio desgastado, estala. Eu me levanto da mesa e caminho até ela.

— Esse pequeno show é para mim, *piccolina* ? — Mal reconheço minha voz, é tão grave.

Ela olha por cima do ombro com falsa inocência.

Isso é o que me desfaz – aqueles grandes olhos azuis de bebê piscam com total apelo sexual de gatinho.

Ela está usando o cabelo para trás em um coque bagunçado hoje e eu envolvo minha mão em torno dele e a puxo de joelhos. Já estou de joelhos no chão atrás dela, mas não me lembro de chegar lá. Eu envolvo meu braço

em volta dela e seguro seu monte possessivamente, ainda forçando sua cabeça para trás contra meu ombro.

— Você está tentando me deixar louco, Sondra Simonson? — Esfrego em sua fenda e encontro sua calcinha já úmida de excitação. — Acho que você não entende o que está prestes a desencadear. — Meus dedos deslizam sob o reforço de sua calcinha para fazer contato com sua carne molhada.

Ela solta outro daqueles suspiros que me deixam louco.

— Eu entendo. — Eu coloco meus lábios contra sua orelha e falo enquanto esfrego um círculo lento em torno de seu clitóris inchado. — Não foi justo da minha parte bater em você sem te dar uma recompensa, foi? —

Ela geme.

Eu enrosco um dedo em seu canal molhado.

Eu libero seu cabelo e movo minha mão para deslizar na abertura com zíper de seu vestido.

Ela já está tremendo e resistindo, pronta para explodir.

— Eu deveria foder você até seus dentes baterem por me deixar tão excitado. — Eu enrolo um segundo dedo nela e bombeio levemente. — Mas suponho que devo a você esta liberação, não é?

Sua boceta é tão succulenta e responsiva, meus olhos estão rolando para trás na minha cabeça. E isso é apenas de dedilhando ela. Eu realmente vou perder isso se eu colocar meu pau nessa garota.

— Você vai me deixar compensar por te assustar na primeira vez que nos encontramos, *bambina* ?

Sua única resposta é um gemido ofegante.

Eu puxo meus dedos para fora dela e golpeio sua boceta. — Você vai? Responda-me com palavras, querida.

— Sim! — Há surpresa e aborrecimento em sua voz e mais do que um pouco de desespero. Isso me faz sorrir.

— Boa menina. — Eu toco seu clitóris. Estou morrendo de vontade de prová-la, especialmente agora que decidi que é meu dever recompensá-la. Eu a soltei e coloquei minhas mãos em seus quadris, aplicando uma direção um pouco gentil. — Rasteje até lá para o sofá, baby. Eu preciso tirar essa calcinha de você.

Não há hesitação. Ela é total e completamente minha. Ela obedece sem um pinga de vergonha, rastejando até o sofá, depois parando e se virando, provavelmente para ver como eu a quero. Porra, essa garota me deixa louco.

Eu empurro seu torso para baixo no assento do sofá e puxo a saia de seu vestido para cima. Era assim que eu a queria antes. As nua para sua surra.

Eu puxo sua calcinha para baixo de suas coxas e ela se esforça para chutá-la. Apenas algumas manchas vermelhas permanecem de onde eu a esbofetei antes. Eu não me contenho. Eu bato em sua bunda, o estalo alto da minha mão contra sua carne nua ecoando pela sala. Dou cinco tapas fortes, depois paro e esfrego.

Eu posso dizer por seus suspiros que doeu, então eu me inclino e beijo cada bochecha. — Você está bem, bebê?

— Um...

— Você quer mais, ou foi o suficiente?

Ela fica quieta por um momento e de repente fico doente ao pensar que fui longe demais, mas então ela diz em voz baixa: — Um pouco mais .

— Essa é a minha garota. — Dou-lhe mais três, depois esfrego sua pele rosada. Eu definitivamente quero transar com ela agora. E quero dizer transar com ela da maneira mais suja e desagradável. Como segurá-la pelos cabelos e bater nela até que ela grite por misericórdia.

Mas eu não vou.

Prometi-lhe uma recompensa e pretendo dá-la.

— Sente-se no sofá e abra essas coxas sensuais, — eu dirijo.

Ela se levanta para obedecer e eu dou uma boa olhada em seu rosto. Suas bochechas estão coradas, os olhos vidrados. Seu cabelo está bagunçado com um visual fodido. É uma foto que eu adoraria ver todos os malditos dias pelo resto da minha vida.

Mas isso não é uma opção.

Controle-se, Nico.

Eu não posso ter essa garota. Quer dizer, eu poderia. Sou Nico Tacone, dono do The Bellissimo, capo da família criminosa Tacone de Chicago. Eu posso tomar qualquer coisa que eu quiser.

Mas não *posso*.

Não esta garota.

Ela merece um homem de verdade. Alguém com quem ela pudesse se casar e ter filhos de historiadores de arte. Não um chefe do crime que foi prometido a outra desde o nascimento.

Eu empurro seus joelhos e dou uma olhada naquele coração rosa que eu tenho fantasiado.

Tenho que saborear.

Eu alcanço minhas mãos sob suas coxas para espalmar sua bunda e puxá-la para mais perto, até a minha boca.

O gemido que ela solta me embriaga. Eu dou uma lambida longa e lenta, separando seus lábios enquanto viajo para cima, em direção ao seu clitóris. Ela estremece no momento em que faço contato com ele e faz um som necessitado e choramingando.

— É aí que você me quer, baby?

Ela enfia os dedos pelo meu cabelo. — S-sim, por favor.

Eu acaricio seu clitóris repetidamente com a ponta da minha língua. — Tão doce. Você tem um gosto tão bom, querida. E você pediu tão gentilmente. — Eu achato minha língua e dou outra longa passada, então a faço pontuda e a penetro. Seus sucos vazam na minha língua, picantes e escorregadios. Eu controlo sua pélvis ainda mais, levantando-a para que eu possa lambe seu ânus também.

Ela grita, mas eu mantenho suas coxas separadas para que ela não possa fechá-las, não possa fugir da tortura de prazer que eu quero conceder a ela. Eu belisco seus lábios, chupo-os. Eu sei que poderia tirá-la, rápido. Ela já está se preparando para explodir, mas quanto mais eu a seguro, maior o orgasmo dela, e por alguma razão, estou me sentindo competitivo, como se eu quisesse que este fosse o melhor orgasmo da vida dela.

Talvez porque eu saiba que não posso ficar com ela.

E eu realmente quero mantê-la.

Eu enrosco um dedo nela enquanto acaricio seu clitóris. Ela se contorce sobre ele, tentando me levar mais fundo. Coisinha gananciosa. Eu adiciono

um segundo dedo, fecho meus lábios em torno de seu pequeno broto e chupo.

Ela grita, mas eu recuo, liberando seu clitóris e bombeando meus dedos.

— Oh. — ela ofega. — Por favor. Oh, por favor, oh... N-Nico.

Eu amo pra caralho que ela tenha dito meu nome, ainda mais do que eu ameí quando ela me chamou de *senhor* mais cedo.

Eu particularmente amo ela gemendo meu nome naquela voz incendiária e ofegante. Diminuo o movimento de bombeamento e, em vez disso, enrolo os dedos para fazer cócegas em sua parede interna, buscando seu ponto G. Seus olhos se arregalam quando eu o encontro, algo parecido com pânico queimando. Ela contorce a pélvis no sofá de couro. Eu bombeio meus dedos para que eu acerte o ponto G toda vez e ela grita, seus dedos rasgando meu cabelo.

— É isso, querida. Venha até mim.

Seus sucos vazam por todos os meus dedos e sua boceta aperta, pulsando sua liberação em vibrações rápidas. Eu a deixo terminar, então massajeio sua boceta com meus dedos, um lento dentro e fora e ao redor, mexendo dentro dela, então puxando meus dedos e deslizando-os para cima e para baixo em sua fenda. Ela estremece outro lançamento.

Ela é linda. Seu cabelo loiro se espalha ao redor dela no sofá, bagunçado e adorável. Seus olhos estão vidrados, as pálpebras pesadas.

Meu pau lateja.

Mas eu não posso fazer isso.

* * *

Sondra

Nico me encara como um animal faminto, parecendo quase dolorido de desejo. Ele alivia os dedos de mim e esfrega círculos na parte interna das minhas coxas com os polegares. Estou desossada com o prazer do meu orgasmo. Mesmo sem relação sexual, devo dizer que foi o melhor clímax que já tive. Tudo sobre o encontro tornou quente, começando com a liderança de Nico me procurando no dia em que nos conhecemos, depois me espancar, então isso. Combine isso com a habilidade considerável de Nico e interesse genuíno no meu prazer, e eu duvido que essa experiência sexual seja superada.

E considerando que ele ainda não está satisfeito, eu não acho que acabou.

Quanto melhor vai ficar?

— O-obrigado, — eu digo quando minha voz retorna para mim. Minha garganta está doendo de tanto chorar, o que não é algo que eu normalmente faço.

O sorriso de Nico parece quase triste. — Você é tão fodidamente doce. — Suas mãos percorrem meus seios. Ele abaixa o zíper do meu vestido e puxa meus seios para fora do bojo do sutiã. Ele belisca meus mamilos ao mesmo tempo, mais forte do que estou acostumada. Minhas pálpebras se abrem e a energia volta pelo meu corpo com a leve dor.

— Saia de Vegas, Sondra Simonson.

Essa era a última coisa que eu esperava que ele dissesse depois de me levar ao orgasmo com sua boca e dedos inteligentes.

Ele continua a fazer amor com meus seios, apertando-os, manuseando meus mamilos. Ele se lança sobre mim para passar a língua sobre um broto rígido. — Você é uma luz muito brilhante para um lugar decadente como este. Isso vai manchar você. — Outro movimento de sua língua. — *Eu vou te manchar.*

Suas palavras não estão se misturando com suas ações, então meu cérebro é lento para acompanhar. O que ele está me dizendo?

— Você veio aqui para um novo começo. Sua prima está aqui. Entendo. Mas você deveria ter ido para casa em Marshall, Michigan, baby.

Eu não deveria estar surpresa que ele saiba de onde eu sou, mas ouvir isso causa um arrepio na minha espinha. É em parte medo — ou a consciência de quão perigoso esse homem é. Quão minuciosamente ele me pesquisou. Mas há também um entusiasmo em ser objeto de um escrutínio tão intenso. Porque claramente, ele está afim de mim.

Ele me observa atentamente enquanto puxa e rola meus mamilos. Há conflito em sua expressão, ou tensão, e cresce exponencialmente a cada segundo. De repente, tudo endurece. Sua mandíbula aperta, o foco fica duro. — Eu vou te dar dinheiro para um novo começo. Ele bate no meu peito, e eu grito de surpresa. — Não é pagamento por sexo, então nem vá lá. — Ele aponta um dedo de advertência para mim. — Eu quero que você pegue e saia da cidade. Não volte, *piccolina*.

Eu finalmente desperto do meu langor orgástico e empurro minhas costas para fora do sofá onde estou caída. — O que você está dizendo? — Eu franzo a testa para ele. Não consigo descobrir se ele está me ameaçando ou tentando ajudar. Não consigo descobrir o que diabos está acontecendo aqui.

Nico se move em um flash, segurando sob minhas axilas. De repente, estou na horizontal no sofá e ele está pairando sobre mim. Ele dá um tapa no meu peito novamente e eu me contorço embaixo dele, meus quadris empurrando para encontrar os dele. — Estou dizendo... — Ele esfrega as costas da mão na boca. — Estou dizendo que você deveria sair daqui. Estou muito preso a você, *bambina*. Esta é a última chance que eu vou te dar para correr. — Seus olhos brilham escuros e perigosos. — Se você colocar os pés nesta suíte novamente, eu vou reivindicar você como minha. Eu vou te acorrentar na minha cama e te foder a cada maldito minuto do dia.

Eu ainda estou abaixo dele. Meu coração bate contra minhas costelas. Eu estaria mentindo se dissesse que suas palavras não me emocionaram. Oh, eu ouço o perigo abaixo deles. A ameaça. Mas também, tanto desejo.

Nunca fui tão desejada por nenhum homem. Sempre fui o tipo de namorada patética e pouco apreciada. A que pega seu cara traindo com várias mulheres.

Saber que ele me quer tanto me deixa com calor. Como com poder.

Ele dá um único aceno de cabeça. — Você me entende. — Ele se afasta de mim e se levanta. Com a gentileza de um pai vestindo uma criança pequena, ele desliza meu sutiã de volta sobre meus seios e fecha meu zíper.

Ele está em cima de mim, tão sombrio e ameaçador quanto ele estava naquele primeiro dia. — Estou deixando você ir, Sondra Simonson. — É um pronunciamento — como se ele fosse algum tipo de deus, o que, em seu mundo, ele é. Posso imaginar seus funcionários caindo de joelhos quando ele fala. — Corra enquanto você ainda pode. Porque uma vez que eu decidir

que você é minha, eu vou arruinar você. Tenha certeza disso. — Ele me encara por mais um momento, sua garganta trabalhando, então se vira.

Seus ombros caem quando ele pega minha calcinha descartada do chão e a entrega para mim.

Meu estômago dá nós e torce. A energia entre nós emaranha, torce. Há muito em suas palavras para dissecar. Ele está me deixando fora do gancho. Dando-me uma saída. Ou ele está me fazendo uma oferta? Ou um ultimato?

Não consigo entender, e de repente quero dar o fora de lá. Eu puxo minha calcinha sem olhar para ele e me levanto. Eu vou em direção à porta, e ele me encontra no meu carrinho e empurra uma pilha de notas de cem dólares cuidadosamente embrulhadas para mim. — Pegue. — diz ele.

Eu empurro para trás como se ele tivesse me dado um tapa.

— Não é um pagamento, é um presente. Faça um novo começo em outro lugar. Não no meu cassino.

Eu o ignoro e empurro meu carrinho em direção à porta.

Ele pega meu braço e me vira. — Sondra. Pegue. — Seus olhos castanhos chocolate imploram.

Meu nariz queima e eu balanço minha cabeça. — Eu não quero o seu dinheiro. — Minha garganta está apertada, embora não tenha motivos para ficar chateada. Ele me deu um orgasmo e me ofereceu dinheiro, que eu realmente poderia usar. Por que, então, sinto que acabei de ser usada e abandonada?

— Por favor, pegue. Não é nada para mim e isso lhe daria opções. Eu só quero que você tenha opções, Sondra. Não quero que você faça escolhas das quais vai se arrepender.

Eu arqueio minhas sobrancelhas. — Como o que eu acabei de fazer com você? — Eu estalo. — Bem, é tarde demais para isso.

Não sei por que estou chateada, mas estou. Acho que a oferta de dinheiro barateia tudo. Ou talvez eu esteja brava por ele achar que pode tomar decisões sobre minha vida sem me consultar. De qualquer forma, eu já tive. Eu sabia que minha paixão por Nico Tacone foi um erro, e preciso esmagá-la agora antes que me machuque ainda mais.

— Sondra. — Sua voz carrega tanto comando quieto, eu paro, minha mão na maçaneta da porta.

— Desculpe se eu machuquei ou humilhei você. Essa não era minha intenção.

Não sei por que estou surpreso ao ouvir tamanha maturidade emocional de um chefe da máfia, mas estou.

Eu dou de ombros. — Eu vou superar isso. — Abro a porta e empurro meu carrinho.

— Eu não sinto muito pelo resto, — eu o ouço dizer assim que fecho a porta.

CAPÍTULO 5

Nico

Estou com coceira e pronto para dar um soco na parede pelos primeiros trinta minutos depois que ela sai.

Eu a machuquei. Estava lá, em todo o rosto dela. Porra, tentei fazer a coisa certa, mas ela não viu dessa maneira.

E de alguma forma machucá-la é menos sensato do que qualquer outra coisa. Mas a verdadeira questão é: por que ela se machucou? Porque eu ofereci o dinheiro? Eu a fiz se sentir uma prostituta? Tentei deixar claro que não era porque ela me deixou entrar em sua calcinha. Ou era algo mais? Rejeição?

Porra, ela não merece isso.

E então a necessidade de consertar isso toma conta, muito mais forte do que meu desejo de fazer a coisa certa por ela. Ou talvez eu seja apenas um bastardo ganancioso que está fingindo que dá a mínima para qualquer um, menos para si mesmo.

Não consigo ficar longe de Sondra Simonson.

Pego meu telefone e chamo a segurança. — Preciso da localização de um funcionário. — Todos os nossos crachás de funcionários têm dispositivos de rastreamento e as informações sobre onde eles estão no cassino são fáceis de obter. Também é gravado para que saibamos onde todos estiveram no caso de um incidente.

— Claro, Sr. Tacone, quem você está procurando?

— O nome é Sondra Simonson. Ela trabalha na limpeza.

Uma pausa. — Sinto muito, Sr. Tacone, parece que ela está fora do local.

Porra. Ela desistiu.

Eu disse a ela. Eu não deveria sentir vontade de virar minha mesa ou jogar minha cadeira pela porta de vidro da minha varanda.

Ela é inteligente. Ela atendeu ao meu aviso.

Só para ter certeza, eu desligo e ligo para o gerente de limpeza. — Estou procurando uma de suas funcionárias, Sondra Simonson. Ela está trabalhando hoje?

— Sinto muito, Sr. Tacone, ela disse que não estava se sentindo bem. Eu a deixei ir para casa mais cedo. Mandeí Jenny limpar as suítes da cobertura. Sondra me disse que terminou com o seu — não era verdade? Precisa de mais alguma coisa?

Ela não desistiu. Ela foi para casa doente.

— Não, está tudo bem. — Termino a ligação e olho para o meu telefone. A ideia de Sondra estar chateada o suficiente para ir embora me deixa pronto para sair voando pela porta para persegui-la. Mas também estou aliviado por ela não ter desistido.

O que isto significa?

Ela está pensando em voltar aqui? Depois que eu deixei claro o que aconteceria? Porra.

Eu realmente não quero diminuir a luz dela. Mas eu deveria aliviar qualquer sentimento de mágoa.

Ligo para a floricultura do cassino. — Preciso de três dúzias de rosas entregues fora do local imediatamente.

— Claro, Sr. Tacone. Onde elas estão indo?

Pego o arquivo de Sondra e leio seu endereço.

— Cor?

— Sua vez.

— Nota no cartão?

Eu hesito. O que diabos eu digo? Eu solto minha respiração. — Que tal... *Posso te levar para jantar hoje à noite? E assine, Nico.*

— Perfeito, Sr. Tacone, vou enviá-los imediatamente.

— Obrigada.

Eu desligo.

O que eu estou fazendo? Agora eu quero levá-la para jantar? Depois que eu tentei libertá-la? Porra. Estou tão fodido da cabeça por essa mulher, é embaraçoso.

Tenho uma paixão total por uma mulher que provavelmente destruirei.

* * *

Sondra

Eu pego o ônibus para casa. Eu não parei para dizer a Corey que eu estava indo embora porque eu preciso colocar minha cabeça no lugar. Eu não queria responder suas perguntas sobre o que aconteceu e o que eu vou fazer.

Eu deveria desistir.

Ele deixou claro que eu deveria desistir.

Ele também deixou claro o quanto ele me quer. Não apenas uma vez e pronto, também.

Ele quer me manter.

Pelo menos é o que eu li em suas ameaças.

E caramba se isso não me atrai em algum nível. Eu nunca tive um homem tão afim de mim. Eu fui a garota que era fácil de se afastar. Fácil de enganar.

E então parte de mim acha que eu deveria desafiá-lo e apenas aparecer amanhã. Desafiá-lo a cumprir sua ameaça.

Mas o resto de mim não aguenta outra montanha-russa emocional. A posse e depois a rejeição.

Desço na minha parada e caminho os seis quarteirões até a casa de Corey.

E... foda-se. O carro de Dean está lá. Eu estava realmente esperando ter o lugar para mim. Eu literalmente não estou sozinho desde que me mudei para Vegas. Não a menos que você conte quando estou limpando quartos.

E se alguma vez precisei de algum tempo sozinho, é agora.

Quase continuo andando. Mas está quente. E eu quero um banho. Eu preciso lavar Tacone fora de mim. Lavar este dia fora de mim.

Eu entro e encontro Dean no sofá assistindo televisão. Seu rosto se ilumina com um sorriso preguiçoso. — Oi, Sondra.

Ok, sim. Ele parece um pouco feliz demais em me ver.

— Ei. — eu murmuro e pego uma muda de roupa da minha mala ao lado do sofá. Eu passo por ele para o banheiro.

Ele se levanta e me segue. — Achei que você não estaria em casa hoje.

Eu o ignoro e fecho a porta do banheiro. Ligo o chuveiro e deixo a água correr. Talvez eu esteja sendo malcriada, mas está ficando cada vez mais

difícil ser educado com Dean. Eu não gosto do cara e ele está me dando arrepios.

Eu tiro minhas roupas e entro no chuveiro, mas qualquer satisfação que eu esperava obter com a terapia da água é completamente anulada pelo conhecimento de que Dean está logo atrás da porta.

Se houvesse um olho mágico, ele provavelmente olharia através dele.
Bruto.

Acabo desligando o chuveiro e me apressando para me vestir. Talvez eu faça essa caminhada. É como se eu pudesse sentir a energia onipresente de Dean se infiltrando pela porta. Eu realmente preciso de algum espaço.

Quando saio, sou saudada pela visão não de um buquê de rosas, mas de três.

E um Dean muito azedo.

— São do seu chefe? — ele exige. O idiota abriu o cartão. Ele joga para mim. Ele flutua no chão aos meus pés.

Eu me abaixo para pegá-lo e lê-lo.

Nico Taccone está me convidando para jantar? Depois que ele acabou de me expulsar de sua suíte?

Este dia não poderia ficar mais estranho.

— O que você fez para que ele lhe enviasse rosas? — Dean pergunta. Quando ele dá um passo mais perto, parece ameaçador.

Não gosto da insinuação. — Nada.

A zombaria de Dean é irrisória. — Okay, certo. Você fez sexo com ele?
— Ele agarra meu braço. — Você deveria ter cuidado. Você sabia que ele é da máfia?

Eu torço para sair de seu aperto, mas ele fecha os dedos com mais força.
— Ai, — eu protesto. — Saia de cima de mim.

Ele se aproxima ainda mais, inclinando-se para ficarmos nariz com nariz. — Eu acho que você é muito gostosa, Sondra, — diz ele. Seu hálito cheira a Doritos. — Tenho certeza que Tacone também.

Novamente eu tento me afastar, mas Dean me segura rápido.

— Deixe-me ir, — eu estalo.

— Eu amo que você e Corey são primas, — diz ele, me apoiando contra a parede. — É quase tão bom quanto fazer gêmeas.

— Você não vai me fazer, então tire essa ideia da sua cabeça. — Minha indignação está se transformando em pânico agora. Eu pensei que Dean era desprezível, mas eu não acho que ele era o tipo de cara que força uma garota. Mas claramente eu entendi errado. Porque qualquer cara normal me deixaria ir quando eu pedisse.

Seus dedos apertam com força contundente ao redor do meu braço. Ele estende a outra mão entre minhas pernas.

— Saia. Porra. Fora de mim. — Estou genuinamente lutando agora, me contorcendo para tentar sair de seu alcance, tentando sem sucesso dar uma joelhada nas bolas dele. Ele me joga contra a parede.

Uma batida forte soa na porta e isso fornece distração suficiente para eu me abaixar e arrancar meu braço de seu alcance. Eu corro para a porta como quem está do outro lado é minha salvação.

— Sondra.

Eu ignoro o silvo de Dean e abro a porta, planejando sair correndo sob a proteção de quem quer que esteja ali.

Eu não tinha ideia de que essa pessoa seria Nico Tacone.

Eu esbarro nele na minha pressa de sair e ele me pega, as sobrancelhas caindo. Ele olha além de mim para a casa e sua carranca se aprofunda.

— O que está acontecendo? Você está chateada? — Ele dá um passo para trás para me examinar e não perde as marcas vermelhas de raiva em meus braços.

Isso é tudo o que é preciso. Eu nem disse uma palavra, mas ele vai marchando para a casa e bate em Dean.

Há um estalo doentio de osso quando seu nariz quebra e ele sai voando para trás, tropeçando no sofá e escorregando para o chão. Tacone o segue e o pega pela camisa para derrubá-lo novamente.

— Ok! — Eu grito. — Pare. — Agarro o braço de Tacone.

Ele faz uma pausa para olhar para mim. Ele está em seu terno completo de grife, mas ele não suou. — Sondra, vá esperar no carro. — Sua voz é perfeitamente uniforme, como se a justiça violenta fosse um trabalho diário para ele. O que provavelmente é.

Ai Jesus. Ele vai matar Dean.

Posso estar chateada com o que Dean fez comigo, mas já sinto que estamos quites. Quero dizer, o cara tem sangue jorrando do nariz e está de bunda no chão.

— Não. — Tento puxar Tacone em direção à porta. — Vamos para aquele jantar. Isso soou legal.

Ele joga Dean no chão e se endireita para me encarar. — Quem é esse cara? Ele te machucou?

Eu estremeço porque sei que a resposta vai causar mais violência. — Ele é o namorado da minha prima. Por favor, podemos ir?

Tacone enfia a mão na jaqueta. Eu sei o que ele vai sacar antes que ele mostre a arma porque eu tive a coisa apontada para minha cabeça. Ele se inclina e pressiona o cano contra a têmpora de Dean. — Saia daqui.

Por mais aterrorizado que Dean pareça, ele ainda gagueja: — Este é o meu lugar .

A pistola Tacone o chicoteia. — Eu disse, saia daqui. Pegue sua merda. Mude-se. Se você chegar perto de Sondra ou de sua prima novamente, eu vou te matar. Você me entende?

Dean não responde rápido o suficiente e Tacone puxa a arma de volta para chicoteá-lo novamente. — Ok! Estou indo embora! — Ele coloca as mãos no ar e lentamente se levanta.

Tacone não tira os olhos de Dean, mas ele murmura para mim: — Essa é a sua bolsa, baby?

Levo um segundo para entender, mas então percebo que ele está falando sobre minha mala aberta ao lado do sofá.

— Sim. É sim.

Tacone coloca a arma de volta no coldre debaixo do braço e caminha até a mala, fechando-a com um zíper decisivo.

Estou tremendo como uma folha, possivelmente entrando no mesmo choque que experimentei na primeira vez que vi a arma de Tacone.

— Entra no carro, querida. — Ele pega minha mala pela alça e levanta o queixo em direção à porta.

Meus joelhos vacilam enquanto ando, mas consigo pegar minha bolsa e cambalear até a porta. Tacone está logo atrás de mim, carregando minha mala. Nenhum de nós olha para trás quando saímos.

* * *

Nico

Eu tinha uma noção romântica sobre tratar Sondra como uma dama e levá-la para um encontro. Essa ideia morreu rapidamente quando vi o brilho de medo em seus olhos e as marcas em seus braços.

Maldito bastardo. Eu realmente quero matar o filho da puta por lidar com minha garota.

Sim, eu posso estar tentando fingir que ainda não tinha reivindicado Sondra Simonson, mas eu já o fiz.

É tarde demais para ela.

O diabo pega o que o diabo quer. E eu a quero.

Ainda tenho o poder da fúria sombria correndo em minhas veias, o que me faz sentir invencível, mas tento controlá-lo.

Sondra está apavorada. Tão assustada quanto ela estava no dia em que a conheci. Porra. Foi por minha causa? O que eu fiz lá atrás? Eu tenho que lembrar que ela não está acostumada a ver caras com o nariz quebrado.

Eu jogo a mala dela no porta-malas da Lamborghini e abro a porta do passageiro para ela. Depois de entrar no lado do motorista e ligar o carro, tenho que perguntar: — Sondra, ele não...

— Não. — Ela balança a cabeça. E então, para minha total demolição, ela começa a chorar.

— Bebê. — Minhas mãos agarram o volante com força suficiente para esmagá-lo. — Porra.

— Estou bem. — Ela funga. — Foi apenas um longo dia.

— Eu sinto muito. Eu sei que faço parte disso. Ou talvez tudo isso? — Eu dou a ela um olhar de soslaio.

Ela balança a cabeça.

Obrigado porra.

— V-você não vai... fazer mais nada com ele. Certo?

Eu quero bater no cara? Totalmente. Se ela me dissesse que ele a estuprou, eu definitivamente o faria. Mas não. A razão pela qual eu deixei Chicago para abrir um cassino em Vegas foi porque eu queria sair do submundo. Eu dirijo um negócio legítimo. Eu mantenho o sangue longe das minhas mãos tanto quanto possível.

— Você quer que eu faça mais alguma coisa? — Eu só quero ter certeza.

Ela balança a cabeça rapidamente. Nenhuma surpresa.

— Então não. Eu não vou tocá-lo novamente. Desde que ele tire a bunda de lá.

Ela torce os dedos no colo. — E se ele não fizer isso?

Eu ranjo meus dentes. — Então eu vou ter certeza que ele tire.

— Não matando ele.

Eu olho. Sondra Simonson colocou o pé no chão sobre alguma coisa. Gosto de ouvir o aço em sua voz, quase tanto quanto gosto quando ela cede a mim. — Sim, ok. Eu vou realocá-la.

Ela enxuga as lágrimas secas em seu rosto. — Para onde você está me levando?

— Para o Bellíssimo. Vou conseguir uma suíte para você lá — sem custo, sem obrigação. Você precisa de uma cama decente para dormir. Eu tinjo minha voz com finalidade e ela não discute. Eu não suporto saber que ela está dormindo na casa com aquele babaca pairando por perto.

Depois de um longo momento, ela dá um suave — Obrigada.

O aperto do meu coração me surpreende. — Porque?

Ela pega um fio em seu short jeans. — Estou feliz que você apareceu quando você o fez.

Agora eu quero voltar e matar o cara. Não tocá-la definitivamente não é mais uma opção. Eu estendo a mão e apalpo sua nuca, acariciando meu polegar ao longo da coluna de seu pescoço. — Diga-me se você ver aquele cara de novo.

É a coisa errada a dizer. Sondra empalidece novamente e sinto um pequeno estremecimento percorrê-la.

Inferno. Ela está com medo de mim. Mas talvez seja o melhor. Ela deveria estar com medo de mim. Ela deveria trancar a porta e ficar longe.

* * *

Sondra

Estou trêmula e chocada. Talvez seja por isso que não estou com medo de Nico Tacone desta vez. Na verdade, estou me sentindo estranhamente confortada e cuidada, o que é estúpido, porque sei que esse homem é incrivelmente perigoso. Caramba, acabei de vê-lo apontar uma arma para alguém. Novamente.

E, no entanto, ele estava me defendendo, então de repente seu perigo se transformou em heroísmo. Eu sei que Corey diria que estou ouvindo *A Voz do Errado* novamente.

E oh Deus! O que Corey vai dizer sobre Dean?

Ela vai me culpar por isso? Culpar Nico quando Dean sair? Dean vai embora? Espero, pelo bem dele, que ele o faça. Na verdade, espero pelo bem de todos nós.

Tacone para no círculo dianteiro do Bellissimo e sai do carro. O manobrista corre para abrir minha porta. Tacone joga as chaves para ele. — Tem uma mala no porta-malas.

— Claro, Sr. Tacone.

Ele me acompanha para dentro, contornando a fila para a recepção e caminhando direto para uma estação vazia. O mensageiro nos segue com minha mala. Um dos funcionários corre.

— Eu preciso de uma suíte para a Sra. Simonson.

Os funcionários da Tacone são bem treinados porque não há um traço de curiosidade na expressão da recepcionista, apenas uma atitude eficiente e ansiosa por agradar enquanto seus dedos voam sobre as teclas. Ela me olha e sorri. — Quanto tempo você vai ficar, Sra. Simonson?

— Hum... um ou dois...

— Indefinidamente, — interrompe Tacone. — Feche pelo menos nos próximos meses.

Meses? Eu ia dizer noites. Uma suíte no Bellissimo custa US\$ 450 por noite na alta temporada.

— Ok, eu só preciso de uma identidade com foto e cartão de crédito para incidentes, — diz a recepcionista, olhando para Tacone.

Pego minha bolsa, mas ele balança a cabeça impaciente. — Sem custo para imprevistos.

O zumbido que começou no meu peito quando ele disse que eu poderia ficar aqui por meses fica mais alto. Nico Tacone vai deixar uma de suas empregadas ficar em uma suíte de luxo e pedir serviço de quarto de graça? Eu sei que ele gosta de mim, mas os sinos de alerta estão tocando.

Tacone parece notar, porque ele me lança um olhar. É uma parte de advertência, uma parte de segurança. *Apenas pegue*, ele parece estar dizendo.

— Ok, você está no quarto 853, que fica na torre norte. Pegue o elevador à sua esquerda. — Quando a recepcionista desliza o cartão para mim, Tacone o pega e o entrega ao mensageiro, dispensando-o com um empurrão de queixo.

O mensageiro rola silenciosamente com minha bolsa. Tacone coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me guia em direção aos elevadores. As pessoas olham para nós quando passamos. Ele está vestido com seu lindo terno e eu estou em shorts jeans e um top. Merda, eu pareço com a prostituta dele?

Meus passos vacilam.

Tacone para e me vira para encará-lo. Um músculo em sua mandíbula se contrai. — Tome a porra do quarto, — ele retruca, como se já soubesse que eu estava prestes a desistir. Ele me solta e ergue as mãos, os dedos bem abertos em rendição. — Eu não vou subir com você. Você não precisa me ver novamente. Você não trabalha para mim. Na verdade, você está demitida. E

agora você tem um lugar para ficar enquanto resolve sua merda. Ele aponta o queixo em direção ao elevador, onde o mensageiro está segurando a porta aberta para mim. — Vai.

Ele se vira e vai embora, sem esperar para ver o que vou escolher. Eu hesito. O mensageiro está com minha mala, então tenho que ir buscá-la, independentemente.

Eu poderia muito bem descobrir como é dormir em uma suíte Bellissimo.

Só por uma noite.

Amanhã eu posso resolver minha merda.

CAPÍTULO 6

Nico

Como estou muito obcecada, no dia seguinte verifico se Sondra desistiu ou resistiu. Ela não, mas ela ligou dizendo que estava doente.

Eu procuro nos vídeos do cassino até que finalmente a vejo deitada na piscina.

Eu sorrio. Bom para ela.

Mas então eu gostaria de não tê-la encontrado, porque a vontade de sair no deck da piscina e arrancar o biquíni de seu corpo e lamber todos os lugares que o sol não tocou me oprime. E isso é seguido de perto por uma explosão de ciúme branco quente. Porque cada cara no deck da piscina está vendo a mesma coisa que eu.

E algo sobre uma Sondra Simonson seminua é muito mais ousado do que as dançarinas e garçonetes que desfilam pelo meu clube com mais bundas e peitos à mostra.

Faço a única coisa razoável: me afasto dos feeds de segurança e vou para o chão, aterrorizando meus funcionários.

Eu vejo Corey no chão e seus olhos encontram os meus, ousados e confrontadores.

Sim, dei a bunda ao seu namorado e disse para ele sair da sua vida. Eu posso ter um pouco de complexo de deus. Processe-me.

Como estou me sentindo um tirano, vou direto para o gerente de salão, Ross. — Substitua Corey Simonson por um momento. Eu preciso ter uma palavra com ela.

— Sim, senhor, Sr. Tacone. — Ross corre até Corey, que está trabalhando na roleta, e murmura algo em seu ouvido. Assim que a peça termina, ele se aproxima dela, fazendo todos os seus clientes gemerem. As pessoas ficam supersticiosas sobre seu crupiê, especialmente quando ela é uma ruiva alta e linda.

Corey levanta o queixo e caminha até mim, usando um par de sapatos de salto alto e um vestido preto justo com um decote profundo.

— Você tem algo a me dizer? — Eu exijo assim que ela chegar.

Suas pálpebras se abrem por um momento antes que ela esconda sua surpresa. Ela está em silêncio uma batida completa. — Não senhor.

— Tem certeza que não? — Eu desafio.

Outra batida, então ela balança a cabeça. — Eu não dou a mínima para o que você faz com ele. — Nojo infunde sua voz e eu experimento um lampejo de simpatia por ela. É uma maravilha como as mulheres bonitas acabam com perdedores como namorados.

Cazzo, agora estou ficando mole para outras pessoas também. O que diabos está errado comigo? Eu definitivamente preciso de uma porra de sono.

* * *

Jenna

— É hora de selar o acordo, — pronuncia meu pai. Ele está sentado atrás de sua grande mesa de nogueira, cortando a ponta de um charuto. Fui convocada aqui, ao seu escritório, a princesa da máfia ao rei.

O nó de ansiedade que carrego sob minhas costelas desde que tive idade suficiente para entender meu futuro aperta tão apertado que não consigo respirar.

— Junior Tacone perguntou sobre você. Ele sabe que você se formou na faculdade. Não posso adiar mais.

Eu amaldiçoo as lágrimas que brotam em meus olhos. Mas não é justo. Estou preso neste casamento desde os nove meses de idade. Assinei para casar com um homem dez anos mais velho do que eu. Um homem que também nunca me quis.

Acho que esse deve ser o meu único conforto.

— Nico perguntou por mim? — Minha voz vacila.

Meu pai acende o charuto e dá uma tragada.

Eu odeio fumaça de charuto. Eu não suporto o jeito que meu pai sopra na minha direção como se ele nunca tivesse ouvido falar de problemas de saúde de fumo passivo.

— Não. Eu não sei qual diabos é o problema de Nico. Se ele acha que vai desrespeitar esta família recusando-se a se casar com você...

— Mas eu não quero me casar com ele, — eu lamento, pela Quadri centésima quinquagésima vez.

Meu pai aponta um dedo imponente para mim. — Você fará o que tiver que fazer para solidificar o vínculo entre nossas famílias. Essa é a única merda que eu te peço. Você não precisa sujar as mãos, não precisa ser um soldado como seus irmãos. Você se casa com quem eu mando você casar, e você faz isso com classe. Do jeito que sua mãe te criou.

E esta é a resposta que ouvi toda a minha vida.

Eu engulo a bile subindo na minha garganta.

— As famílias estiveram ligadas todos esses anos apenas com o contrato de casamento. Não precisamos de um casamento de verdade para solidificar as coisas.

— O suficiente. — Meu pai acena com a mão. — Estou mandando você para Vegas. Você diz a Nico Tacone para começar a fazer planos de casamento. A hora chegou.

* * *

Sondra

Depois de três dias de férias de luxo com os centavos de Nico Tacone, decido que é hora de voltar ao trabalho. E tenho plena consciência do que isso significa.

Ele me avisou, minuciosamente.

Ele também honrou sua palavra e ficou longe. Nenhum contato, a menos que você conte a conversa dele com Corey. Mas eu não tive nenhuma pista sobre um trabalho profissional e este é melhor do que nada.

Ah, quem estou enganando? Voltar ao trabalho significa que decidi me oferecer como um sacrifício virginal a Nico Tacone.

Ele é como um vício. Eu quero ficar longe - eu realmente quero. Eu sei que é a coisa certa. Mas a excitação produzida pelo pensamento de vê-lo novamente é muito difícil de resistir. Eu quero estar perto dele novamente, chiar e queimar sob a chama de seu desejo por mim.

Sair do trabalho. Volte para Michigan. Use seu diploma, argumenta a voz da razão.

Meu, diz *O Voz do Errado*, dando patas no ar na direção da suíte de Nico com garras de gato.

Então eu apareço para trabalhar e embrulho meu carrinho de limpeza como se nada tivesse acontecido.

— Se sentindo melhor? — Marissa pergunta.

— Sim. Foi um problema no estômago. — Eu me sinto um pouco culpado por mentir para ela, mas o que posso fazer? A história real é bizarra demais para ser compartilhada com qualquer pessoa além de Corey.

Espero que ela se recupere da coisa com Dean logo. Ela veio para a suíte na noite em que aconteceu e nós dois bebemos algumas garrafas de vinho até que estávamos xingando todos os homens e jurando nunca deixar um ao outro namorar um perdedor novamente.

O que, é claro, significava que Corey tentou me convencer de minha paixão por Tacone. Então agora eu vou ter o julgamento dela para enfrentar em cima de qualquer problema que eu me meter hoje. Mas ela estará lá para juntar os pedaços para mim.

Talvez essa seja a lição de tudo isso. Escolho homens de merda, mas há pessoas na minha vida que me amam e fariam qualquer coisa por mim. Isso é um dom por si só.

Eu limpo as outras suítes primeiro. Na segunda, encontrei os caras que vi no primeiro dia.

— É essa. — um deles murmura para o outro enquanto eles saem e eu entro.

— Quem?

— A governanta pela qual Nico é obcecado. — A porta se fecha. Não é realmente uma notícia nova. Eu sei que ele tem uma queda por mim. Mas ouvi-lo dos lábios de um estranho torna-o mais sólido. Mais real. Mais emocionante. Eu tenho um salto no meu passo enquanto limpo.

Quando termino, vou para a suíte de Tacone. Ele não está lá, o que é definitivamente o melhor. É uma suspensão da execução. Então, por que estou tão decepcionada?

Estou quase terminando o último quarto quando ouço o cartão-chave de Tacone na fechadura.

Meu coração dispara na minha garganta.

Tacone entra e seu olhar passa pelo carrinho de limpeza, então se vira para me ver. No momento em que nossos olhos se conectam, um choque de pura eletricidade me atinge onde estou.

Há satisfação no pequeno sorriso de Tacone e uma promessa sombria em seus olhos.

Ele se aproxima de mim. — Eu avisei o que aconteceria se você voltasse, certo? — Sua voz é áspera, faminta.

Eu seguro seu olhar. — Você me avisou.

Ele me alcança, balançando a cabeça. — Você pediu por isso. — Ele me pega pela cintura e me joga na banqueta que se aconchega no balcão do café da manhã. Eu alcanço seu cinto, mas ele agarra meu pulso.

— Não. Eu estou no comando, querida. Eu decido quando e como vou te foder. Se vou satisfazer minha fantasia de dobrar você sobre aquele carrinho de limpeza, ou fazer você colocar essas tranças de volta no cabelo e levá-la para o chuveiro. Ele desliza as palmas das mãos pelas minhas pernas

nuas, empurrando a saia do meu vestido de empregada para cima enquanto ele vai. Quando seus polegares alcançam minha calcinha, ele os desliza levemente sobre o reforço, me provocando.

Minha boceta aperta em torno do ar. Eu agarro seus braços para não cair para trás.

— Isso mesmo, docinho. Você aguenta firme. Porque desta vez eu não estou me segurando.

O som que sai da minha garganta é irreconhecível.

Ele roça os dedos sobre meu clitóris, mal fazendo contato, me deixando louca. — Você trouxe essa buceta para mim para ser fodida? Você sabia que eu não iria deixá-la vazia desta vez, não é?

É sujo e grosseiro, mas Deus me ajude, eu adoro isso. Senhor, se Tanner tivesse falado comigo dessa maneira, eu teria rido na cara dele. Mas Tacone consegue porque transpira confiança sexual.

Minha cabeça balança quando eu aceno.

Foi isso que me trouxe de volta aqui. Eu quero outro orgasmo de Nico Tacone. Eu só tenho que me lembrar de manter minha cabeça sobre mim e não deixar meu coração se envolver. E para evitar testemunhar qualquer coisa ilegal que possa me colocar em perigo.

Sim, eu sou estúpida. Eu sou uma idiota excitada que tem certeza que esta vai ser a melhor transa da minha vida.

Ele enfia um polegar sob o reforço da minha calcinha. — Hum hm. Você está molhada para mim, não está? Acho que estou mais pronta do que nunca, porque ele desliza o polegar direto em mim sem nenhuma preparação necessária. Ele geme, suas pálpebras caindo. — *Bambina* ... eu

tenho pensado nessa boceta a cada minuto do dia desde o dia em que te peguei aqui. — Ele me segura em volta da minha cintura, me inclinando para trás e bombeia o polegar. — Todo o cassino cheio de bocetas, mas eu só quero essa.

Minha cabeça cai para trás. Estou equilibrada em meu cóccix, arqueada sobre seu braço, minha parte superior do corpo mantida pelo meu aperto em seus antebraços.

— E é por isso. Você é tão fodidamente *convidativa*. Tão *receptiva*. — Seu rosto se contorce como se lhe doesse não estar dentro de mim.

Eu me contorço, querendo levá-lo mais fundo, obter mais fricção. Seu polegar não é suficiente.

— Garota gananciosa. Você quer que eu te foda bem?

— Sim por favor.

Ele dá uma risada dolorosa. — E você, porra, diz *por favor*. Toda vez. A garota mais doce que eu já tive. — Ele retira o polegar e me puxa para fora da banqueta. — Vire-se, *bambina*.

Eu giro e coloco meus antebraços na banqueta, empurrando minha bunda para fora. Ele puxa minha calcinha para baixo e, em seguida, antes de dar um tapa na minha bunda.

Eu nunca pensei que gostaria da dor, mas depois daquela surra que ele me deu da última vez, eu não estou apenas pronta para isso, eu anseio por isso. Ele bate na minha bunda de novo, e de novo. Cada vez é um choque de dor, um respingo de prazer. Estou me afogando em sensações, caindo cada vez mais fundo em um abismo de luxúria e desejo.

— Por favor, — eu choramingo.

Ele dá uma maldição afiada. — Empurre sua bunda para fora, linda.

Minha bunda já está para fora, mas eu tento arquear ainda mais. Eu ouço o estalo de uma embalagem de preservativo e espero enquanto ele rola na proteção. Ele esfrega a cabeça de seu pênis ao longo da minha fenda.

Eu o empurro de volta, tentando colocá-lo dentro de mim. Não aguento mais um segundo dessa provocação. Eu preciso de satisfação.

Ele empurra em mim com um impulso duro. — Porra. — Ele puxa para fora e eu quase choro. Devo ter choramingado, porque ele me acalma. — Está tudo bem, *bambina*. Deite sobre o braço do sofá aqui. Eu preciso foder você com muito mais força do que eu posso aqui.

Eu cambaleio para o sofá e ele me empurra por cima do braço e bate na minha bunda novamente.

— Você parece tão perfeita com minhas marcas de mãos na sua bunda, Sondra Simonson.

Eu não sei por que ele sempre diz meu primeiro e último nome, mas eu adoro isso. Isso me faz sentir como alguém famoso. Uma estrela de cinema ou um super-herói. Como prometido, ele me penetra tão fundo que eu grito.

Ele fica lá, segurando minha garganta para levantar minha cabeça. — Ok?

Ele está checando comigo. Ele pode ter um jogo duro, mas Nico é atencioso. Quando ele não está apontando uma arma para a cabeça de alguém.

Eu arqueio para trás. — Sim.

Ele não se move. — Sim o que?

Minha mente gagueja, não tenho certeza do que ele quer. — Sim senhor?

Ele ri. — Baby, você continua me chamando de *senhor* e você vai se foder até amanhã. Peça-me o que você quer. Eu quero ouvir você dizer por favor novamente com aquela vozinha doce que deixa minhas bolas tão apertadas.

— Por favor, Nico.

— Porra.

Ele se retira e bate em mim, tirando meu fôlego com a força disso. É muito duro, muito difícil, mas eu não reclamaria se isso me matasse. Parece tão certo. Tão bom. Ele me fode com força, seus quadris batendo contra minha bunda como uma segunda surra, seu pau perfurando profundamente dentro do meu canal encharcado.

— Por favor. — Agora que sei o que ele quer, o que o deixa louco, vou continuar dizendo.

Ele amaldiçoa novamente e agarra meus braços, arqueando minhas costas enquanto ele bate em mim.

Eu gemo, mas abro mais minhas pernas, trabalho para relaxar meus músculos para receber melhor a força total de seus impulsos. Minha mente está perdida. Ainda nem cheguei, mas estou voando para o espaço sideral. Não, em algum lugar melhor que o espaço sideral. O lugar de nenhum pensamento. Apenas prazer. Apenas prazer maduro, suculento, satisfatório e pulsante.

— Sim, Nico, *por favor* — eu lamento.

— Pare de implorar, querida. — Sua voz é áspera. — Pare de implorar ou eu não vou durar mais nada, fodaaaa. — Ele se enterra profundamente e empurra seus quadris contra minha bunda, gozando.

De alguma forma, ele ainda tem os meios para lembrar que eu não gozei e ele levanta meus quadris para longe do sofá o suficiente para colocar sua mão debaixo de mim e esfregar meu clitóris.

Eu saio, fogos de artifício se estilhaçando na frente dos meus olhos, meu corpo convulsionando sob seu toque áspero.

Estou cheia de seu pau, dançando contra seus dedos por longos momentos, por uma eternidade. E então acabou e eu esqueço como respirar.

Eu desabo sobre o braço do sofá, minha visão é preta. Não, meus olhos estão fechados. Eu não sei quanto tempo eu estive deitada assim, mas Nico relaxa e isso me desperta.

— Venha aqui, bebê. Vamos te limpar. — Ele me gira. Eu mal posso ficar em meus dois pés. Eu definitivamente não consigo me concentrar.

Seu sorriso é indulgente logo antes de ele se curvar na cintura e colocar seu ombro contra meu quadril. E então estou no ar, jogada sobre seu ombro, minha bunda nua para o céu. Ele dá um tapa enquanto me leva para o banheiro. Ele me segura como um saco de batatas enquanto liga a água do chuveiro, então me coloca no chão e tira meu vestido.

— Eu queria foder você aqui, garotinha. Naquele primeiro dia eu te encontrei limpando. Coloquei você no chuveiro e foi tudo o que pude fazer para não me despir e segui-lo. Ele tira a roupa agora e eu fico lá, ainda uma boneca de pano. — Foi totalmente depravado. E então ouvi você chorando e me senti um idiota ainda maior.

Não sei o que dizer, porque é depravado que ele quisesse me foder depois do que fez. E, no entanto, ouvir isso só me traz a emoção do poder que recebo toda vez que ele fala sobre o quanto ele me deseja.

Este homem incrivelmente rico, poderoso e perigoso pensa que sou sua fraqueza.

Isso me deixa tonto com o poder.

E estúpido. Porque isso é apenas sobre sexo. É uma paixão, por qualquer motivo. E é melhor eu tomar cuidado ou posso me encontrar em perigo real.

— Você realmente não vai me manter prisioneira aqui. — Eu digo isso como uma afirmação, mas é realmente uma pergunta. Eu tenho que perguntar, agora que meu cérebro está voltando e a adrenalina do medo está começando a voltar.

Suas pálpebras caem a meio mastro. Ele me empurra para dentro do jato de água e me segue. Eu me encontro presa contra a bela parede de mármore italiano e suas mãos deslizam sobre meus seios, descendo pelos meus lados.

— Eu vou deixar você ir? É discutível. Não até eu te foder pelo menos mais uma vez.

Minhas ansiedades desaparecem. Ele não é louco. Ele realmente não iria me amarrar na cama, não se eu não quisesse. Não o cara que parou para ter certeza de que eu estava bem quando eu choraminguei durante o sexo.

Eu não pensava assim, mas eu precisava ter certeza.

Ele pega uma barra de sabão e a ensaboa em ambas as mãos, então acaricia a espuma nos meus ombros, depois nos meus seios. Ele ensaboa

minha barriga, desce pelas minhas coxas, então me vira e pega minhas costas, minha bunda.

Ele começa a acariciar entre a fenda da minha bunda.

Minhas pernas, já instáveis, começam a tremer. É ao mesmo tempo embaraçoso e excitante ter meu ânus tão completamente limpo, massageado e acariciado.

— Aposto que essa bunda suculenta nunca foi fodida antes.

Eu endureço, porque, sim. Eu sou totalmente uma virgem anal e definitivamente não vou desistir dele.

Ele chega na minha frente e segura meu monte, acariciando a carne macia lá tão levemente. — Você está com medo. — Ele traz seus lábios ao meu ouvido e então me belisca lá. — Isso não deveria me excitar.

Meus joelhos travam e eu desvio meus quadris para longe dele. Eu definitivamente não quero isso. Especialmente não quando parece que ele quer me forçar.

Ele me vira e prende minha garganta com a mão. Ele não aperta, apenas o usa para me segurar para um beijo duro. A água escorre pelo meu rosto, entre nossos lábios. Ele move sua boca sobre a minha, me fodendo com sua língua, torcendo e virando seus lábios sobre os meus, mudando o ângulo, me devorando.

Depois de um momento eu relaxo nele, aberta para o ataque.

Suas mãos deslizam para minha bunda e ele aperta, segurando e amassando minhas bochechas enquanto faz amor com meu rosto.

Seu pau endurece contra minha barriga. — Eu preciso de você de novo, *bambina*. Você vai me dar como uma boa menina?

Essas palavras não deveriam me excitar, mas o fazem. Minha boceta aperta, levanta o assoalho pélvico. Eu envolvo uma perna em volta de sua cintura e o convido a entrar.

Ele geme contra meus lábios. — Esqueci de trazer camisinha. — Ele remove minha perna de sua cintura e me empurra contra a parede do chuveiro. — Mova desta posição e eu vou bater na sua bunda de rosa.

— Sim. — Estou sem fôlego.

Ele se inclina e me beija de novo, lábios duros e torcidos. — Tão doce. — Mas então ele aponta um dedo de advertência para mim enquanto sai do chuveiro. É um gesto que faz meus joelhos fraquejarem. Isso provavelmente faz seus inimigos se irritarem, seus subordinados pularem na linha.

Ele está de volta um momento depois, já rolando a camisinha. Ele se aglomera contra mim, inclinando sua testa contra a minha, seu pau serrando entre minhas pernas.

— Você está muito dolorida para isso?

Aí está novamente, a consideração. Não sei por que isso sempre me surpreende. Acho que porque o resto do tempo ele pode ser tão duro. É tão atraente, essa mistura de a dureza e ternura. Isso o torna além de atraente.

Estou muito dolorida, mas não posso recusar mais sexo. Não porque eu não quero decepcioná-lo. Porque eu preciso. Mesmo com os orgasmos que ele já me deu, estou com fome de mais. Quer saber como essa cena termina.

— Não muito dolorido. — Minha voz soa áspera.

Ele pressiona o polegar na minha boca e eu chupo. — Eu não sou gentil, *amore*. É melhor você saber disso.

Ele puxa o polegar o suficiente para eu responder: — Você está me avisando de novo?

Ele chuta meus pés mais largos, então levanta minha coxa, mas em vez de colocá-la em seu quadril onde estava antes, ele dá um tapa na minha boceta.

Eu suspiro. Meus mamilos endurecem em pontas de diamante.

Ele bate entre as minhas pernas novamente. É uma espécie de punição, mas não sei para que serve. Ou talvez ele só goste de me machucar.

Não me surpreenderia se o chefe da máfia fosse um sádico. Seu mundo é crime e violência.

Mas então ele funde sua boca sobre a minha e alinha seu pau com a minha entrada. — Pegue, então. — Sua voz é rouca e profunda. Ele empurra, me enchendo.

Eu jogo meus braços ao redor de seus ombros e agarro a parte de trás de seu pescoço. Ele se levanta, levantando meu outro pé do chão do chuveiro. Eu o envolvo em sua cintura e ele segura minha bunda. — Você vai cavalgar bem no meu pau, *bambina* ?

Minha boceta aperta, mesmo quando estou ofendida. É assim que ele fala com as putas que costuma usar?

Mas então eu esqueço minha ira no momento seguinte, porque ele começa a murmurar contra o meu pescoço enquanto ele entra e sai, — Tão doce. Tão fodidamente bom. Essa boceta pode salvar um homem, juro por *Madonna*.

Minha parte superior das costas pressiona contra a parede do chuveiro e ele guia meus movimentos, me levantando e abaixando enquanto ele inclina suas estocadas em mim.

O calor da água e do vapor, combinado com o sexo frenético, me deixa tonta.

Nico é rude, sem dúvida. Não tenho controle sobre nossos movimentos — ele está dirigindo e sabe exatamente o que quer e o que está fazendo. Meus gemidos ficam cada vez mais altos e então estou apertando em torno de seu pau, batendo em seu ombro.

— Não venha, — ele ordena. — Não venha até que eu mande.

Mais uma vez, estou ofendido. Eu não posso dizer se é suposto ser quente ou ele é apenas tão controlador. Exceto que está quente. Tão gostoso que não posso deixar de obedecê-lo, só porque preciso saber qual será a recompensa pela obediência.

Só porque estou desesperada para colher minha recompensa.

Nico está ofegante, empurrando mais forte e mais rápido, me achatando contra o azulejo frio, a barba por fazer de sua sombra de cinco horas raspando e arranhando meu pescoço.

Ele move uma das mãos na minha bunda para escovar minha rachadura e eu estremeço quando uma sacudida de sensação chia através de mim.

Meu coração bate muito rápido, muito forte. Estou com muito calor — temo desmaiar por causa do vapor e do sexo. Ele continua passando a ponta do dedo sobre meu ânus, e a sensação me inflama.

Um rosnado baixo ecoa nas paredes do chuveiro e seus movimentos ficam bruscos. Ele murmura uma série de palavrões sujos — metade em inglês, metade em italiano. Então ele ruge e empurra fundo, mordendo meu pescoço enquanto goza.

Ao mesmo tempo, o bastardo rompe meu ânus com a ponta do dedo.

Eu quero odiá-lo, mas é bom demais. A sensação na minha bunda é horrível e incrível. Eu saio como uma espingarda, vindo ao redor de seu pau grosso enquanto seu dedo relaxa em um movimento suave de bombeamento.

Eu engasgo com um grito estrangulado, minha parte interna das coxas apertando forte o suficiente para quebrar seus quadris enquanto meu canal em espasmo ordenha seu pau para qualquer último fluido restante.

E quando ele para, eu estou destruída. Um soluço baixo vem da minha garganta. Lágrimas ardem em meus olhos, mas é apenas do lançamento. Desde a incrível liberação orgástica que muda a vida.

Tacane canta algo em italiano e desliga a água. Ele me carrega para fora do chuveiro de luxo e coloca uma toalha em volta das minhas costas molhadas.

Eu mal registro o que está acontecendo. Meu corpo ficou mole e minha mente não voltou da minha viagem ao espaço sideral.

Nico me deita de costas em sua cama gigante e enrola as pontas da toalha na minha frente. Então ele cai ao meu lado. Antes que meu cérebro se afaste da névoa que se agita, seus roncos cortam a sala.

Acho que o bom sexo é sempre a cura para a insônia.

Sorrindo, eu me afasto dele e saio da cama, então encontro minhas roupas na sala e me visto.

Não terminei de limpar, mas pulei. Tenho certeza que ele não vai me denunciar.

Na verdade, talvez ele me castigue por isso.

E esse pensamento me fez sorrir ainda mais.

Eu empurro meu carrinho de limpeza para fora. Tony, seu guarda-costas musculoso, está saindo do elevador em direção ao quarto de Nico. — O Sr. Tacone está aí? — ele pergunta.

— Sim, mas ele está dormindo.

Tony para em seu caminho, então se vira para mim com interesse queimando em sua expressão. Ele pega meu cabelo molhado, minhas bochechas coradas. Eu o ignoro, apertando o botão do elevador várias vezes.

Tony encosta as costas na porta de Nico. — Você tem algo a ver com ele dormindo?

Eu dou de ombros, mas não consigo parar o sorriso brincando em meus lábios. — Pode ser.

Tony balança a cabeça. Estou pensando que ele vai dizer algo ofensivo, mas em vez disso ele respira: — Obrigado, porra .

O elevador apita e as portas se abrem. Fujo para dentro com meu carrinho, ansioso para ligar para Corey e contar tudo a ela.

CAPÍTULO 7

Nico

Há uma verdadeira primavera em meus passos enquanto caminho pelo meu cassino no dia seguinte. Dormi dezesseis horas e acordei com uma ereção forte o suficiente para martelar uma unha. Eu não me deixei esfregar um, também, porque agora que eu finalmente mergulhei meu pau na boceta apertada de Sondra, nada mais vai servir.

Eu sabia que seria assim.

É melhor ela não correr, porque eu não vou deixá-la fora de minhas garras agora.

A primeira coisa que fiz quando acordei foi ter certeza de que ela não tinha saído da suíte em que a coloquei. Ela não tinha. E seu crachá de funcionário estava sentado na sala, então as chances eram boas de que ela estava lá, ainda dormindo.

Tudo parece estar em perfeita ordem no cassino. As coisas continuaram sem mim. Paro no escritório para verificar a renda da noite anterior e começo a responder às quarenta e sete mensagens que recebi enquanto dormia como um urso em hibernação.

Enquanto isso, estou faminto.

E de alguma forma, acabo no oitavo andar, do lado de fora da suíte onde coloquei Sondra. Eu puxo meu cartão-chave para fora.

Eu sou um idiota de primeira classe por não bater. Eu definitivamente não estou agindo como o cavaleiro que minha mãe me criou para ser. Mas

não posso negar o prazer que isso me dá – a pura sensação de poder e propriedade, deslizar meu cartão-chave na fechadura e abrir a porta.

Desculpe, bambina. Eu avisei que eu era problema.

É outro fodido sonho molhado, porque encontro Sondra de calcinha e sutiã, de pé no espelho do banheiro. Sua cabeça se levanta de surpresa, mas eu não dou a ela a chance de dizer nada, porque estou andando em direção a ela como um homem faminto indo para sua próxima refeição.

Ela é um anjo, seus lábios cheios se abrem em surpresa, olhos azuis arregalados, mas não assustados.

Não, eles estão confiando.

E isso deve trazer meu bom senso de volta o suficiente para ter alguma decência. Para tratá-la com algum respeito e cortesia.

Mas em vez disso, isso só alimenta meu desejo louco de poder por ela.

Ela vai me deixar.

Novamente.

Está escrito em todo o rosto dela.

Eu vou direto para a matança. Enrolo meu punho na parte de trás de seu cabelo macio e puxo sua cabeça para trás para um beijo ao mesmo tempo que fundo meu corpo ao dela.

Ela abre para isso. Seus lábios se movem contra os meus, e eu juro por Cristo, ela empurra sua pélvis para me encontrar.

— Bebê. Você é linda demais. — Eu fodo com a boca com mais força, com mais insistência. Eu a apoio contra o balcão do banheiro e levanto sua bunda macia sobre ela. — Você vai separar essas pernas para mim de novo, querida? Já estou viciado na sua boceta.

Ela abre os joelhos, arqueia os seios para mim.

Eu rosno e empurro os bojos de seu sutiã para baixo para brincar com seus mamilos. — Eu dormi a porra da noite toda. Desde a hora que você saiu até as 6 horas desta manhã.

Ela provavelmente não tem ideia do que estou falando. — como ela sabe que eu não durmo há meses?

Mas ela sorri, como se estivesse genuinamente feliz em ouvir isso. — Eu sei. — Ela realmente parece presunçosa. É tão adorável que eu tento beijar os lábios diretamente do rosto dela.

Eu trago a ponta do meu polegar entre suas pernas e acaricio a pequena amostra de cetim que me separa do céu. — Como está sua doce boceta hoje? Ainda ferida?

Ela chupa o lábio inferior entre os dentes, o que faz meu pau engrossar ficar rígido. — Sim.

— Você vai me deixar entrar lá de novo, de qualquer maneira?

Ela não responde, então eu me inclino e passo minha língua sobre seu mamilo. — Precisa de algum convencimento primeiro?

Ela entrelaça os dedos no meu cabelo. — Sim.

Desafio aceito. Eu ainda não consigo tirar o som de seu doce *sim*, por favor da minha cabeça de ontem. Eu não posso esperar para fazê-la me implorar por satisfação novamente.

Continuo acariciando sua calcinha de forma leve e lenta enquanto chupo e belisco seu mamilo direito. Está pedregoso, está assim desde que entrei. — Bambi, você tem o melhor conjunto de peitos de Nevada. Provavelmente o único conjunto real também.

— Os de Corey são reais.

Os de Corey não são tão quentes quanto estes. — Não quero que minha garota se compare com a prima. Talvez ela não, eu realmente não sei. Mas Corey tem uma beleza exótica que pode deixar algumas garotas com inveja. Não faz nada para mim. Sondra é meu novo e único modelo para a mulher perfeita. Inteligente, sexy, assustadoramente doce. Um pouco impertinente. Muito legal.

A necessidade de possuí-la me oprime. Eu quero virá-la e bater com força por trás, mas eu ligo de volta. Tenho grandes planos que envolvem ela implorando e implorando meu nome.

Eu me movo para seu mamilo esquerdo. Sua calcinha fica úmida sob meu polegar. Eu deslizo para dentro e toco em seu clitóris.

Seus dentes se fecham e ela joga a cabeça para trás. — Você gosta disso?

Ela balança a pélvis para a frente.

— Hum?

— Uh-hum.

— Você precisa da minha língua entre essas pernas?

— Hum... — Ela está puxando minha boca de volta para seu mamilo.

— Eu acho que você precisa. Espalhe mais, Sondra. E puxe sua calcinha para o lado para que eu possa provar você.

Seus joelhos se abrem e ela puxa a calcinha.

Juro por Cristo que nunca pensei que me veria de joelhos por qualquer garota. Agora duas vezes em dois dias eu contorci meu corpo para chegar a essa boceta mágica. Eu faria qualquer coisa só para ter outro gosto. Eu jogo uma toalha dobrada no chão e caio, puxando sua boceta contra minha boca.

Duas lambidas e ela está gemendo, arrancando meu cabelo. Sua boceta fica molhada, molhada, molhada, e não é apenas da minha língua. Eu bato em seu clitóris enquanto faço minha língua endurecer e a penetro com ela. Então eu lambo ao longo de sua fenda, traçando os lábios internos. Quando eu finalmente sugo minha boca sobre seu clitóris, ela grita.

— Por favor, Nico! — Ela aperta suas coxas em volta das minhas orelhas.

— É isso.

Eu não posso esperar mais. Eu me levanto e a puxo para fora do balcão, giro-a para encarar o espelho. — Empurre essa bunda para mim, garotinha.

Ela obedece.

Eu puxo sua calcinha para baixo e empurro seus pés mais largos. Não consigo colocar o preservativo rápido o suficiente. — Belisque seus mamilos, — eu ordeno enquanto rolo sobre o meu comprimento.

Eu observo seu rosto no espelho quando entro nela, a forma como sua boca se suaviza e o queixo cai. A vibração de seus cílios enquanto seus olhos rolam para o céu. Eu a encho lentamente, alimentando centímetro após centímetro em seu canal apertado.

Ela choraminga e arqueia mais as costas.

— Isso doi?

— Não. — Ainda soa como um gemido. — Eu só quero muito isso.

Ah, foda-se. Ela não deveria ter dito isso. Porque agora não posso me conter, nem por um segundo. Eu agarro seus quadris e começo a fodê-la como se não houvesse amanhã. Tenho o cuidado de proteger a frente de sua pélvis de bater contra a bancada de mármore, o que significa que tenho que

manter seus quadris afastados. Não é o suficiente. Eu não posso bater forte o suficiente, não posso ir fundo o suficiente.

Eu envolvo um braço em volta da cintura dela para que seus quadris batam no meu braço em vez do balcão e agora eu posso fodê-la tão forte quanto eu preciso.

Minha visão fica embaçada, minhas coxas já estão tremendo. Eu bato nela, luzes explodindo atrás dos meus olhos em cada toque.

Eu preciso dela.

Eu preciso disso.

Tanto.

Eu não posso parar. Mal posso esperar. Eu não posso mesmo

Eu rujo, porra atirando no meu eixo. Eu bato profundamente e fico lá, meus lábios contra a parte de trás de sua cabeça.

É tão bom pra caralho, eu esqueço completamente de satisfazê-la.

Felizmente, ela encontrou por conta própria, porque sua boceta começa a apertar meu pau, os músculos se contraindo em rajadas curtas de perfeição.

Eu poderia morrer naquele momento e ser feliz.

Eu sou um homem que tem todas as coisas materiais, e nem um pinga de prazer em sua vida. Nem uma porra de uma gota de felicidade.

Mas agora, neste momento, estou animado. Voando, mesmo.

Eu fecho meus olhos e escuto meu próprio batimento cardíaco batendo contra suas costas. Ele diminui com a respiração dela.

E então eu sou grato. Eu beijo seu pescoço, seu ombro, sua orelha. Eu encontro sua têmpora e pressiono meus lábios lá. — Obrigado, — murmuro. Não é como eu agradecer a ninguém. Eu não sou aquele cara.

Eu sou o idiota que pega o que quer.

E eu acabei de fazer.

Mas agora estou agradecendo a ela. Eu faria qualquer coisa que ela me pedisse neste momento.

O que diabos há de errado comigo?

— Você quer um pouco de comida, baby?

— Eu não tenho tempo antes do trabalho, — ela murmura.

Algo se fecha no meu plexo solar. Não suporto mandá-la para o trabalho depois do que acabamos de fazer. Especialmente para não trabalhar para mim. Especialmente não limpeza. Minha garota não deveria estar limpando quartos para viver. Ela é uma puta professora.

Eu posso ter tido um pequeno fetiche por ela se empinar pela minha suíte naquele vestidinho rosa apertado, mas parece absolutamente errado.

Ainda assim, não posso oferecer dinheiro para ela em troca de sexo. Não vou fazer dela uma puta.

— Você não está trabalhando hoje, — eu rosno.

Ela endurece, seja pelo meu tom mandão ou pelo que eu disse, não posso ter certeza. Seu cabelo cai sobre seu rosto, escondendo-o da minha visão. — Acabei de ligar doente três dias seguidos. Acho melhor eu aparecer.

— Ela levanta a cabeça e encontra meus olhos no espelho. — E você não está ligando para mim. Não quero que as pessoas saibam que estou dormindo com o chefe.

Minha mandíbula aperta e eu puxo para descartar o preservativo. O punho em meu plexo solar aperta com mais força. Tudo está errado sobre isso, mas eu não consigo descobrir como fazer isso direito. E eu até tive uma noite de sono decente. Foda-se, essa garota me deixa louco por ela.

Eu quero dizer *você está demitida*. Eu realmente quero. Mas eu sei que ela precisa do dinheiro. E também, eu sou um desgraçado terrível e egoísta e a pior parte de mim quer mantê-la aqui, sob meu controle. Sob minha vigilância. Eu gosto dela me chamando de chefe, por mais errado que seja.

Eu abotoo minha calça e tiro meu celular do bolso. Ligo para Samuel, o chefe do serviço de limpeza, enquanto Sondra dá a volta por trás de mim e se veste.

— Escute, preciso falar com você sobre Sondra Simonson, a governanta que limpa as suítes da cobertura.

— Sim, Sr. Tacone.

Como vou fazer isso funcionar de uma maneira que não irrite Sondra ou a envergonhe? Pode não ser possível. Samuel vai ter que saber que estou transando com ela.

Sento-me na beirada de sua cama para vê-la se vestir. — Estou tentando-a para uma nova posição. — Eu estremeço quando Sondra se vira e me encara. — Ela não terá tempo para limpar as outras duas suítes de cobertura. Só a minha. Eu tenho alguma tarefa de assistente pessoal adicional e trabalho de recados para ela fazer quando estiver na minha suíte.

Sondra coloca as mãos nos quadris. Seus lábios pressionam em uma linha fina.

Coloco o telefone no viva-voz para que ela possa ouvir com que calma Samuel leva isso. — Claro, Sr. Tacone. Começando hoje?

— Sim. Eu já falei com ela sobre isso, mas você pode dizer a ela para se reportar diretamente à minha suíte quando ela começar.

— Alguma mudança no horário dela?

— Sim, o dobro.

Samuel limpa a garganta. — Absolutamente. Eu vou deixar o RH saber, a menos que você já tenha feito isso.

— Eu não fiz. Diga a eles para torná-lo efetivo hoje, mas esta nova posição é experimental.

— Entendido. Qual é a duração do período de experiência?

Eu lanço meu olhar de volta para Sondra. Quanto tempo posso ficar com ela? Quanto tempo antes que ela fique mais inteligente e vá embora? Antes que ela encontre o tipo de trabalho que ela merece? Antes que eu pare de arruinar a vida dela?

— Quatro semanas.

— Obrigado, Sr. Tacone.

Eu desligo sem agradecer-lo de volta, porque eu sou esse tipo de idiota.

Sondra parece dividida entre estar chateada e chorar. Tragicamente, é um olhar que coloquei no rosto dela antes. Várias vezes.

Eu estendo meus braços. — Venha aqui por favor.

Lá. Eu até disse *por favor*.

Ela provavelmente teria vindo sem ele, mas estou tentando acalmá-la. Ela caminha até mim, cautela piscando em sua expressão.

Eu a puxo para ficar entre minhas pernas e acaricio os lados de seus quadris. — Ele não pensa nada, baby. Ele sabe que eu iria pregar o pau dele na parede se ele sequer pensasse em algo sobre minha vida pessoal.

Seus lábios se curvam em um sorriso relutante. — O que é esse trabalho de assistente pessoal?

Eu deslizo minhas mãos ao redor para segurar sua bunda. — Eu não vou te pagar para fazer sexo comigo, baby. Porque isso seria um insulto, e eu já te ofendi assim antes. — Deslizo minhas mãos para baixo de suas coxas, em seguida, para dentro da saia. — Eu simplesmente não poderia ter você nos quartos desses outros caras. Eu teria que matá-los, porra, por olhar para você nesse vestido. E eu daria uma surra na sua bunda por fazer qualquer tipo de serviço para outro homem. Mesmo que seja seu trabalho. Entendeu?

Ela se mexe, apertando as coxas como se eu a tivesse excitado em vez de vomitar alguma besteira possessiva irracional que deveria fazê-la correr para as colinas.

— Ok, — ela diz. — Obrigado, eu acho.

Pego o telefone de volta e olho a hora. — Então você vai entrar e eu vou pedir serviço de quarto. O que você quer para o café da manhã?

Seu rosto se divide em um sorriso brilhante que me faz querer ficar de joelhos e lambê-la até que ela grite novamente. — Panquecas e bacon. E as bagas e o chantilly. E meia toranja.

Eu aperto seu quadril e me levanto para lhe dar um beijo rápido. Eu quero mimar essa garota, e o fato de que ela está me deixando desta vez produz uma satisfação quase tão poderosa quanto reivindicá-la.

* * *

Sondra

Ele não pode ficar longe de mim. Eu não deveria estar tão tonta com isso, mas estou. Eu sei que essa montanha-russa provavelmente termina em desastre, mas eu simplesmente não consigo sair.

Eu vou para o escritório de limpeza para marcar. É claro que Nico está sendo condescendente comigo, mantendo-me como sua governanta pessoal. Se eu tivesse algum orgulho ou bom senso, eu levaria minha bunda de volta para a casa de Corey e me recusaria a jogar suas fantasias de *foda-se a governanta*.

Especialmente considerando os olhares que recebo das outras empregadas quando apareço.

Porra. Todos os 6.080 funcionários do Bellissimo provavelmente sabem que estou dormindo com o chefe agora.

Eu soco e empurro o carrinho de limpeza até a suíte de cobertura de Tacone. Ele ainda não está lá, e eu começo rápido, querendo terminar rápido caso ele queira sair.

O serviço de quarto chega antes dele. É estranho atender a batida, mas o garçom se curva. — Bom dia, Sra. Simonson. Onde você quer a comida?

Oh santo inferno. Ele está dando a sua equipe meu nome. Aponto para a mesa junto à parede de janelas e ele a deixa ali.

Nico chega alguns minutos depois. Estou de volta ao quarto, arrumando a cama. — Que porra você está fazendo? — ele exige.

Eu deveria estar acostumada com seu jeito rude agora, mas não estou. Ainda assim, eu lanço minhas tranças enquanto me viro. — O que você quer dizer?

— Eu convidei você para o café da manhã, não para limpar a porra do meu quarto.

— Achei que você gostasse de ver limpo.

Seus lábios se contraem. Ele estende a mão e meus pés se movem para obedecer ao gesto antes que minha mente sequer considere se é sábio. Eu coloco minha mão na dele e ele me leva para a sala e puxa uma cadeira da mesa para mim. — Eu definitivamente quero, *bambina*. Mas não quero que você se sinta uma prostituta. Seu tom ainda é curto. Impaciente. Ele também não se sentou à mesa comigo. Tenho a sensação de que ele não vai ficar.

— Então eu deveria realmente fazer meu trabalho, certo?

Ele suspira. — Não, foda-se. Sejam honestos. Eu quero que você seja minha puta. Você vai vestir essa roupa e pular por esta suíte para mim, e eu pagarei qualquer quantia que você me pedir, na folha de pagamento ou em dinheiro. Então agora você sabe. Pense nos seus termos.

Eu o encaro, atordoada demais para falar.

— Ouça, eu tenho que ir, merda está acontecendo. Tenho família vindo para a cidade hoje à noite, mas posso levá-la para jantar amanhã?

Estou cambaleando. O bom senso diz para dar o fora aqui. *o A Voz do Errado* diz: — Claro .

— Bom. Pego você às seis. — Ele pega um morango do prato de frutas vermelhas e o segura nos meus lábios.

É difícil encontrar a intensidade de seu olhar escuro enquanto dou uma mordida.

Nico vira o morango mordido e olha para ele, então abre a boca e termina o que sobrou.

Um arrepio percorre minha espinha. Mas isso é estúpido. Era apenas um morango. Não é como se ele tivesse acabado de completar algum ritual da máfia que me ligava para sempre a ele.

CAPÍTULO 8

Nico

Eu sou como um cavaleiro Jedi. Juro que sinto a ondulação no campo de força quando meu irmão entra no estado. Não sou mais o rei da minha colina.

O cachorro grande está na cidade.

Junior é o primogênito, dez anos mais velho que eu, e assustador pra caralho. Quando criança, houve momentos em que eu tinha certeza de que ele me mataria. Ele segurava minha cabeça debaixo d'água na piscina até que eu comesse a desmaiar, ou sentava em mim e batia em meus ouvidos até que eu fizesse qualquer coisa e tudo que ele me pedisse. Nosso pai não disse para ele se demitir, provavelmente porque ele criou Junior e meus outros irmãos da mesma maneira. A violência faz parte do nosso mundo. Também fazia parte da nossa vida familiar.

Eu nunca descontei minha merda no meu irmão mais novo, no entanto. Cuidei de Stefano, o protegi de nossos irmãos mais velhos, primos e pai. E em troca, ele se tornou para sempre leal a mim. Estávamos separados por três anos, mas apertados. Sua fé em mim é provavelmente a razão pela qual eu tive a coragem de tentar fazer algo diferente em vez de seguir os passos do meu pai.

E tenho minimizado meu sucesso aos olhos da família desde então. Porque a última coisa que quero é o resto deles se mudando para o meu território.

Então a chegada de Junior me deixa nervoso.

Mandei Tony em uma limusine para pegá-los no hangar e ele me mandou uma mensagem dizendo que está a caminho do cassino. Eu desço para a frente para cumprimentá-los pessoalmente, porque a família recebe o tratamento real.

Meus funcionários me cumprimentam com deferência. Os manobristas e mensageiros param a conversa e ficam eretos como fodidos soldados britânicos protegendo a rainha.

Quando a limusine para, eu mesma abro a porta traseira, ajudando minha mãe a sair do veículo. Recebo quatro beijos na bochecha, para frente e para trás, e um monte de cumprimentos com gestos amplos.

Mesmo estando perto dos soldados que levei de Chicago — Tony, Leo e meu primo Sal — fico impressionada com a forma como minha mãe é *siciliana*. Vegas passou para mim, suavizou o ar do velho mundo que ainda paira sobre Junior e minha mãe.

Recebo um abraço forte de Junior. Tony joga as chaves para o manobrista e garante que o mensageiro pegue as malas do porta-malas. Eu os acompanho até suas suítes de luxo, ouvindo a conversa da minha mãe o tempo todo sobre as últimas notícias sobre cada membro da família. Estou apenas ouvindo pela metade até que ela diz: — A garota Pachino está fora da faculdade agora, Nico.

Apenas a longa prática de esconder emoções do olhar estreito de meu irmão mais velho me impede de mostrar qualquer coisa no meu rosto. Estamos no elevador, o que torna tudo mais opressivo. — Oh sim? Bom para ela.

— Você precisa entrar em contato com Giuseppe, — diz Junior. — Eu já tenho.

Os músculos do meu pescoço endurecem. Agora é a hora. Fiquei muito tempo calado sobre esse assunto. — Sim, eu irei. Eu não vou me casar com ela.

Minha mãe fica imóvel e Junior gira totalmente para me encarar. — Que porra você vai sim.

— Você não é o chefe, — eu rosno.

A expressão de Junior fica fria e dura. Eu o vi matar usando aquele mesmo olhar amortecido.

Enfio as mãos nos bolsos e abaixo o olhar, forçando-me a parecer mais agradável. — Ouça, vou falar com Pops sobre isso. Acho que podemos chegar a algum outro acordo que seja igualmente benéfico para os Tacones e os Pachinos.

Lá. Eu disse isso. E isso é tudo que tenho em minha defesa. Não tenho outras ideias porque este é um assunto no qual me recusei propositalmente a pensar durante a maior parte da minha vida.

O elevador chega ao andar deles e eu os acompanho para fora.

Júnior bufa. — É melhor você fazer isso logo, então. Falei com Pachino na semana passada. Ele está esperando a conclusão.

Acho difícil acreditar que Pachino esteja tão ansioso quando ninguém me disse uma palavra sobre isso desde que a garota fez dezoito anos. Se eles estivessem com pressa, eles teriam empurrado a questão quatro anos atrás.

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo.

Cazzo.

— Eu cuidarei disso.

— Seria melhor. — A pedra em sua voz é do tipo que deixa os homens de joelhos.

Eu deslizo o cartão-chave na fechadura do quarto da minha mãe e abro a porta. — Depois de você, — murmuro e ela começa novamente em seu relatório sem fôlego sobre tudo e todos em casa.

CAPÍTULO 9

Sondra

— Mudei de ideia, — digo a Corey, meu celular preso entre minha orelha e meu ombro enquanto ando pela varanda da minha suíte Bellissimo.

— Eu não quero ir nesse encontro.

— Ok, então você não precisa, — diz ela pacientemente. — Você não tem que ficar lá. Você não precisa trabalhar lá. Vou buscá-la agora mesmo.

Ela parou depois de seu turno mais cedo e eu a contei sobre as últimas. Agora eu liguei para ela em casa para conversar um pouco mais.

Espio pela beirada da sacada a movimentada faixa abaixo. — Uma rápida e louca aventura com Nico Taccone é uma coisa, mas namorar com ele? É uma má ideia.

— Concordo, — Corey diz. — Então cancele o encontro.

— Eu nem sei o número do telefone dele. Eu tenho que esperar até que ele apareça.

— Com o que você está realmente preocupada? Apenas diga, mesmo que você ache que soa estúpido.

Corey me conhece tão bem.

— Eu não tenho nada para vestir, — eu deixo escapar. Não é disso que se trata, mas parece simbolizar meu dilema. Não estou preparada para lidar com Nico Taccone e tudo o que pode significar ir a um encontro com ele.

Não estou nem remotamente preparada para ser a namorada de um chefe da máfia. E eu com certeza não deveria estar transando com um.

Este é um homem que carrega uma arma em um coldre debaixo do braço. Um homem envolvido com o crime e o submundo. Um assassino.

Uma batida soa na porta.

Merda!

Ainda estou de sutiã e calcinha, quinze roupas vestidas e descartadas pelo quarto.

— Ele está aqui, — eu sussurro com urgência no telefone.

— Diga a ele que você não se sente bem.

— Mas eu sou uma péssima mentirosa.

— Apenas diga a ele.

O cartão-chave desliza na fechadura e a porta se abre. Certo. Porque ele tem uma chave e agora é meu dono. E eu deixei isso acontecer. Fiquei tonta com isso, na verdade.

Tacone percebe minha falta de vestido e fecha a porta rapidamente atrás dele. Seus olhos brilham, escuros e sérios. Ele está no mesmo terno desta manhã, finalmente ajustado para caber sobre seu corpo grande e poderoso.

— Você não está pronta. — Ele parece desapontado, como se eu fosse um funcionário errante que não seguiu as instruções.

— E-eu não tenho nada para vestir. — Eu opto pela verdade, varrendo minha mão ao redor da sala destruída onde minhas roupas descartadas estão penduradas em todas as superfícies.

Sua boca se contrai. Ele caminha lentamente ao redor da sala, como se fosse o dono do lugar. O que faz sentido porque ele é. Ele pega uma saia

jeans e a joga para mim. — Isto e... — Ele encontra uma blusa sem mangas na cama — Isto .

— Ouça, — eu digo, meu coração de repente batendo forte. — Eu não acho que isso vai funcionar.

Seus olhos se estreitam. — Tarde demais. — Ele levanta o queixo. — Coloque a roupa, tenho uma surpresa para você.

Quando ainda hesito, ele vem e pega a blusa e a puxa pela minha cabeça. — Vamos. Você vai gostar, eu prometo.

Estou quase aliviada por ter a decisão tirada de minhas mãos. Ele não está me dando uma escolha, está?

Exceto no fundo, eu tenho certeza que ele me deixaria fora do gancho se eu fosse sincero. Ele sabe quando estou brincando.

Eu coloco a saia jeans e minhas sandálias plataforma, o que faz Nico dar às minhas pernas um olhar de aprovação para cima e para baixo. Ele dá um tapa na minha bunda quando eu passo por ele até a porta. A queimadura e o formigamento me fazem corar.

— Qual é a surpresa? — Eu pergunto.

Ele sorri. — Jantar primeiro. Depois a surpresa. — Ele me acompanha até o restaurante da cobertura, o restaurante requintado do cassino. Eu puxo minha saia quando entramos, sentindo-me mal vestida.

— Pare com isso. — Ele se inclina e murmura no meu ouvido. — Você está bonita.

A equipe se esforça para encontrar a melhor mesa da casa, uma que tem vista para toda a faixa e ainda está escondida em um canto para privacidade. Ele pede um uísque Yamazaki que eu nunca ouvi falar e eu

peço o tinto da casa. Ele balança a cabeça. — Traga para ela o Bannockburn Pinot 2003.

— Claro, Sr. Tacone.

Quando eu levanto uma sobrancelha, ele pisca. — É bom.

— Você conhece seus vinhos.

Ele encolhe os ombros largos. — Eu faço questão de saber tudo o que é servido, falado ou acontece neste cassino.

Um formigamento de consciência atinge a base da minha espinha. O refrão que sempre volta toca na minha cabeça. Este é um homem perigoso. Nunca esqueça.

Eu olho para ele, então examino a sala. Eu nem sei que tipo de conversa fazer. Perguntar sobre seus negócios provavelmente não é legal, considerando o jeito que ele me abalou no dia em que nos conhecemos.

A próxima vez que meu olhar vai para o dele, ele trava. Ele está olhando para mim com aquela intensidade ardente que faz meu estômago dar uma cambalhota. — Conte-me tudo, Sondra Simonson. Eu quero saber o que te faz vibrar.

Não vou cair na bajulação hoje. — Você primeiro, — eu me atrevo. — Eu não sei nada sobre você, exceto que você tem muito a esconder e uma queda por garotas de limpeza.

Seus lábios se contraem. — Não meninas. Só você. E você não é a porra de uma faxineira.

— O que eu sou então?

Estou esperando alguma definição do nosso relacionamento, mas ele faz uma careta.

— Você é uma professora de história da arte que de alguma forma caiu do alçapão no meu cantinho do inferno.

Se ele está tentando me assustar de novo, não funciona. Eu superei suas ameaças. Ainda estou aqui. Quero conhecer o verdadeiro Tacone agora.

— Diga-me algo real. Não sobre negócios. Sobre você.

Suas sobrancelhas voam para cima. — Ok... eu tenho um irmão de visita de Chicago que arrebenta minhas bolas. Estou contando os minutos até ele sair. — Ele passa a mão no rosto. — Isso é só entre você e eu, é claro.

— Mais velho?

— Sim claro. Acha que é o chefe da família.

— Porque seu pai está na cadeia. — Quando Tacone olha para mim bruscamente, eu dou de ombros. — Eu sei como pesquisar no Google *Tacone Crime Family*.

Seu rosto relaxa em um sorriso fugaz. — Sim, exatamente.

— Deve ser difícil, todos esses machos alfa em uma família.

Uma risada explode dele, profunda e rica. O maître e os garçons olham surpresos, como se não soubessem que ele era capaz de rir. Torno-me objeto de olhares curiosos.

— Sim, eu acho. Eu gosto de estar no comando. Sou o quarto filho, então sabia que nunca herdaria o reino. Acho que é por isso que me esforcei tanto para me livrar deles. Ou tão livre quanto pude. Fora do estado, minha própria operação. Era uma maldita necessidade.

— Então, quantos irmãos ao todo?

— Cinco.

— Nomes? Ordem?

Seus lábios se contraem. — Você realmente quer saber essa merda? — Quando eu aceno, ele sorri novamente. — Ok, preste atenção. — Ele levanta a mão para contar nos dedos. — Junior é o mais velho. Depois Paolo, depois Gio. Eu sou o próximo. Stefano é o último. Alessia é o bebê.

— Sua mãe estava esperando por uma garota?

Ele ri novamente. — Exatamente. Difícil acreditar que o resto de nós não a quebrou, não é?

Eu gosto do jeito que seu rosto fica suave quando ele fala sobre sua mãe. Parece-me um bom sinal. Um homem que ama sua mãe tratará bem uma mulher. Pelo menos é o que diz a sabedoria convencional.

— Ela está aqui visitando, também. Meu irmão está encontrando uma residência de inverno para ela. Eu o apresentaria, mas gosto demais de você para submetê-la à minha família.

Eu riria, mas seu tom é um tom muito escuro.

Nossas bebidas chegam e pedimos nossa comida.

— Sua vez. Diga-me por que você ama tanto a arte, *bambina*.

Eu sorrio. — Quem pode dizer por que eles amam algo? Quando vejo uma bela arte, meu coração anseia. Como se eu quisesse possuir a beleza ou a ingenuidade.

— Você já quis ser um artista?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu adoro estudar a história disso. É fascinante para mim.

— Quem é seu artista favorito?

Eu tomo um gole de vinho. — Uma pergunta muito difícil. Eu poderia te contar o meu favorito de cada período?

— Tudo bem. — Ele me observa tão atentamente que eu me mexo no meu lugar. — Surrealista.

— É clichê, mas devo dizer Picasso.

Ele sorri como se eu tivesse dado a resposta certa.

— Você é um fã?

— Eu? — Ele dá de ombros. — Nunca pensei muito sobre isso. Não tenho certeza se me importo de uma forma ou de outra. — Seu telefone vibra e ele verifica a mensagem, então envia algo de volta. Ele vibra novamente.

Ele xinga e aperta a ponte do nariz. — Sondra, querida, você me dá licença por cinco minutos? — Ele já está fora de seu lugar. — Por favor, não vá embora. Eu realmente quero te mostrar uma coisa depois do jantar. — Ele espera, me prendendo com um olhar questionador.

O fato de ele sugerir que eu vá embora me diz que serão mais de cinco minutos. Eu não gosto da ideia de sentar aqui sozinho, mas, novamente, é um restaurante caro com comida gourmet. Eu poderia muito bem aproveitar. E eu seria uma cadela invejar Nico por precisar ir embora. Ele tem um cassino inteiro para administrar.

Eu concordo. Quando ele sai, eu pego meu telefone para me fazer companhia e o garçom traz apenas minha comida. Meu estômago dá um nó quando vejo uma mensagem de um número de Reno. Não programei o nome dele no meu telefone quando mudei meu número, mas sei que é o de Tanner. Ele deve ter finalmente encontrado alguém para lhe dar meu novo número.

Sondra, isso é urgente. Pode ficar com o carro, mas preciso de algo com ele.

A próxima mensagem veio meia hora depois.

Seramente. É muito importante.

Depois, há cinco minutos.

Como a vida ou a morte importante.

Olho para a lagosta no meu prato e perco o apetite.

Porcaria. Tanner tinha drogas no carro. O conhecimento vem com a calma do olho de uma tempestade. Meu ex DJ festeiro vendia um pouco de êxtase. Pelo menos era o que eu sabia. Parece que ele estava em negócios maiores do que eu entendia.

E o carro? O carro já se foi. Mandeí rebocá-lo para o depósito de destroços. Quero dizer, talvez ele possa encontrá-lo e receber de volta o que precisa, mas duvido.

* * *

Nico

Estou lidando com três idiotas, traficantes de cocaína na minha masmorra. Sim, meu porão é uma porra de uma masmorra, com uma rede subterrânea de túneis que levam à cidade. Você pode chamá-los de catacumbas, porque mais de um corpo foi enterrado aqui.

Eles são crianças. Jovens. Estúpidos. Fácil de assustar.

A segurança os pegou movendo pólvora na minha boate. Eles poderiam ter chamado a polícia, mas eu prefiro lidar com esse tipo de merda do meu jeito. Uma pequena dose de medo vai muito mais longe do que a ameaça de um distintivo.

Eu aceno para o meu primo mais novo Sal, que arrebenta o nariz de um dos caras, então puxa a cabeça dele pelos cabelos. Todos os três foram trabalhados pelos meus soldados.

— Este é o Sr. Taccone, proprietário do Bellissimo. Ele tem algo a dizer a você.

O garoto está se cagando. Eu me aproximo e olho para baixo do meu nariz para ele. — Você acha que pode vender drogas no meu clube? No meu cassino?

— Sinto muito, Sr. Taccone, — o cara da esquerda balbucia. — N-nós não sabíamos quem você era. Que você era o dono deste lugar. Nós nunca vamos voltar.

Eu considero. Eu poderia fazer desses meninos minhas vadias e fazer com que eles me dessem o dízimo de seus lucros, mas eles são muito jovens e estúpidos. Eles não iriam durar muito, de qualquer maneira. Eu opto pela ameaça de sair da cidade. — Você tem um dia para deixar minha cidade. Se o encontrarmos aqui de novo, você está morto. compreende?

— Sim, senhor, sim, Sr. Taccone. — Todos os três balbuciam suas promessas.

Eu aceno para Sal e saio. Só estou grato que Junior não sentiu o cheiro disso ou ele estaria em cima disso, apenas pelo drama. Não, na verdade ele está fazendo o que disse que estava fazendo, compras de imóveis com nossa mãe. Ela me ligou hoje à noite para dizer que eles fizeram uma oferta em um lugar e estavam voltando para Chicago pela manhã.

Normalmente eu poderia ficar e dar um pouco mais de atenção a essa merda, mas Sondra está lá em cima, esperando por mim. Pelo menos espero que ela tenha esperado.

Enviei Tony para encontrar sua prima no andar e mandei-a subir para lhe fazer companhia. Eu verifico meu relógio. *Porra.*

Faz trinta minutos desde que a deixei. Ela provavelmente já terminou o jantar e a sobremesa. É uma loucura o quanto eu me importo se ela ficou por perto. O quanto eu quero mostrar a ela minha surpresa.

Ando o mais rápido que posso pelo Bellissimo, amaldiçoando a planta baixa de um quarteirão que faz quase um quilômetro e meio para voltar ao restaurante na cobertura.

Sondra e Corey ainda estão lá, mas eu estava certo – eles já terminaram a sobremesa e estão tomando café. E, claro, minha mãe e meu irmão estão sentados a poucos metros de distância.

Eu ranjo meus dentes. *Cristo*, seria demais para uma coisa dar certo esta noite?

Faço um desvio para a mesa da minha mãe e do meu irmão e dou-lhes o meu protocolo de acolhimento mais efusivo. Eles comem tudo, até que Junior me vê lançando um olhar para a mesa de Sondra. Então seus olhos se estreitam. Ele vê demais, meu irmão.

— Se você me dá licença, eu tenho que cumprimentar alguns outros convidados, mas minha equipe vai lhe dar tudo o que você poderia desejar.

Minha mãe oferece um beijo em sua bochecha, mas Junior apenas acena com a cabeça. Sinto seus olhos em mim enquanto me dirijo à mesa de Sondra.

Eu tenho que tirá-la daqui, porque se eu conheço meu irmão idiota, ele certamente mencionará minha noiva se suspeitar que há algo entre Sondra e eu.

Corey se levanta quando chego lá e caminha em minha direção com um olhar frio. Enfio a mão no bolso e tiro uma ficha de cinquenta dólares para entregar a ela enquanto passamos. Ela aceita sem comentários.

Sondra parece chateada, no entanto. Ela se levanta e mexe com a alça de sua bolsa.

Eu a acompanho sem tocá-la, porque não quero que Junior ou minha mãe tirem conclusões. Caminhamos em silêncio, uma linha fina de tensão entre nós.

Não sou de dizer que sinto muito. Eu fiz isso mais com essa garota desde que a conheci do que em todo o ano passado. — Peço desculpas.

— Está tudo bem, — ela diz rapidamente.

É quando percebo que algo mais está acontecendo.

Estamos do lado de fora do restaurante e eu paro, puxando-a para me encarar. — O que está incomodando você?

Ela balança a cabeça. — Não é nada.

Eu me eriço e coloco um dedo sob seu queixo. — *Não minta para mim, porra.*

Ela empalidece e eu fecho meus olhos.

Cazzo.

Eu trouxe a violência do porão de volta comigo. Sondra não merece meu temperamento. Minha maldade. Ela não merece a escuridão que é a minha vida.

Eu a puxo para a baía de elevadores e desço para a minha suíte, abaixo. Eu queria mostrar a ela minha surpresa, mas vai ter que esperar. Preciso saber o que se passa na cabeça dela.

No momento em que entramos, cruzo os braços sobre o peito.

— Diga.

Ela morde o lábio e desvia o olhar.

— Sondra. — Eu infundo minha voz com autoridade. Eu sei que não deveria intimidá-la, mas está no meu sangue.

— Eu posso precisar de sua ajuda. E eu realmente odeio pedir isso.

Alívio varre através de mim. Ela tem um problema que eu posso resolver. Isso é o que eu faço de melhor. — Você precisa de dinheiro? É seu.

— Esse é geralmente o tipo de problema que as pessoas me pedem para resolver. Isso ou eles precisam de proteção. Ou exigir que algum tipo de justiça violenta seja servido.

A miséria em seu rosto desconcerta minha confiança. — O que é isso, *piccolina* ? Apenas me diga.

— Não é para mim. Esse é o tipo de problema. Não é nem para alguém com quem me importo, a não ser que não quero que ele seja morto.

E então meu coração se solidifica em um pedaço de concreto duro. Isso é sobre o ex dela.

— E a vida dele está em perigo por minha causa, então... eu meio que me sinto responsável.

A violência cai em mim como uma tempestade. Eu quero matar seu ex *stronzo* por ter a maldita audácia de nascer.

— Não me diga que isso é sobre a porra do seu ex.

Eu já sei que é.

Seus ombros caem. — Eu sinto muito. — Sua voz é quase um sussurro.

Eu me afasto dela. — Você sente muito pelo quê?

— Por pedir isso de você.

E é isso que me coloca em uma situação difícil. Não posso recusá-la, mesmo que seja para algum outro *figlio di puttana*. Enfio as mãos nos bolsos para não fechá-los e giro para encará-la. — O que você precisa?

— Talvez eu não precise de nada. Quero dizer, ele vai a Vegas para procurar o carro no ferro-velho.

Não suporto o jeito que ela mexe com a alça da bolsa, não aguento a agitação dela.

— Ele tinha drogas escondidas nele. Eu acho muito. E ele deve a alguém trinta mil agora.

Eu me afasto quando a raiva vermelha escura inunda minha visão. Meu punho quebra o drywall na minha frente.

— Nico, — ela engasga. — Deixa para lá. Eu sinto Muito. — Quando me viro, vejo lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Meu cérebro enlouquece, querendo infligir violência ao cara que a fez chorar, não calculando que sou eu. Depois de um suspiro, algum outro instinto entra em ação e a necessidade de confortá-la me manda para o outro lado da sala. Eu quero puxá-la em meus braços, segurar seu rosto, e manusear as lágrimas, mas eu não confio em mim para tocá-la. Não quando estou tão quente para machucar alguém.

— Você está chorando por ele? — Eu exijo, muito duramente.

Para minha surpresa, ela bate no meu peito. — Não, estou chorando por você. — De alguma forma, consigo não cambalear para trás. Suas palavras me matam. — Estou chorando porque você acha que eu me importo

com ele. Por causa do que estou fazendo com nosso relacionamento pedindo isso.

E então eu estou perdido em alívio. Em gratidão. Minhas mãos estão sobre ela, arrancando suas roupas. Eu coloco minha boca na dela e a coloco contra a parede. Eu tenho sua saia para cima, sua calcinha puxada para o lado e meu dedo acaricia ao longo de sua fenda úmida. — Qual é a nossa relação, *bambi* ?

Ela endurece, mas eu não recuo. Eu devoro sua boca, enfio um dedo dentro dela. — Qual é a nossa relação? Você está dizendo que é minha garota?

— Nico, — ela choraminga, sua cabeça deslizando ao longo da parede enquanto eu empurro meu dedo para dentro e para fora.

— Huh? Você é minha, Sondra? Eu enfio outro dedo, fodo-a com os dois. — Você vai aceitar que eu possuo essa boceta agora? Você me dá a qualquer momento que eu exija?

Ela agarra meus antebraços. Pequenos gritos de sexo saem de seus lábios, mas ela está me afastando. Sei que estou indo longe demais, mas não consigo me conter. Eu quero ouvi-la dizer isso. Eu quero que ela admita que ela é minha.

— Nico, — ela repete meu nome.

— Diga, querida. Você pertence a mim agora. Diga e eu ajudo o *figlio di puttana*. Desde que você prometa nunca mais falar com ele.

— Eu prometo, — diz ela rapidamente.

Eu retiro meus dedos e ela engasga de surpresa, seus olhos se abrindo e focando nos meus. — *Diga*.

— Eu pertenço a você.

— Boa menina. — Puro poder corre através de mim agora. Como a adrenalina de uma luta, de uma morte. Eu puxo uma camisinha do meu bolso e desfiveloo meu cinto.

Ela me observa com olhos vidrados, seu peito ainda arfando por causa da foda com o dedo.

Eu faço um trabalho rápido com o preservativo e a coloco contra a parede, empurrando meu pau entre suas pernas.

Ela me pega, levantando uma perna para me atrair.

— É isso, *piccolina*. Tome cada maldita polegada de mim. Este sou eu possuindo você.

Seus gritos ficam mais altos, sua cabeça rolando contra a parede. O buraco por onde meu punho passou está bem à direita dela, um lembrete do que ganhei.

Ela envolve as duas pernas em volta da minha cintura, como ela fez no chuveiro e eu fico ainda mais dentro dela. Querendo fodê-la com tanta força que seus dentes batem, eu a carrego para o quarto e a coloco na beirada da cama. Então eu bato nela, minha sanidade escorregando com cada impulso glorioso. Eu sou como um maldito gladiador, ou uma besta implacável e no cio. Não estou pensando no prazer dela, não me retendo da violência com que preciso reivindicá-la.

Um momento eu acho que poderia ir a noite toda, apenas mergulhar meu pau nela uma e outra vez até que a terra desmoronasse. E no próximo, estou vindo como um trem de carga.

Eu rujo e bato profundamente.

Sondra grita e envolve suas pernas atrás das minhas costas, usando seus saltos para me puxar ainda mais fundo. Eu gozo e gozo e gozo um pouco mais enquanto seus músculos apertam meu pau.

E então nos separamos. Eu cambaleio até o banheiro para descartar o preservativo.

Quando volto, Sondra está sentada, os olhos arregalados e assustados. Ela se levanta e abaixa a saia.

— Ei. — Eu a alcanço, mas ela se afasta. Eu a puxo de volta contra a minha frente, envolvo meus braços ao redor dela e a seguro rápido. — Você está assustada.

Ela puxa uma respiração longa e trêmula.

— Não tenha medo de mim, *piccolina*. Eu sou um idiota. Eu digo coisas idiotas. Não significa que eu não te respeite. — Eu a viro para me encarar. Ela começa a chorar de novo e eu fico gelada. O que eu fiz? — Eu sinto Muito. — Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, levanto seu rosto para mim. — Eu machuquei você? Olhe para mim, Sondra. Por favor? Você sentiu que eu te forcei?

— Não. — Ela responde imediatamente, o que me dá algum alívio.

— Então o que é?

Ela enxuga as lágrimas. — Foi apenas intenso.

Eu a puxo contra o meu corpo, a abraço forte. — Inferno, sim, foi intenso. Para mim também.

Ela pisca aqueles grandes olhos azuis para mim. — Por que foi intenso para você?

Eu considero por um momento. Eu quero responder com sinceridade, mas a resposta me assusta pra caralho.

Porque ela se importa. Ela se importa comigo. E nosso relacionamento.

E é exatamente por isso que eu não deveria mexer com a doce Sondra Simonson. Porque eu não estou nem remotamente disponível. Mesmo que eu não tivesse sido prometido a outra, não posso dedicar a ela o tempo e a atenção que ela merece. Basta olhar como esta noite foi ruim, nosso encontro arruinado pelo tipo de acidente que acontece de hora em hora por aqui.

Sondra já está me dando seu coração, e eu seria o pior tipo de *stronzo* para tomá-lo.

O pior.

* * *

Sondra

— Então você vai ajudar?

Nico faz uma careta, mas assente. — Eu vou te ajudar .

Eu agarro seu braço. — Você não vai machucá-lo?

Suas narinas se dilatam. — Eu não suporto você me implorando em nome dele, *bambina*.

Eu também não aguento. Tanner não deveria estar estragando meu relacionamento com Nico. Mas me sinto responsável por levar o carro. Eu sabia que quando eu fiz isso, era a coisa errada a fazer, mas eu queria puni-lo. Mas não com a morte.

Eu deixo cair minha testa contra seu peito e ele acaricia a parte de trás do meu pescoço. Ainda não consigo acreditar que um homem tão poderoso

gosta tanto de mim, mas saber que ele está disposto a me dar isso significa tudo.

— Eu não vou machucá-lo, — ele murmura, desgosto registrando em sua voz. — Mas se me custar trinta grandes, vou descontar o pagamento na sua bunda.

Eu levanto minha cabeça para ler sua expressão e o encontro sorrindo. Minha bunda aperta com a ameaça. Ele quer dizer mais palmadas? Porque eu adorei cada vez que ele fez isso.

— Dê-me os detalhes sobre o carro. Vou enviar meus caras lá hoje à noite para encontrar as drogas. Conto tudo o que posso sobre o carro e o ferro-velho e ele pega o telefone e dá ordens. Quando ele desliga, eu agradeço.

— Eu ainda tenho minha surpresa?

Ele solta aquela risada estrondosa e parece surpreendê-lo até mesmo. — Sim, *piccolina*. Vamos. Ele pega minha mão e de repente estamos saindo pela porta de sua suíte, de volta ao elevador. Ele usa seu cartão-chave para digitar um número, o que significa que estamos indo para um andar privado. Estou intrigado.

Ele me empurra contra a parede do elevador e reivindica minha boca, não parando o beijo até que as portas se abram e eu me contorço. Então ele se vira rapidamente e me puxa para fora do elevador, movendo-se rapidamente pelo que parecem ser os escritórios da administração. Chegamos a uma porta ladeada por dois seguranças.

— Senhor Tacone. — Eles acenam suas saudações respeitosas. Nico pressiona o polegar no bloco, depois traz o nível dos olhos para um exame de retina.

Alta tecnologia.

A pesada porta se abre e um dos guardas a abre para nós.

Entramos em um cofre gigante do tamanho de um quarto. Carrinhos de dinheiro bem empacotados fazem meus olhos saltarem, mas Nico vai até um armário, que ele abre. Ele puxa um objeto retangular envolto em pano preto.

Arte.

Corro para o lado dele, meu coração já batendo mais rápido. Eu sei antes que ele descubra que é um Picasso. Mesmo assim, um arrepio de prazer, de reconhecimento, me percorre. É do período azul dele, de uma mulher sentada em uma cadeira.

— Nico, — eu respiro. — Onde você conseguiu isso?

Ele não olha para a pintura, ele está apenas observando minha reação a ela.

— Ocasionalmente, cobro o pagamento de dívidas na forma de obras de arte e pedras preciosas.

— Sabe quanto isso vale?

— Eu tinha avaliado — Ele diz isso casualmente, como se a pintura de dez milhões de dólares não fosse o que lhe interessasse.

— Qual é o nome deste aqui? Nunca vi fotos disso.

— *Mulher na cadeira*. Ele pega no armário e tira outra pintura, depois outra. Ele revela quatro Picassos, um Rembrandt, dois Rothkos e um Renoir.

Estou praticamente desmaiado quando os examinei de perto. — Você deveria ter isso em exibição. Monte o Museu Bellissimo ou algo assim.

Nico está com as mãos nos bolsos. Ele está parado, me observando, como se eu fosse a rara e valiosa obra-prima. — Eu poderia. Eu teria que investir em segurança pesada. Além disso, todos e meus irmãos sabem quanta riqueza eu tenho sentado aqui.

— É verdade, mas pode ser um empate. Isso pode diferenciar seu cassino como algo realmente especial, o imperdível de Las Vegas. — Eu suspiro quando uma ideia me ocorre. — Você poderia fazer todo o lugar sobre arte. Vá com artistas italianos e decore as diferentes torres em diferentes períodos.

Os olhos de Nico brilham e seus lábios se curvam em um sorriso. — Isso é uma ideia, sim.

Ele embrulha as pinturas de volta, uma a uma, e as recoloca. Quando ele pega minha mão para me levar para fora, ele diz: — Você realmente os ama.

Minha boca se abre. — Como você não pode?

Ele ri. — Para mim, eles são apenas uma forma diferente de moeda. Uma diversificação do meu portfólio. Para você, eles são como... eu não sei, seres vivos.

Eu rio, porque é exatamente assim que eu vejo a arte. — Sim. Seres incríveis. Eles deveriam estar expostos.

Ele me leva de volta para o elevador. — Eu vou fazer um acordo com você. Eu vou montar um museu redecorar o Bellissimo se você dirigir e curar.

Eu paro no meio do caminho. — Sério? Você me deixaria fazer a curadoria?

— É claro. Quem diabos mais eu contrataria?

Eu jogo meus braços em volta dele porque essas pinturas já estão em minha alma. Já me chamando, implorando para ser mostrada, para ser celebrada. — Obrigada. Eu adoraria.

Ele sorri para mim. — Você tá feliz. — Ele parece meio surpreso, meio satisfeito.

Eu beijo seu queixo barbudo. — Tão feliz.

— Bom.

Ele me leva de volta para sua casa, mas quando ele abre a porta, ele me faz entrar, mas não a fecha. — Tenho trabalho a fazer, mas quero que você durma na minha cama esta noite.

Ele não pergunta. É uma ordem.

— E se eu disser não? — Eu pergunto, testando.

Ele levanta uma sobrancelha. — Por que você diria?

Bom ponto. Por que eu deveria? Só para provar que ele não é meu dono? Eu não disse que ele era?

Acho que preciso saber até onde estou. Ele me deixaria ir se eu dissesse não? Ou ele seguraria Tanner sobre minha cabeça? Quão real é isso?

Eu retiro — não quero saber. Quero enfiar a cabeça na areia e aproveitar o que tenho. Uma nova oportunidade de trabalho incrível.

E um homem que pensa que eu sou o miado do gato.

E o fato de ele ser um criminoso perigoso pode ser varrido para debaixo do tapete no momento.

— Eu não tenho minha escova de dentes aqui.

Os lábios de Nico se contorcem. — Eu vou trazer um para você. Eu preciso ir e não quero você correndo pelo cassino sozinho.

Reviro os olhos e ele ergue uma sobrancelha severa. — Me dê prazer, *cucciola mia* . Eu preciso saber que você está aqui mantendo minha cama quente com este corpinho quente.

Ele me puxa contra ele e eu me derreto em sua forma musculosa.

— O que é *cucciola* ?

— Bicho de estimação. Eu te chamei de *meu animal de estimação* .

Esse parece ser um nome adequado para uma mulher que ele pensa que possui.

Eu engulo meus nervos. Ele me respeita. Ele acabou de criar um emprego dos sonhos para mim. Eu não preciso ter medo.

Ou eu preciso?

CAPÍTULO 10

Nico

Entro na minha suíte por volta das cinco da manhã. Como todas as noites desta semana, Sondra está dormindo na minha cama. Onde ela pertence.

Meus caras encontraram as drogas no carro dela – meio quilo de molly, que tem um valor de rua de mais de US\$ 30 mil. Eles entregaram para seu ex babaca com uma surra leve e o aviso para nunca mais entrar em contato com Sondra novamente. Problema resolvido. Eu nem estou mais chateado, porque eu tenho que ser o herói dela.

Eu estou na porta e olho para ela, tão linda, sua expressão doce em sono. Se eu fosse um homem decente, eu a deixaria dormir. Mas eu não consigo dormir até que eu tenha colocado meu pau nela, então eu tiro minhas roupas e subo em cima dela.

Ela murmura algo em seu sono, seus joelhos se separando para dar espaço para mim. Meu pau está mais duro que pedra, já vazando para ela. Eu estive esperando por esse momento a porra da noite toda, mas eu tinha três jogos privados para gerenciar que chamaram minha atenção.

Sondra está vestindo uma regata e uma calcinha de cetim rosa. Eu puxo para cima seu top e banqueteio em um mamilo.

— Nico. — Ela entrelaça os dedos no meu cabelo, suas pálpebras estremecendo quando ela acorda.

Adoro ouvir meu nome em seus lábios. Eu manipulo sua boceta sobre o triângulo de seda que a cobre. — Você está usando calcinha na minha cama, baby.

Ela sorri. — Opa.

Eu paro por um instante, tentando descobrir se ela quer dizer o que eu acho que ela quer dizer. Ontem à noite, em um ataque de conversa suja, eu disse a ela que esperava encontrar sua boceta nua quando eu fosse para a cama.

— Você está esperando por uma surra?

Seu sorriso cresce mais amplo e ela arqueia para mim.

Eu abaixo a calcinha. — Você será punida por isso, *amore*.

Ela rola os quadris na cama. Eu a viro de bruços e bato em sua bunda. É tão espancado, mas estou com pouca paciência esta noite. Eu bato em suas bochechas meia dúzia de vezes e depois abro suas pernas. — Espalhe-os para mim, anjo. Estou mais duro que aço para você e tenho estado a noite toda. Pego um travesseiro e o coloco sob seus quadris para me dar um ângulo melhor. — Sem preliminares para você, garota travessa. Você terá que pegar meu pau exatamente como eu quero dar a você.

Ela levanta a bunda. Oh inferno, alguns tapas não vão matá-la. Eu pretendia mantê-los leves, mas no segundo em que minha mão se conecta com sua bunda, eu quero mais. Eu bato nela com mais força, mais alto. Mais quatro. Ela geme, desenfreadamente. — Eu lhe dei uma regra simples. Mantenha essa boceta nua para mim. Eu empurro as bochechas de sua bunda larga. — Me faz pensar que você queria minha punição.

Ela faz um som *mmm* .

Eu agarro seu cabelo e levanto sua cabeça. — Você queria?

— Sim! — ela suspira.

Eu libero seu cabelo e massajeio seu couro cabeludo para tirar a dor.

— Talvez eu devesse foder sua bunda para te ensinar uma lição. — Ela fica rígida, o que não era o que eu queria. Ainda assim, eu puxo suas bochechas e bato a cabeça do meu pau contra seu ânus para fazê-la gritar.

— Não, por favor — , ela choraminga.

— Você vai ser uma boa menina?

— Sim senhor.

Ah *Madona* . Adoro quando ela me chama de *senhor* . Eu rolo em um preservativo e empurro dentro dela sem preâmbulos. Ela já está escorregadia com seus próprios sucos, mas ela grita. Eu paro no punho e mordo seu pescoço. — OK, bebê?

— Sim. Sim, Nico.

Droga. Estou com um golpe e já preciso gozar, só porque ela disse meu nome. — Isso mesmo, querida. Diga meu nome. De quem é o pau que você vai tomar?

Ela geme e mesmo através da camisinha posso dizer que sua buceta ficou mais molhada. — Seu. Deus, sim.

Murmuro várias maldições em italiano enquanto continuo a golpeá-la. Ela é tão suave, tão disposta. Tão fodidamente responsiva. É como se nossos corpos fossem feitos um para o outro. Eu preciso dela com uma intensidade que me humilha.

Isso é o que me leva a agir como um idiota possessivo. Para querer possuí-la, controlá-la. Eu sei que não é certo, mas não consigo me conter. E

enquanto isso a excita, também sei que a assusta. O que também a excita. Estou aprendendo tudo o que faz minha pequena historiadora de arte funcionar.

Eu empurro as bochechas de sua bunda para dar-lhe a sensação de meus quadris contra seu cu e ela grita, excitação vacilando em sua voz.

— Essa bunda me pertence, não é, *Bella* ?

Ela geme com cada respiração rápida, uma tapeçaria de som para acompanhar o tapa de carne contra carne.

— Diga que você precisa deste pênis, baby. Diga que você precisa tanto quanto eu preciso da sua boceta apertada.

— Eu preciso disso, — ela ofega. — Eu preciso tanto disso. —

Está tudo acabado para mim. Meus olhos reviram na minha cabeça. Eu a monto como se minha vida dependesse disso, como se eu não a fodesse com força suficiente, nenhum de nós sobreviveria. Ela agarra os lençóis da cama, gritando com cada impulso.

Minhas bolas ficam dolorosamente apertadas, as estocadas se tornam erráticas. — Venha para mim, anjo. Goze tão fodidamente quanto eu vou.

Eu libero, me enterrando profundamente dentro dela e gozando com tanta força que quase desmaio. Eu me afasto por alguns momentos, e então percebo que meu peso está sobre ela e eu rolo para fora, puxando-a contra a minha frente, nossos corpos ainda conectados.

Eu toco um mamilo, gentilmente apertando e puxando. — Baby, você não tem ideia do que você faz comigo. — O orgasmo me deixou grato. Quero oferecer dinheiro, presentes, qualquer coisa que ela aceitar. Mas também não quero que ela se sinta barata. Eu sei que é um ponto sensível para ela. Todos

os dias agradeço às estrelas por descobrir uma posição que ela ama e que posso pagar para ela fazer. — O que posso fazer para você? Me diga o que você precisa.

Ela fica quieta por muito tempo, o que me dá coceira. Algo está em sua mente. Algo que ela não tem certeza de como dizer.

Eu saio dela e jogo a camisinha na lixeira ao lado da cama. Ela meio que rolou de costas, mas sua cabeça ainda está virada para longe de mim. Eu a rolo para me encarar. — Me diga querida. Eu não estou te fazendo feliz. O que é isso?

Ela pisca por um momento, então respira fundo. — Eu sou sua namorada, Nico? Sua chamada de saque? O que eu sou para você?

Eu me inclino em um cotovelo, tentando não mostrar meu alarme. Esta é a conversa que eu temia. Nico Tacone pode ter uma namorada?

— O que você quer ser? — Eu acaricio seu cabelo para trás de seu rosto, mas ela se afasta, irritação no movimento.

— Você está perguntando se há mais alguém, baby? Você tem que saber que não há. Você acha que eu poderia gozar tão forte se estivesse fodendo outra mulher?

Ela arrasta o lábio entre os dentes. — Não. — ela diz lentamente. — Eu não acho isso. É uma das coisas que gosto em você. Você me faz sentir tão desejável. Se eu tivesse uma dica de que havia outra mulher, eu sairia daqui em um piscar de olhos. Depois de Tann...

Eu levanto minhas sobrancelhas e um dedo de advertência. — Não diga o nome dele.

— Bem, você sabe o que aconteceu com ele. Nunca mais vou fazer isso.

Sinos de alarme estão soando na parte de trás da minha cabeça. Ela está me dizendo algo importante. Ela não vai tolerar a infidelidade. O que não é um problema.

Exceto pelo meu maldito contrato de casamento.

Vinte e dois anos atrás, meu pai fez um acordo com Giuseppe Pachino para unir permanentemente nossas duas famílias. Por serem ambos homens do velho mundo, nenhum deles recusou a ideia de vincular um menino de dez anos a uma menina recém-nascida sem o consentimento deles. Na verdade, eles comemoraram o retorno aos velhos costumes, sua sabedoria e nosso futuro próspero combinado. Giuseppe não tem filhos, então meu pai, acredito, pensou que estava me dando a chance de um dia ser o chefe de uma família poderosa. Ele não percebeu que eu faria minhas próprias chances. Tornar-me-ia chefe em meus próprios termos.

Mas as duas famílias do crime têm operado com termos mutuamente benéficos desde então.

Eu sei muito pouco sobre Jenna Pachino. Eu a evitei como uma praga. Eu meio que imaginei que ela deveria estar tão horrorizada com o contrato quanto eu e tomaria minha ausência como um alívio.

Mas não cancelei o contrato. Só meu pai pode fazer isso, e ele está na cadeia. E até agora, isso realmente não importava para mim.

E eu não deveria considerar isso agora. Porque-

Porra. Estou calado há muito tempo. O rosto de Sondra se fecha.

— Não há mais ninguém. — eu digo ferozmente, para neutralizar qualquer conclusão que ela tenha tirado.

Exceto que é uma porra de uma mentira, não é?

— Eu não acho que você queira ficar permanentemente ligada a mim, querida. Você sabe o que eu sou?

Mesmo na luz filtrada da cidade que entra pelas janelas eu a vejo pálida. Sua boca aperta.

Eu agarro sua mandíbula. — Eu vou possuir você, porra. Eu vou reivindicar você para a vida. Mas eu estaria condenando você à eternidade com o diabo. O crime está no meu sangue. A violência está por trás do meu nome. Tentei me distanciar. Eu tento manter minhas mãos limpas aqui, administrando um negócio legítimo, pagando impostos sobre o dinheiro que ganhamos. Mas eu nunca estarei livre disso. E eu não quero te derrubar comigo.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela rola para longe. Eu a pego pela cintura enquanto ela se senta, de costas para mim.

— Por favor. Não vá. — O que estou pedindo a ela? Meu cérebro acelera, tentando encontrar alguma solução, algum compromisso que a mantenha na minha cama. — Dê-me apenas um pouco mais de tempo com você. Eu não estou pronto para desistir de você. Fique. Coloque meu museu em funcionamento. Redecore o cassino. Então eu prometo que vou deixar você ir.

Ela se vira para olhar para mim. Vejo saudade e dor refletidas naqueles lindos olhos azuis.

— Eu nunca imploro, baby. Isso é o quanto você significa para mim.

Ela não se vira. — Com o que estou concordando? — Sua voz soa rouca. — Apenas sexo?

— Não. — Minha voz é dura. A pergunta dela faz sentido. Sexo é tudo que eu tive tempo para dar a ela, e ainda assim a ideia dela sugerindo que é tudo que eu quero me irrita. Eu preciso de muito mais do que sexo. Eu anseio possuí-la, corpo, mente, alma. — Namorada, se é assim que você quer definir. Quero seu tempo e atenção também.

Ela bufa e percebo que minha falta de presença foi sentida.

— Me desculpe por estar tão ocupado, anjo. Eu vou arranjar tempo para você. Eu prometo.

Até eu ouço o vazio da promessa. Porque é um que eu não tenho certeza de como entregar. Este cassino ocupa vinte e três das vinte e quatro horas de um dia, e a hora restante ainda está em meus pensamentos, e é por isso que não consigo dormir sem foder Sondra como um touro furioso.

Mas se é isso que ela precisa, eu vou dar um jeito. Eu sempre faço.

— Volte para a cama, *Bella*. Você sabe que não consigo dormir sem você ao meu lado.

Ela me permite puxá-la para o colchão e envolver meu corpo mais longo ao redor do dela. Dentro de alguns momentos, sua respiração diminui e ela adormece. Eu... estou acordado por uma hora antes de finalmente desistir de dormir e ir tomar um banho.

* * *

Sondra

— Você está se apaixonando por ele. — Corey chuta as pernas na piscina do Bellissimo. Estamos sentadas ao lado das pedras falsas e da cachoeira artificial, uma semana depois de Nico me implorar para ficar e prometer arranjar tempo para mim. Não aconteceu.

— Não, eu não estou.

— Besteira. Se não fosse verdade, você ficaria perfeitamente feliz em ficar com ele, deixá-lo pagar por todas as suas despesas e ter um ótimo sexo até descobrir seu próximo passo. Mas você não está. Você quer algo mais.

Eu caio na piscina, mantendo meus braços acima da água. O nó de pavor apertando na minha barriga me diz que ela está morta. Eu quero algo mais e Nico não pode dar. Ele deixou isso bem claro. Embora eu não tenha certeza se ele está me contando toda a história.

Depois de ser enganada e enganada mais vezes do que gostaria de admitir, uma campainha de alarme está soando em algum lugar do meu subconsciente. Mas talvez seja apenas eu sendo paranoica. Talvez eu esteja muito danificada pelos meus erros passados para conhecer um relacionamento pelo qual vale a pena lutar quando ele me morde na bunda.

— Bem, algo mais não está em pauta. — Ando pela água, deixando-a esfriar minha pele, quente do sol.

— Então você precisa descobrir o que você quer. Se você precisa proteger seu coração, você deve ir agora. Ou você pode decidir tirar tudo o que puder dessa experiência, sexo gostoso, construção de currículos, publicidade, uma história para contar aos seus netos e seguir em frente até que o museu seja montado, como ele sugeriu.

— Sim. — Eu gostaria que fosse assim tão fácil. Mas meu coração está totalmente em jogo. E já está mostrando sinais de danos. E ainda nenhuma parte de mim está disposta a ir embora ainda.

Não sei por que não, porque é tão inebriante ser desejada, eu acho. E eu posso dizer a mim mesma que ele é só conversa — este é o Romeu de fala

mansa que me tem sob seu feitiço, exceto que eu vejo em primeira mão como ele dorme bem depois que fazemos sexo. Ele parece dez anos mais jovem depois, as linhas em seu rosto diminuindo, a luz voltando em seus olhos.

É egoísmo acreditar, mas acho que ele precisa de mim.

Saio da piscina e enrolo uma toalha na cintura. — Vou trabalhar nas coisas do museu.

Corey tira os pés da água e os coloca em chinelos. — Se ele prometeu dar mais tempo para você e não cumpriu, você deve exigir isso dele. Esse era o arranjo que você tinha.

Exigir qualquer coisa de Nico Tacone é uma grande e gorda risada.

— Ou você pode simplesmente aparecer no chão esta noite em um vestido sexy e vê-lo enlouquecer. — Um sorriso perverso brinca nos lábios de Corey.

Faço uma pausa no ato de pegar minha bolsa de natação. Nico está com ciúmes o suficiente para não querer que eu dê cartas ou limpe o quarto de outra pessoa. Provavelmente não levaria muito para ajustá-lo em ação. — Isso *garantiria* uma reação.

Corey sorri. — Eu tenho o vestido perfeito que você pode pegar emprestado. Um vermelho furtivo. Use-o com um par de sapatos foda-me e ele esquecerá tudo sobre o trabalho durante a noite.

É uma ideia melhor do que a que venho tentando, trabalhando tão duro quanto Nico para me distrair dos meus pensamentos de por que esse relacionamento está errado.

— Vamos pegar o vestido.

CAPÍTULO 11

Nico

Eu sou um idiota porque prometi tratar Sondra como uma namorada e não como um brinquedo, e então eu não tive um maldito minuto durante as horas de vigília para tratá-la bem.

Pego meu telefone e ligo para Stefano, meu irmão mais novo. Ele e eu somos próximos — com idade próxima e mentalidade semelhante. Ele esteve no velho país, trabalhando com nosso tio-avô.

— Nico, *vem você* ? — ele responde.

Eu vou direto ao ponto. — Eu preciso de você.

Stefano jura. — O que é isso?

— Não. Nada mal. Minha operação cresceu demais. Não consigo trabalhar horas suficientes no dia e preciso de alguém para dividir a carga. Eu preciso de você, especificamente.

Stefano fica quieto por um momento. — Tony não é suficiente?

— Tony não pode fazer tudo. E ele não é meu irmão. Pago-lhe bem, mas não posso partilhar o reino com ele. Papai não permitiria.

— Sim, ok. Vou falar com o *Zio* . Tenho certeza de que ele pode me deixar ir se você realmente precisar de mim.

— Eu faço. Eu preciso de você para chefiar a segurança. Dessa forma, posso me concentrar no crescimento contínuo. Ligue-me de volta e deixe-me saber quando você pode vir.

— Eu vou. — Estou prestes a desligar, quando ele diz: — Nico?

Eu coloco o telefone de volta no meu ouvido.

- O que motivou isso?
- O que você quer dizer?
- Você está doente? Aconteceu alguma coisa?

Eu solto um suspiro. É por isso que preciso de Stefano. Ele é fodidamente perceptivo. — É uma mulher.

Stefano solta uma gargalhada surpresa. — Nada de merda?

- Sim. E eu estou trabalhando vinte horas por dia e ela vai andar.
- Você está falando sério sobre essa mulher?

Tudo no meu peito aperta porque eu sei qual será a próxima pergunta de Stefano. Eu tento evitar isso dizendo: — Não tenho certeza .

- Besteira. Você é sério. E quanto a Jenna Pachino?
- Sim, eu não sei. Eu preciso cancelar esse contrato, eu acho.
- Você já conversou com o papai?
- Ainda não.
- Bem, é melhor você fazer isso logo. Ele não vai querer surpresas. Ele sabe que você está me ligando de volta?

Eu quero colocar meu punho na parede. Eu odeio ser fodidamente preso pela minha família. — Não.

— Fale com ele primeiro, Nico. Eu não quero ficar no meio da sua pilha de merda.

— Eu vou falar com ele porra! — Eu estalo. — Você pega um maldito avião para Vegas.

— *Si, signore* . — A voz de Stefano está seca, mas eu sei que ele não vai guardar rancor por eu ser um idiota.

Começo a desligar sem me despedir, mas depois levo o telefone de volta ao ouvido. — *Grazie, Fratello* .

— É bom ouvir de você, Nico. Estou feliz que você encontrou alguém. — A voz de Stefano ficou suave. — E você ainda é um *stronzo*.

Sim, eu sou um idiota. — Sempre.

Ele bufa e desliga e eu fico sorrindo ao telefone, o que é tão incomum para mim quanto fazer um gabarito em uma roupa de duende.

Eu saio no chão, onde eu tenho pelo menos seis malditos problemas para cuidar, além de cortejar três grandes baleias gastadoras.

Eu paro.

Sondra está sentada no bar em um vestido vermelho justo, suas pernas bem torneadas pontuadas com um par de saltos pretos sensuais. Ela puxou o cabelo para cima em um sofisticado coque francês e está bebendo um martíni.

Como se isso não fosse suficiente para absorver, há um cara sentado ao lado dela, inclinando-se e conversando.

Eu vou matar o filho da puta.

— Senhor. Tacone, Jeff Blue está pedindo para falar com você sobre um jogo privado. Um dos meus gerentes está ao meu lado.

Merda.

Não, talvez seja o melhor. Preciso me acalmar. Eu não posso arrancar o cara da banqueta e esmagar sua cabeça só por falar com minha garota.

O que ela está fazendo?

Eu me movo rapidamente em direção a Jeff Blue e me forço a agir civilizadamente. Este é um homem que gasta de dez a cinquenta mil por

noite quando está no meu estabelecimento. Eu arranjo tempo para ele quando ele vem.

Eu nem sei o que digo a ele, porque o tempo todo meu olho está na loira sexy no bar. Antes que eu me afaste, porém, a outra baleia se junta a nós. Ele reconhece Jeff e quer participar de um jogo privado.

Porra.

Jogos privados são ótimos. Eu faço uma matança. Mas eles exigem muita segurança e apoio. É por isso que preciso de Stefano aqui.

Estou roendo minha coleira quando algum outro idiota se senta do outro lado de Sondra. Ela gira em sua cadeira e me vê, mas tudo que recebo é um fodido sorriso e um novo cruzamento de suas pernas vestidas com meias.

Ah Merda.

Ela está me puxando de propósito.

Eu pisco, minha mente virando uma penugem branca por um momento. Estou menos frenético do que estou chateado agora.

Tony vem me contar sobre uma nova porra de emergência com uma tentativa de golpe na sala dos fundos.

Eu me afasto das baleias e o puxo para o lado. — Tire Sondra daqui e vá para minha suíte agora. Se eu ver outro cara falando com ela, vou enlouquecer.

— Entendi, chefe. Leo e Sal estão na sala dos fundos lidando com o golpe. Você quer que eu vá lá quando eu terminar?

— Não, eu vou precisar de você no jogo privado assim que eu conseguir.

— Entendido.

Saio sem olhar de novo para Sondra, porque se o fizer, alguém vai perder os dentes.

* * *

Sondra

Essa foi uma ideia horrível. Eu pensei que o estratagema funcionou por um breve momento, quando senti o olhar de Nico queimando nas minhas costas, mas ele nunca veio, e quando ele saiu, ele parecia chateado.

E agora seu braço forte está vindo em minha direção.

Tony se aproxima e olha para os caras sentados ao meu lado. — Cai fora.

Um deles gagueja de raiva, o outro foge como um cão vadio pego roubando comida.

— Você quer que eu vá? — O homem irritado exige.

Eu concordo. — Sim, é melhor você ir.

Ele enche o peito. — Você tem medo desse cara?

— Sêrio. Você deveria ir. Foi legal conversar com você. — Faço minha voz educada, mas firme. O cara está bêbado o suficiente para fazer algo estúpido, e eu definitivamente não quero nenhum tipo de violência em minhas mãos. — Estou bem.

Ele franze a testa, mas quando Tony dá um passo ameaçador à frente, decide cortar suas perdas e ir embora.

— O chefe quer você lá em cima, na suíte dele.

Oh, agora que levanta meus arrepios. — Com licença? — Ele nem sequer teve a porra do tempo para vir e falar comigo mesmo? E agora ele está me mandando para sua suíte? Besteira.

Tony ergue as mãos, palmas para fora. — Ei, eu não quero estar no meio da briga de um amante. Tenho ordens para levá-lo até lá. Nico tem cinco fogueiras acesas ou tenho certeza que ele mesmo estaria aqui.

Ouvir sobre o estresse de Nico diminui minha raiva. É realmente justo da minha parte tentar desviar a atenção dele de seus negócios?

Então, novamente, é justo que ele me trate como se fosse meu dono e me dê ordens?

Tony apoia um cotovelo no bar ao meu lado. — Ouça. Você está dificultando meu trabalho aqui. Se eu te tocar, Nico terá minhas bolas. Mas também tenho minhas ordens. Então, o que é preciso para tirar você daqui e subir para a suíte do chefe?

Cruzo os braços sobre o peito. — Informação.

Ele levanta uma sobrancelha. — Como o quê?

O que eu estou fazendo? Eu ainda quero as respostas para minhas perguntas?

— Eu sou... — O que eu vou dizer? Especial? Seu único?

Tony inclina a cabeça como se estivesse tentando o seu melhor para interpretar uma mulher louca.

— Eu sou seu tipo habitual?

Tony pisca, surpresa esvoaçando em seu rosto. Ele passa um braço em volta do meu cotovelo. — Vamos. Deixe-me levá-lo para fora daqui e eu lhe direi tudo o que você quer saber.

Apaziguada, desço da banqueta e permito que ele me escolte até os elevadores particulares. Uma vez que estamos sozinhos, ele solta meu cotovelo e me encara. — Não. Você não é o tipo habitual dele. Você está muito longe do seu tipo habitual.

Não tenho certeza se fico aliviado ou desapontado.

— Você é a única mulher que ele queria foder, perdoe minha grosseria, mais de uma vez em todo o tempo que eu o conheço, que é desde que éramos crianças. Então eu não sei o que ele te disse, mas eu diria que você é muito especial para ele.

O calor se infiltra em meu peito e minha raiva evapora.

— Sim?

Tony assente. — Sim. E não pense que todas as pessoas que trabalham para ele não estão gratas por você tê-lo ajudado a dormir. Ele foi um inferno nas rodas para gerenciar por um tempo lá.

Chegamos no andar de Nico e ele me acompanha até a porta. — Você tem chave?

Pego o cartão-chave da pequena bolsa de noite que peguei emprestado de Corey. — Sim. Obrigado.

Ele espera até que eu abra a porta antes de sair.

— Boa noite, Tony.

— Boa noite, você mesma, Sra. Simonson.

Sra. Simonson. Eu definitivamente subi no mundo dos cassinos.

Eu entro e ando ao redor da suite de Nico. Pode levar horas e horas até que ele venha. Provavelmente será o despertador habitual das 4h30 da

manhã. Esse pensamento traz um peso esmagando meu peito. Muito parece não resolvido, no ar. Não vejo como vou dormir até conversarmos.

Felizmente, não é muito longo. Nico chega quarenta e cinco minutos depois, enquanto eu assisto o *Saturday Night Live* na televisão. Ele ainda parece chateado.

Desligo a TV e me levanto. Ele fica perto da porta, enfia as mãos nos bolsos e me observa.

O fato de ele não se aproximar faz meu estômago despencar. Normalmente ele está em cima de mim no minuto em que me vê.

— Sondra. Você me desrespeitou lá embaixo.

Minha respiração me deixa. *Desrespeitado*. Porcaria. Este é um macho alfa com um ego mafioso completo. Respeito significa tudo.

Eu tento atrair minha raiva de antes. Ele também me desrespeitou. Ele não deu tempo para mim, nem se deu ao trabalho de vir e me tratou como uma possessão. Eu endireito meus ombros e abro minha boca.

Ele levanta a mão antes que eu possa falar. — Eu sei que te decepcionei esta semana. Estou trabalhando em uma maldita solução. Mas se você tem um problema comigo, você vem e fala comigo sobre isso. Você não me faz de idiota no meu próprio clube.

Meu coração afunda ainda mais. — Eu não estava te fazendo um tolo.

Ele levanta a mão novamente para me silenciar. — Nunca mais.

Minha boceta aperta com o aço em sua voz. Uau. Uma repreensão completa de Nico Taccone. É uma parte humilhante, duas partes emocionantes. Definitivamente estou errada porque acho emocionante um chefe da máfia irritado.

Ele caminha até o bar e se serve de uma bebida. — Eu tenho merda para fazer, — ele murmura, de costas. — Você deveria ir para seu próprio quarto esta noite. Eu não estarei aqui antes do amanhecer. — Ele sai na varanda sem olhar para trás.

Meu coração está no chão. Ele está mais bravo do que eu pensava. Eu preciso consertar as coisas antes de ir, eu não estou prestes a sair com esta nota. Não quando minhas emoções estão no limite, meus hormônios estão furiosos e Nico ainda está bravo.

Eu o sigo para fora.

Ele afunda em um assento e olha para a noite.

— Nico.

— Não esta noite, querida. — Sua voz é cortada, tensa.

Eu estou na frente dele, bloqueando sua visão. — Nico.

Em um movimento rápido e irritado, ele me puxa de braços sobre seu colo e dá nove tapas rápidos e duros na minha bunda. As palmadas doem, mas estou mais animada do que qualquer outra coisa. Este é um reino com o qual estou familiarizado. Ele me tocando, sendo um pouco áspero demais.

E parece mudar algo nele também. No momento em que a enxurrada de palmadas para, ele está apertando e espalmando minha bunda daquele jeito possessivo dele. Ele desliza a mão para dentro do meu vestido e esfrega entre as minhas pernas. Minha calcinha já está úmida e ele rosna quando a sente.

— Levante-se e tire sua calcinha para sua surra, baby. — Sua voz é grave e áspera. Todo o aperto se foi.

Ele me ajuda a levantar e eu tiro minha calcinha e deito em seu colo. Isso é sexo, agora. A raiva de Nico se foi e a corrente de luxúria corre entre nós, tão forte como sempre. Ele desliza uma grande palma pela parte de trás da minha perna, arrastando a bainha do vestido vermelho de Corey com ela. Estou usando meias pretas na altura da coxa com uma costura nas costas e laços na parte superior e Nico rosna quando as vê completamente.

Um pouco da raiva retorna à sua voz, no entanto. — Para quem você usou isso? — Ele bate na minha bunda, forte.

— Para você! — Eu grito imediatamente.

Ele massageia a picada. — É melhor que sejam para mim. — Outro beijo e massagem. — Meu ciúme é uma coisa perigosa, baby. Nunca mais jogue esse jogo comigo. — Ele aperta seu aperto em volta da minha cintura e começa a bater. É uma verdadeira surra — forte e rápida. Implacável. Minha respiração me deixa e corre de volta. Eu me contorço e empurro porque de repente não é tão sexy. Isso dói. Um lampejo de medo real passa por mim. Até onde ele vai levar isso?

— Eu sinto Muito! — Eu grito.

Ele para imediatamente e esfrega. — Me mostre, bebê. — Sua voz é baixa e áspera novamente. Ele solta minha cintura.

Eu entendo o que ele quer dizer e deslizo de seu colo para o chão na frente dele. Ele pega a almofada do assento ao lado dele e me empurra para cima para amortecer meus joelhos. Estou ansiosa para agradecer. Acho que nunca fiquei tão animada em fazer um boquete na minha vida. Eu desafivelo seu cinto e abro suas calças para liberar sua ereção grossa.

Ele me observa com as pálpebras pesadas enquanto eu lambo ao redor da cabeça. Minha bunda ainda arde com a surra, o que torna este ato servil ainda mais quente. Estou pagando penitência com minha língua, com meus lábios, minha boca. Eu o tomo profundamente e suas coxas ficam tensas, os joelhos disparando mais largos. Eu seguro suas bolas e massajeio atrás delas, procurando a área sensível entre as bolas e o ânus.

Eu mudo minha mão, levantando-o em um punho apertado e movendo minha boca mais para baixo.

— Ah porra! — A mão de Nico se enrosca no meu cabelo, derrubando meu twist francês. — *Madonna. Cristo. Dio*. O que você está fazendo comigo?

Eu amo o poder inebriante que surge através de mim, sabendo quanto prazer estou dando a ele. Eu chupo a outra bola, lambo a costura de seu escroto.

Quando eu volto para engolir seu pau na minha boca, ele avança na cadeira, empurrando-o pela minha garganta enquanto ele mantém a parte de trás da minha cabeça em cativo. Eu engasgo, mas não pare de chupar. Eu me movo para cima e para baixo sobre seu pau, levando-o para o bolso da minha bochecha, depois para o fundo da minha garganta. Eu nunca fui bom em garganta profunda, mas para Nico eu quero tentar. Eu desacelero e relaxo meus músculos.

Ele aperta o punho no meu cabelo e geme. A sequência de palavras italianas alimenta meu desejo. Eu pego minha velocidade, balançando sobre seu pau, usando meu punho também, então parece que estou tomando seu comprimento total.

— Sondra. *Porra!* Sondra. — Ele desce pela minha garganta.

Eu engulo. É a primeira vez que não engasgo, e estou muito orgulhosa de mim mesma. Não faz mal que o rugido de Nico ainda ecoe no prédio. Eu continuo a rolar minha língua ao longo da parte inferior de seu pênis, chupando-o até secar. Meu clitóris pulsa no ritmo do meu batimento cardíaco. Minha bunda ainda está quente e trêmula.

Eu preciso de sexo, desesperadamente.

* * *

Nico

A rendição de Sondra me deixa totalmente transformado. Talvez seja essa qualidade dela o tempo todo que me deixou extasiado. A forma como ela cede, torna-se vulnerável. Para *mim* — Nico Tacone — o cara de quem quase todo mundo se acovarda.

Mesmo quando eu solto meu latido, ela fica macia.

Ela se levantou e tirou a calcinha para o meu castigo. Depois que eu indesculpavelmente perdi a paciência e bati na bunda dela com raiva.

Estou humilhado por ela. Humilhado e grotescamente empoderado ao mesmo tempo. Porque eu não vou desistir do controle que ela me entregou. Estou levando isso até o fim.

— Venha aqui, *bambi*. — Eu a levanto de joelhos e a sento no meu colo, de costas. — Abra para mim. — Eu abro suas coxas e as coloco sobre as minhas, então ela fica bem aberta.

Ela se inclina para trás contra mim, sua cabeça caindo no meu ombro. Sua respiração sobe e desce rapidamente e sua pele é quente e macia. Deslizo minhas mãos pela parte interna de suas coxas, arrastando o vestido vermelho com elas. Eu apalpo sua boceta.

Ela solta um suspiro ofegante.

— Aposto que essa boceta precisa de atenção, — murmuro em seu ouvido, dando um tapa leve em seu clitóris.

Ela estremece. — Sim por favor.

Eu já mencionei o quanto eu amo quando ela diz *por favor* ?

Eu bato em sua buceta novamente. Está molhado, inchado. Eu mergulho meu dedo médio nela e ela se contorce contra ele, tentando me trabalhar mais fundo.

Eu bombeio meu dedo dentro e fora dela algumas vezes, então paro.
— Eu não tenho certeza se vou deixar você vir, no entanto.

Ela choraminga.

— Você acha que merece vir, anjo?

Ela fica quieta e eu temo ter ido longe demais. Mas então ela usa a voz suplicante mais adorável. — Por favor, Nico?

Eu bombeio novamente. — Porra. É quase impossível para mim negar qualquer coisa quando você me implora com essa vozinha sexy, *bambina*.

— Por favor, foda-me.

Oh Cristo. Meu pau já está ficando duro novamente. Eu vou perder essa batalha. Mas eu jogo duro com ela. — Ah, eu vou te foder, anjo. — Eu bato em sua buceta. — Eu vou te foder bem. Eu vou foder essa sua bunda virgem e apertada.

Ela fica imóvel novamente, e eu sei que ela está com medo. Eu mordo sua orelha. — Não se preocupe, — murmuro. — Eu vou fazer isso bom. Eu prometo, querida.

Eu espero até que ela expire e a tensão em seus músculos diminua e então eu a levanto do meu colo e me levanto. — Vá tirar o vestido e deitar de bruços na minha cama.

É um teste. Se ela não fizer isso, eu não vou empurrar. Eu não sou muito idiota. Mas acho que posso fazê-la gostar. Ela corta os olhos para mim, então cambaleia em direção ao quarto com as pernas instáveis.

A vitória faz meu pau bater forte novamente. Eu a sigo até o quarto e encontro uma garrafa de lubrificante. Eu não tive que usá-lo com ela, ela parece estar constantemente molhada para mim, mas estou feliz por tê-lo.

Ela me obedece, tirando o vestido e deitando na cama, vestindo apenas um sutiã de renda preto e um par de meias pretas sexy com uma costura nas costas.

— *Caramba*, é uma bela visão.

Ela vira a cabeça para o lado para olhar para mim e seu olhar é quase tímido, tão chocantemente vulnerável que faz meu coração apertar. Eu pego os dois travesseiros da cama e levanto seus quadris. — Coloque isso em você, anjo e abra suas coxas sensuais.

Eu rastejo entre suas pernas e puxo suas bochechas. Lambo uma longa linha de seu clitóris até seu ânus.

Ela geme e estremece. Repito a ação, depois dou um tapa na bochecha. Sua bunda ainda está rosada pela surra que dei a ela, o que não deveria me excitar tanto, mas excita. Eu quero dar a ela tudo o que ela precisa. Fazer desta a melhor introdução possível ao anal. Eu lubrifico sua bunda e meu dedo e começo devagar, massageando seu ânus, penetrando-a e abrindo o anel apertado de músculos. Converso com ela o tempo todo, acalmando-a,

elogiando-a. — É isso, querida. Abra para mim. Relaxe e me deixe entrar. Boa menina.

Quando eu trabalho para bombear meu dedo nela, ela choraminga e desliza a mão entre as pernas para esfregar seu clitóris.

— É isso, anjo. Pegue o que você precisa. Eu vou foder essa sua bunda sexy agora. Eu coloco uma camisinha e lubrifico pra caramba, então pressiono a cabeça do meu pau em sua entrada. — Respire fundo.

Suas costas e costelas se alargam quando ela prende a respiração.

— Agora expire.

Quando ela obedece, eu entro, alimentando meu comprimento, centímetro por centímetro.

Seu gemido aumenta em tom, mas ela não aperta contra mim, não resiste. — Boa garota. Pegue meu pau grande em sua bunda. Isso é o que acontece quando você é uma garota travessa.

Ela geme mais alto, um som devasso que eu considero uma luz verde. Eu a preencho, até o fim, então relaxo e a fodo novamente.

— Nico,— ela ofega. — Oh meu Deus.

— Eu sei, Baby. Você está tendo sua bunda fodida pelo homem que é seu dono. Eu sei que sou um idiota, mas *tenho* que possuir essa mulher, possuí-la, mantê-la, reivindicá-la e dominá-la. Especialmente depois que ela me fez vê-la flertar com aqueles filhos da puta lá embaixo.

Eu bato em sua bunda, fodo-a completamente até que seus gritos assumam um som agudo e em pânico. — Por favor, — ela implora. — Por favor, por favor, por favor.

Eu já gozei uma vez, então eu poderia continuar para sempre, mas eu sei que ela está desesperada para chegar ao clímax. Eu fecho meus olhos e deixo o prazer surgir através de mim. Minhas bolas apertam. Eu abaixo meus quadris para descansar em sua bunda e balanço para dentro e para fora enquanto coloco minha mão sob seus quadris. Seus dedos estão frenéticos entre suas pernas, mas eu os empurro para fora do caminho e enfio três dos meus em seu canal molhado. Ela está ensopada, tão suculenta como eu já senti uma mulher - e tão inchada e escorregadia.

— Eu vou gozar na sua bunda, baby, e quando eu disser que é hora, você vai gozar em meus dedos. *capuchinho* ?

— Sim! Por favor, Nico, — ela soluça.

A urgência de sua necessidade me envia para o precipício. Meus quadris estalam e eu a fodo mais algumas vezes antes de gozar novamente.

— *Agora* , bebê.

Seu corpo inteiro convulsiona, a boceta vibrando em torno dos meus dedos, ânus apertando quase dolorosamente ao redor do meu pau. Deve machucá-la também, porque ela grita e seus músculos ficam frouxos, rendendo-se mais uma vez.

— É isso, querida. Boa menina. — Eu beijo seu pescoço. — Você aceitou tão bem. Você gostou da sua primeira foda de bunda?

Ela não responde e uma pequena bola de pavor começa a se formar em meu plexo solar. Eu saio dela e jogo a camisinha no lixo ao lado da cama. — Eu já volto, — murmuro e lavo rapidamente minhas mãos no banheiro. A urgência de voltar para ela é quase esmagadora.

Ela não se moveu desde que eu a deixei, ela ainda está caída sobre os travesseiros, sua bunda violada à mostra.

— Olhe para mim, *piccolina*. — Eu a rolo.

Ela não parece querer que eu veja seu rosto, porque ela se lança em minha direção, envolvendo seus braços firmemente em volta do meu pescoço.

Eu a abraço forte, acariciando seu cabelo, beijando sua têmpora. — Diga-me que você está bem, querida.

Ela acena contra o meu pescoço. — Estou bem. — Sua voz está rouca.

— Eu preciso ver você.

Seus braços apertam em volta do meu pescoço.

— Anjo. — Eu a coloco de volta na cama e rolo para o meu lado para que fiquemos de frente um para o outro. — Olhe para mim.

Ela gradualmente libera seu aperto no meu pescoço.

Eu seguro seu rosto em uma palma, corro meu polegar sobre sua bochecha. — Eu te amo, Sondra.

Eu não quis dizer isso. Eu não tinha ideia que essas palavras iriam sair da minha boca. Mas eles são verdadeiros. Eles são reais. Eles são a melhor honestidade que eu já conheci.

Seus olhos se arregalam e ela me estuda, como se estivesse procurando algum sinal de que estou falando sério. Como se ela tivesse medo de acreditar em mim.

Eu sinto os freios batendo no meu próprio peito. Eu a estou conduzindo. Eu nem estou *disponível* para esta mulher, mas é tarde demais. Eu já disse isso, e não vou voltar atrás.

— Não diga isso de volta, — eu digo a ela. — Eu sei que isso não muda as coisas. É exatamente o que saiu quando vi seu rosto angelical.

— Então você ainda não está bravo?

Eu rio. — Nem perto de bravo, baby. Superei a raiva no segundo em que você se levantou e tirou sua calcinha para mim. E isso foi antes de você me dar o melhor boquete da minha vida. Eu escovo o cabelo despenteado de seu rosto. — Baby, eu só sinto muito por ter perdido a paciência com você. E sinto muito por essa surra, pelo menos a primeira. Não era para você, era para mim, e isso não é legal.

Ela me estuda, seus olhos são inteligentes. Eu juro que ela vê direto na minha alma e não julga. Não sei como isso é possível. — Eu gostei.

Eu sorrio quando meu peito se contrai. — Eu sei que você fez. E continuo dizendo a mim mesma que isso faz tudo bem. Mas não tenho certeza se isso acontece.

Ela cobre minha mão em sua bochecha com a palma da mão. — Sua preocupação torna tudo bem.

Eu estremeço sob seu toque. — Eu não sei por que você confia em mim tão bem, baby. Eu não mereço.

Ela franze os lábios. — Não, você não merece.

Eu luto contra um sorriso, feliz por ela estar me repreendendo. — Baby, eu sei que tenho negligenciado você e é por isso que você estava tentando me irritar. Liguei para meu irmão mais novo e pedi a ele que se mudasse para cá para me ajudar a administrar essa merda para que eu possa dar a atenção que você merece. Mas, por favor, não brinque com outros caras

porque eu vou me desgrudar e o idiota que você tocar vai acabar com as bolas enfiadas na bunda dele. *capuchinho* ?

Ela estremece levemente. — Eu sinto Muito.

Eu já sei que ela sente, e eu não estava tentando fazê-la dizer isso de novo. Eu coloquei meu dedo em seus lábios. — Ouça, eu vou fazer as pazes com você. Eu tenho que voltar lá agora, mas vou limpar minha agenda para você amanhã. Quero que você faça as malas e esteja pronto para mim às 10 da manhã. Vamos fazer uma viagem.

A esperança bruxuleante em seus olhos me assusta pra caralho. Não porque eu não vou fazer tudo o que posso para ter certeza de entregar tudo o que ela precisa de mim, mas porque eu quero ser o homem que entrega isso permanentemente. E isso é uma maldita impossibilidade.

CAPÍTULO 12

Sondra

— Todo mundo está tentando descobrir quem você é, — murmuro para Nico. Estamos sentados no café do Met, tomando café expresso para nos reanimar do longo dia de caminhada pelo museu de arte. Sim, ele me levou em um jato particular para Nova York esta manhã e exigiu que eu mostrasse a ele tudo de melhor que o Met tinha a oferecer. Considerando que é minha primeira viagem a Nova York, muito menos ao Met, meu balde está mais do que cheio.

Nico está mais bonito do que nunca em um de seus ternos finos e parece uma espécie de celebridade entre os turistas. Ele arqueia uma sobrancelha. — Eu? Não, *amor*. Eles estão olhando para você. Ouvi um casal sussurrando que você é uma atriz famosa. — Ele pega minha mão e passa o polegar sobre meus dedos.

Se eu estava preocupado que Nico e eu não tivéssemos nada para conversar se realmente tivéssemos tempo para passar juntos, eu estava errada. Ele me contou tudo sobre crescer em Chicago – as coisas que ele sente falta da cidade, as coisas que ele não sente. Como e por que ele acabou em Vegas.

Contei a ele sobre Michigan, crescendo do outro lado da rua de Corey. Como ela se tornou como uma irmã para mim.

Ele esfrega o queixo barbudo. — Aqui está a coisa que eu continuo me perguntando, Sondra.

— O que?

— Como uma mulher tão bonita como você acabou em Reno com aquele barman desonesto. Não faz sentido. Por que você ainda não está casada com algum intelectual inteligente e legal que pode falar sobre arte e merda com você?

Eu tento cobrir o quanto a pergunta me fere. Não é a mesma que eu me perguntei três dúzias de vezes?

Eu inspiro. — Acho que tive um intelectual inteligente e legal como namorado quando estava fazendo meu mestrado. Ele me traiu com meu melhor amigo. Curtidor.

— Não diga o nome dele. — Nico fecha os olhos como se eu estivesse testando sua paciência.

— Ele não foi o primeiro a me trair. E John nem foi o primeiro. Antes disso, meu namorado no ensino médio ficou com uma garota enquanto acampava na fila para comprar ingressos para o Coldplay.

Nico assobia. — Esse é um padrão ruim.

— Sim. Eu tenho um gosto terrível. Eu paro tarde demais. A expressão de Nico escurece.

Eu limpo minha garganta. — A empresa atual excluída, é claro.

— Não, você está certa, — diz ele. — Eu não engano. Você não precisa se preocupar com isso. Mas eu estou errado para você. Definitivamente errado.

A faca que está no meu peito desde o dia em que o conheci torce e perco o fôlego.

— Pare de dizer isso. — Eu deveria apreciar que ele reconhece o quão ruim somos, mas eu não. Eu me ressinto disso. Porque toda vez parece outra rejeição. É que esta rejeição não é para outra mulher, é para o trabalho dele.

A vida dele.

E eu sei que ele provavelmente não pode evitar. Ele é quem é.

Nico fica mais alto, me observando atentamente. — Por que, *cucciola mia*? Nós dois sabemos que é verdade.

Meus olhos se enchem de lágrimas e me levanto da cadeira. Ele pega minha mão e me puxa para seu colo, alheio a todos no café lotado. Seus braços fortes me envolvem. — Eu gostaria de poder ser outra pessoa para você. Eu quero ser. Mas não posso. Tenho obrigações familiares que você não pode imaginar. Não vejo como estarei livre de quem e do que sou.

Eu desisto da luta e desmorono contra ele. Ele não está dizendo que não me quer. Estou finalmente ouvindo as palavras pelo que elas são. Ele está sendo realista. Me dizendo que ele é um Tacone.

Então a questão é: posso viver com tudo isso?

* * *

Nico

Voltamos ao cassino na manhã seguinte. Eu gostaria de ficar mais tempo, mas até Stefano chegar, não posso deixar a operação sem tripulação por muito tempo.

Sondra chupou meu pau no avião para casa, o que me fez sentir como um maldito rei.

Estou feliz, talvez pela primeira vez na minha vida. Não apenas satisfeito. Não orgulhoso de alguma realização, não embriagado de poder,

mas genuinamente feliz. Sondra está me contando todos os seus planos para a redecoração do cassino, que é pura genialidade. Ela descobriu maneiras de usar muito do que já está no Bellissimo, apenas reorganizando e categorizando as coisas para se encaixar em diferentes movimentos e estilos artísticos italianos.

Eu a escolto até o Bellissimo ao mesmo tempo em que ouço Tony, que nos pegou no aeroporto particular, proferir uma maldição baixa.

Lá, indo direto para nós, está uma linda morena de pernas compridas. Jenna Pachino.

— Eu vou lidar com isso, — diz Tony. Mas não posso desprezá-la. Fazer isso poderia começar uma guerra. Estou em uma situação complicada e qualquer palavra errada pode fazer com que as coisas implodissem.

Cristo, Madonna e Dio, por que não lidei com essa situação antes? Colocar mais pensamento no problema? Aplicar um pouco de finesse? Agora estou prestes a foder tudo.

— Jena. — Eu tento manter a rigidez fora do meu tom. Eu pego seus ombros e damos o beijo de duas bochechas.

Sondra ficou rígida ao meu lado.

Claro, este é o ponto dolorido dela.

Eu coloquei minha mão em suas costas para tranquilizá-la, mas os olhos de Jenna rastreiam. Cristo, eu não quero que ela diga a seu pai que eu a desrespeitei.

Eu estou tão fodido.

Tony entra para distrair e eles se beijam.

— Tony, você vai pegar tudo o que Jenna precisa e levá-la ao meu escritório?

— Claro, chefe.

— Eu já vou subir.

O olhar de Jenna segue para Sondra. Eu não fiz a introdução. O que diabos eu vou dizer? Sério, não há nada que eu possa dizer que não vai me foder permanentemente com um ou ambos.

Ela não parece desconfiada, mais curiosa, mas a tensão subjacente é tão espessa entre nós, é uma maravilha que podemos ver através dela.

Tony coloca a mão na parte inferior das costas de Jenna e a escolta para longe e eu solto minha respiração.

Sondra ficou pálida, sua expressão plana.

— Ela é filha de outro don em Chicago, — eu digo assim que ela está fora do alcance da voz. — Eu não sei o que ela quer, mas eu tenho que me encontrar com ela. Vou mantê-lo breve.

O alarme pisca no rosto de Sondra e sei que disse exatamente a coisa errada.

Pela minha vida, porém, não consigo descobrir como dissipar esse desastre crescente.

— Sondra? — Eu coloco um dedo sob seu queixo.

Ela se afasta.

— Não. — Eu faço minha voz firme. Não tenho ideia de por que escolhi ser duro com ela, em vez de persuadir, mas parece funcionar. Ela obedece à autoridade na minha voz e se vira. Eu balanço minha cabeça. — Você acha que eu estou transando com aquela garota, não é?

Sua cabeça balança em seu pescoço. — Você está? — O tremor em sua voz me mata.

— Eu nunca a toquei. *Nunca*. Você confia em mim?

Eu prendo minha respiração. Claro que ela não confia em mim. Se ela o fizesse, não pareceria que acabei de matar seu gatinho.

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei, Nico. Eu tenho um histórico ruim com isso.

— *Eu sei*. Eu entro em seu espaço e agarro seus ombros, mostrando o quão sério estou com a intensidade do meu olhar. — É por isso que eu congelei quando ela nos emboscou. Eu não queria que você ficasse com a impressão errada.

Eu a vejo vacilar. Estou avançando.

— Por favor, confie em mim. Vou descobrir o que ela quer e me livrar dela. Eu não vou te enganar. *Nunca*. Você pode acreditar nisso?

Seus lábios tremem um pouco, mas ela levanta o queixo. — Eu quero. Eu simplesmente não sei.

Eu concordo. Isso é provavelmente tão bom quanto eu vou conseguir.

— Eu vou provar isso para você. Apenas me dê uma chance, ok, baby? Não posso te perder agora. Não posso. — Eu tento mostrar a ela uma pequena fração da vulnerabilidade que ela me oferece.

Seus cílios tremem e ela assente. Eu seguro seu rosto e a beijo, o beijo mais gentil que dei nela. É tão doce quanto uma promessa. Tão sagrado quanto uma bênção.

Ela não retribui no início, mas depois suaviza, move seus lábios contra os meus. Eu acaricio seu cabelo. — Você vai estar em sua suíte?

Ela acena.

— Eu vou te encontrar lá.

Eu a beijo novamente e saio.

Porra. Agora, se eu conseguir não começar uma guerra por Jenna Pachino.

* * *

Jenna

Minha mãe queria vir comigo. Meu pai queria enviar Alex como guarda-costas, mas eu recusei. Ser enviada para visitar meu noivo acompanhada pelo único homem que já fez meu coração bater mais rápido tornaria uma situação difícil impossível.

Eu tenho um plano e depois do que acabei de ver no saguão, acho que pode funcionar.

O problema é que não conheço Nico Tacone. Já o vi em festas de família, casamentos e funerais, mas evitei-o como uma praga.

E ele parecia me evitar de volta.

Pelo menos é nisso que estou apostando.

Então eu sento em uma cadeira de pelúcia do lado de fora de seu escritório com seu pitbull Tony de guarda-costas na porta e tento tirar meu coração da minha garganta.

Ele não me faz esperar muito. Tacone chega e segura a porta aberta para mim, a imagem das maneiras cavalheirescas.

Eu limpo minhas mãos na minha saia jeans preta e entro.

— Ouvi dizer que você se formou, — Tacone diz educadamente. — Parabéns. — Ele acena para mim em uma cadeira em frente a sua mesa e se senta.

Eu engulo o nó na minha garganta. — Obrigada. — Minhas mãos se emaranham no meu colo. Meus lábios estão muito secos. — Meu pai diz que é hora de nos casarmos, — eu deixo escapar.

O rosto de Tacone permanece inexpressivo, mas juro que vejo um músculo saltar em sua bochecha.

— Você está... — Eu sugo uma respiração. — Você está preparado para se casar comigo?

Essa foi a coisa errada a dizer. Agora eu o coloco no lugar. Ele não pode dizer não sem ofender minha família.

Ele pisca para mim. — Jenna.

— Espere, — eu interrompi. — Eu não quero saber a resposta para essa pergunta. O que eu quero dizer é...

Ele está olhando para mim com olhos castanhos educados. Não há realmente nada de errado com este homem. Ele parece bem legal. Ele está além de rico. Definitivamente bonito.

Eu deveria *querer* me casar com ele. Especialmente considerando o quanto isso significa para meu pai.

Mas eu sou uma filha ruim.

Eu quero o que não posso ter ; Alex.

— Você consideraria me liberar do contrato?

As sobrancelhas de Taccone sobem até a linha do cabelo. — Sim. — A palavra explode fora dele. Talvez eu esteja lendo demais, mas imagino ouvir o alívio de vinte anos da mesma ansiedade que senti.

— E-eu não quero me casar com você. Sem ofensa.

Seus lábios se curvam. — Nenhuma tomada. Seu pai sabe que você está aqui?

Meus ombros caem. — Sim, mas ele me enviou para te identificar em datas. Ele ainda quer que continuemos com isso.

Taccone passa a mão pelo cabelo grosso. — Eu também não falei com o meu. Eu provavelmente preciso voar e ficar cara a cara com ele. Certificar-me de que posso suavizar. Giuseppe não vai ceder?

Eu mordo meu lábio. — Não, mas talvez se ele soubesse que sua família estava cancelando.

Taccone suspira, derrota rastejando em sua expressão. Sim. Estamos de volta ao ponto em que éramos crianças, com a firma de contrato de nossos pais e nossas opiniões inconsequentes.

Eu respiro fundo, meu coração martelando com o que estou prestes a dizer. — Eu poderia desaparecer por um tempo. Quer dizer, eu quero desaparecer. Vou mandar uma carta dizendo que não vou seguir em frente. Envio para nossos pais e para você. E então desapareço. Ninguém tem culpa além de mim.

Ele esfrega a mandíbula, seu olhar astuto. — Ah. E você está aqui executando este plano por mim porque precisa de dinheiro para desaparecer?

Meu estômago dá um nó. Conheço os mafiosos. Melhor vir limpo. Possui tudo. Coloque as cartas na mesa e deixe-os decidir o que fazer com você. — Sim. E eu queria ter certeza de que você não ficaria com raiva. Não quero começar uma guerra.

Ele fica quieto por um longo momento, simplesmente me olhando. Meu pai estaria fazendo algo com as mãos — acendendo um charuto ou fumando. Não Nico Tacone. É difícil não se contorcer sob sua consideração direta. Finalmente, ele diz: — Nem eu. — Ele se levanta e caminha até um cofre. — Sim, eu vou bancar o seu desaparecimento. Eu não tenho nenhum problema com isso. Traga-me as cartas primeiro, e eu lhe darei o que você precisar.

A sensação de asas voando no meu peito é diferente de tudo que eu já experimentei. É mais do que alívio. É liberdade.

Minha vida será minha para viver.

Minha, sozinha.

Enfio a mão na bolsa e tiro três envelopes, já endereçados e carimbados, mas não lacrados. Eu os empurro sobre a mesa.

Os lábios de Tacone se curvam quando ele os pega e os lê um por um. Eles são idênticos, datilografados, mas assinados à mão.

— Você precisa de uma nova identidade? Passaporte? Cartões de crédito?

Estou subindo. Isso é muito fácil.

— Sim por favor.

Ele balança a cabeça e se levanta da mesa. — Ok. Vou mandar Tony armar para você. Ele lhe dará dinheiro suficiente para começar também. O que você precisar. Mas, Jenna?

Eu olho para ele. Sua expressão fica severa. — Não volte aqui. Não entre em contato comigo. Você precisa de algo, entre em contato com Tony. Ele vai te ajudar. *Capiche* ? E certifique-se de que ele também possa falar com você. Eu vou deixar você saber quando o contrato for dissolvido.

Eu fico. Eu realmente quero beijar o anel do cara agora e jurar minha fidelidade eterna. Só não quero jurar minha vida ao seu leito conjugal.

— Obrigado, Sr. Taccone...Nico. Obrigado por ser tão compreensivo e generoso.

— O Mesmo. — Damos beijos nas bochechas um do outro e ele abre a porta e fala em voz baixa para Tony, que acena com a cabeça e faz sinal para que eu me aproxime.

Eu dou um passo à frente, para o meu futuro. Minha liberdade.

A princesa da máfia perde a coroa.

CAPÍTULO 13

Sondra

— Bom dia, Sra. Simonson. — o cara da segurança acena para mim enquanto eu saio do elevador. Eu recebo este tratamento preferencial em todo o cassino agora. Dizem que sou a garota de Nico. Eu aceno para a frente da fila do Starbucks, minha bebida favorita já preparada para mim.

Quando saio no meio-fio, o manobrista já tem o Mercedes de Nico esperando por mim. Pego as chaves e finjo que dirigir um Mercedes é uma coisa totalmente normal para mim.

É difícil não comer tudo. É difícil não me permitir desfrutar de tudo o que significa ser a namorada de Nico Tacone.

Mas é um mundo de fantasia total. Se eu fosse ficar aqui por muito tempo, precisaria sair e fazer amigos, estar na natureza, construir minha própria vida.

Por enquanto, porém, estou me deixando aproveitar. Nico enfiou um maço de dinheiro na minha bolsa esta manhã e me disse para ir comprar roupas. Seu primo Sal vai se casar esta tarde e estamos convidados. Quando perguntei o que vestir, ele me disse para comprar uma dúzia de roupas e deixá-lo escolher.

Homem tolo. Homem bobo, adorável e controlador.

Eu conheci Sal — ele é um dos caras com uma suíte no mesmo andar que Nico — mas não conversamos. Eu não sei nada sobre ele. Esta será a primeira vez que vou me envolver com a família de Nico, que eu sei que ele não queria.

Mas se eu sou realmente a namorada dele, e não uma mulher mantida, eu deveria preencher essa lacuna. Descobrir se eu realmente poderia lidar com estar permanentemente ligada a um homem nascido em uma família criminosa.

O que provavelmente significa que eu deveria lhe fazer algumas perguntas difíceis. Quão sangrentas estão suas mãos? Quão legal é o negócio dele? Porque pelo que posso dizer, ele está administrando um cassino totalmente lucrativo. Não sei onde entra a parte ilegal.

Mas tenho certeza que está lá. E não sei se realmente quero saber as respostas.

Eu vou para a Saks off 5th outlet e começo a puxar as roupas. É extravagante e ridículo, e eu nunca gasto dinheiro em roupas para mim, mas o fato de que ele me deu uma tarefa e quer escolher entre os resultados faz com que seja um jogo divertido. Encho um carrinho com roupas e arrasto as coisas para o camarim, dez peças de cada vez.

Duas horas depois, estou carregado com cinco sacolas gigantes de roupas, sapatos e uma jaqueta, e volto para o cassino. O manobrista me recebe como se eu fosse a princesa de Gales e o mensageiro insiste em levar minhas sacolas de compras para o meu quarto.

Nico entra alguns minutos depois sem bater.

— Como você sabia que eu estava de volta?

Seus lábios se contraem. — Pedi ao manobrista para me avisar.

Eu ergo um quadril. — Eu nunca tenho certeza se fico lisonjeado ou assustado com o quão controlador você é.

Nico enfia as mãos nos bolsos. É um sinal de inocuidade, ele não está avançando sobre mim pela primeira vez. — Eu sei que falo muita merda, baby. Eu gosto de fingir que sou seu dono. Mas eu nunca iria impedi-la de fazer qualquer coisa que você quisesse fazer, mesmo que isso significasse sair daqui e nunca mais voltar. As palavras parecem custar-lhe caro, porque os músculos de sua garganta se contraem e um músculo se contrai em sua mandíbula.

Eu fecho a distância entre nós, pressiono meu corpo contra o dele. Seus braços fortes me envolvem. — Isso é tudo que eu preciso saber, — murmuro.

— Sondra, — ele murmura, encostando sua testa na minha. — Você é uma em um milhão. O jeito que você sempre me considera o que eu sou.

Eu engulo. Agora é a hora da conversa difícil. — Nico... me diga o pior. Quem é Você? Em que você está envolvido? O que é que você fez?

Seus braços se apertam ao meu redor e seu rosto fica pálido. — Eu preciso te procurar por um fio? — A piada é forçada e nenhum de nós sorri.

— Na verdade, Sondra, não posso te dizer. Eu não te diria nada que te colocasse em uma posição embaraçosa ou perigosa, com minha família ou os federais. E não pense que eu não sei que você tem um tio no FBI.

Eu ruborizo e empurro seu peito. — Você ainda acha que eu sou uma espiã?

— Claro que não. Não não não. Ouço. — Ele embala meu rosto. — O que motivou isso? Porque perguntas? — Eu desvio o olhar, mas ele vira meu rosto para trás. — Você está tentando descobrir se você pode ficar?

Eu concordo.

Ele solta uma expiração longa e lenta. — Eu vou te dizer isso. Saí de Chicago porque não queria sangue nas minhas mãos. Eu não queria passar minha vida olhando por cima do ombro para o próximo atirador ou os Fed tentando me derrubar. Eu acreditava que grandes corporações fazem o mesmo tipo de merda que minha família fazia na rua, em larga escala e é legal. E eu queria isso. Negócios jurídicos de grande porte. Eu já sabia sobre jogos de azar, então vim para Vegas.

— Mas fui bancado pela família, o que significa que nunca poderei ser verdadeiramente livre. Eu lavo o dinheiro deles. Ainda emprego as táticas da velha escola de intimidação e medo quando necessário. Não assassinato, — ele balança a cabeça. — Sem drogas. Sem comércio sexual. Nada mais ilegal. E se eu pudesse cortar os laços e ser cem por cento legítimo hoje, eu faria isso. Só não descobri como. — Ele acaricia meu rosto com o polegar. — Então agora você sabe. Isso é tudo. Bem, quase tudo. Eu tenho uma morte em minhas mãos desde quando fui *feito*. É uma exigência. Isso me deixou doente e solidificou minha determinação de sair e nunca mais voltar. — Há uma oscilação em sua voz e eu me jogo contra ele, pressionando minha bochecha contra seu peito.

Eu quero dizer a ele que sinto muito por sua família, seu passado, mas como posso dizer isso sem negar quem ele é agora? Então eu apenas o abraço, mostro a ele que ainda estou aqui. Ainda do lado dele. Seja qual for o lado.

* * *

Nico

FOI EM CIMA DA HORA, mas Sal conseguiu reservar uma capela particular decente, não o tipo brega de Elvis na Strip. Entro no estacionamento da capela e desligo o Porsche que levei para dirigir hoje. Saímos e acompanho Sondra até a porta. Ela está vestindo um par de jeans capri brancos apertados com saltos dourados e uma blusa turquesa. Ela parece elegante e bonita.

Sal vai se casar com uma stripper que contratou há um ano. Ele está transando com ela desde então e decidiu na semana passada, quando ela lhe disse que estava grávida, para tornar isso oficial. Ele me fez jurar segredo sobre sua antiga profissão, com a qual não tenho nenhum problema. Eu realmente gosto da garota. Ela é uma garota de Jersey, esperta, mas generosa. Ela se encaixará na família, será uma boa mãe para os filhos dele.

Não sei dizer se ganhei ou perdi alguma coisa com Sondra. Parece ser uma vitória, mas ela está quieta no caminho para a capela. Ela se acalmou, o que é sempre seu presente para mim, mas quem sabe que conclusões ela vai tirar do que eu disse a ela. Que decisões ela vai tomar.

Vou honrá-los, sejam eles quais forem. Mesmo que me mate deixá-la ir.

— Nico! — Minha tia chama do estacionamento.

Paro e espero que ela e mais duas primas cheguem. Meu tio, seu marido, está preso para sempre, e é por isso que coloquei Sal sob minha asa quando me mudei para cá. Ela e as meninas voaram no meu avião esta manhã. — Tia Perla, esta é Sondra. Sondra, esta é a mãe de Sal, minha tia Perla, e suas irmãzinhas, Genevieve e Kara.

Leo para e então Sal chega em seu próprio carro, parecendo atormentado e nervoso. — Onde está a noiva? — Eu pergunto.

Sua cabeça gira enquanto ele examina o estacionamento, pânico queimando em seus olhos até que seu olhar pousar em um mustang vermelho estacionado na frente. — Ela está aqui. Ela e suas amigas chegaram cedo.

Ele abraça a mãe e as irmãs, aperta minha mão, dá um beijo na bochecha de Sondra e dá um tapa nas costas de Leo.

— Sal, esta não é uma igreja católica, — reclama sua mãe. — Eu não posso acreditar que você vai se casar em uma capela não-denominacional.

— Eu sei, mãe. Este foi o melhor que consegui em curto prazo.

Tia Perla funga e eu seguro a porta aberta. O lote inteiro entra e caminhamos por uma área interna até um pátio nos fundos com um conjunto de pedras falsas e uma cachoeira caindo no centro.

— Isso é bonito, — Sondra murmura educadamente.

Eu acho que o formato das pedras meio que parece nádegas, mas eu mantenho minha boca fechada.

O oficiante nos manda sentar nas cadeiras dobráveis de plástico, vestidas com saias de tecido e música de órgão enlatado começa a tocar. A noiva chega com suas duas damas de honra, também strippers, eu suspeito e elas encontram Sal na cachoeira da nádega.

Obrigado, porra, o oficiante o mantém curto e doce. Seguro a mão de Sondra durante a cerimônia e tia Perla até tem a graça de chorar um pouco.

— E agora eu gostaria de convidar todos vocês para um jantar de comemoração no restaurante italiano Scordetto's, — eu anuncio.

— Isso é um restaurante no seu cassino, Nico? — Tia Perla pergunta.

Eu balanço minha cabeça. — Não, Sal não quer comemorar seu casamento no local em que trabalha. Aluguei um bom restaurante para passar a noite. Venha, vamos.

— Isso foi gentil de sua parte, — Sondra murmura enquanto eu a conduzo para fora.

— Pelo menos eu poderia fazer. — Abro a porta do carro e a ajudo a entrar. A verdade é que já estou com coceira por misturar a família com Sondra. Mais tarde, eu pensaria que era meu instinto me alertando, mas tudo o que penso agora é como eles devem parecer pouco educados e refinados para ela. É uma merda da minha parte ter vergonha das minhas raízes, mas acho que me levantei bem longe de onde vim. Eu esqueço o quão longe até momentos como esses.

* * *

Sondra

Nico parece distraído e desconfortável quando chegamos ao restaurante, e eu simpatizo totalmente. Quem não se contorce em reuniões de família?

Vou para o banheiro feminino e quando saio da cabine, ouço a tia de Nico e Sal conversando no corredor do lado de fora.

— Então, qual é a história com a namorada de Nico?

Eu congelo, minha mão na porta para abri-la.

— Sim, ela é legal. Faz ele feliz, — responde Sal.

— Sim, mas e a noiva? Ele ainda não está noivo de Jenna Pachino?

Jenna Pachino. Eu sabia!

Eu fico gelado e quente ao mesmo tempo. Meu estômago cai aos meus pés no chão.

Oh meu maldito Deus. Eu sabia que a história dele não batia. A maneira como ele não me apresentou quando ela apareceu no cassino. Ela é a porra da *noiva dele* ?

Este é o meu padrão. Idiotas enganadores. Mesmo quando eu sei que eles estão mentindo, eu ainda quero acreditar. E desta vez? Desta vez, acho que nunca vou me recuperar.

Eu me afasto da porta, tremendo como alguém que entrou em choque.

Oh sim. Eu entrei em choque. De alguma forma eu consigo pegar meu telefone. — Corey? — Porra, eu já estou chorando.

Minha prima deve ouvir tudo na minha voz. — O que há de errado?

— Eu preciso que você me pegue, no Scordetto's. Por favor venha em breve.

— Eu estarei lá. Você está segura? Ferida?

— Eu estou bem, eu só preciso sair daqui imediatamente.

Ouçoo uma porta bater. — Já estou a caminho. — ela promete.

Espero com o ouvido pressionado na porta até ter certeza de que não há ninguém do lado de fora antes de sair. O grupo está reunido na sala dos fundos, pedindo bebidas, então posso sair pela porta da frente sem que ninguém me veja. Eu me esgueiro ao redor do prédio como um criminoso e espero. Parece horas, mas provavelmente não é mais do que dez minutos antes do carro de Corey entrar chiando no estacionamento.

Eu corro para ele, assim que Nico sai.

— Sondra! — ele grita enquanto eu abro a porta do carro. — Espere! Onde você está indo? — Ele corre em direção ao carro.

— Saia daqui! — Eu soluço para Corey.

Ela pisa no acelerador, mas Nico se joga na frente do carro, forçando Corey a pisar no freio.

— Sondra! O que aconteceu? — Ele corre para o meu lado do carro.

— Onde está sua noiva, Nico? Por que você não a trouxe hoje?

Se eu tinha alguma dúvida em minha mente que a noiva era real, ela evapora quando vejo Nico ficar quieto.

— Dirija. — digo a Corey.

— Espere! — Nico se lança para o carro enquanto Corey o atira. — Deixe-me explicar.

E então eu sou uma bagunça soluçando. — Eu escolhi outro trapaceiro. Você acredita nisso? Eu realmente não posso.

Corey me lança um olhar preocupado. — Sinto muito, Sondra. Ele merece morrer.

— Bem, eu não iria tão longe, — eu digo, espalhando lágrimas em meu rosto com as costas da minha mão.

Meu telefone toca com uma mensagem chegando. Eu sei que é de Nico, mas sou muito estúpida para não olhar.

Não vou me casar com Jenna. Eu mal a conheço. Foi um contrato feito por nossos pais quando éramos crianças. Ela veio aqui me pedir ajuda para liberar, o que estou fazendo. Eu nunca tive a intenção de me casar com ela. Eu só quero estar com você.

Eu li em voz alta para Corey, que aperta os lábios. — Bem, ele deveria ter lhe contado sobre isso, então.

Meus soluços quietos. Acho que realmente acredito nele, o que pode ser uma insanidade total. — Sim, ele deveria ter. — Não importa, no entanto. Tudo o que sei é que não posso confiar em meu próprio julgamento com esse cara.

Bloqueio o número dele no meu telefone.

— Para onde? — pergunta Corey.

— Casa.

— Minha Casa?

— Não. Michigan. Eu quero ir para casa. Leve-me ao aeroporto.

CAPÍTULO 14

Nico

Estou ficando louco.

Não consigo fazer a porra da prima dela falar, me dizer onde ela está. Pelo menos não com métodos não violentos de persuasão, e obviamente não vou forçá-la. Eu tenho um cara vigiando a casa de Corey, mas ela não parece estar lá. Nem ela apareceu em nenhuma câmara no cassino.

Minha garota se foi.

Mesmo que todo esse tempo eu soubesse que estava errado para ela, não suporto saber que a machuquei. Eu pressionei uma faca bem em seu ponto fraco e a deixei se sentir traída novamente.

É imperdoável.

E essa é a parte que eu tenho que acertar. Não posso deixá-la ir embora desta coisa ferida. Eu nunca quis isso. Eu era egoísta, eu me permitia ficar perto dela. Deixei-me levar pelo prazer que ela me trouxe. Mas uma vez que eu a convenço de que era verdade, preciso deixá-la ir.

É a única maneira que eu posso fazer isso direito.

* * *

Sondra

Estou na cama com as cobertas sobre a cabeça pelo terceiro dia consecutivo. Minha mãe entrou uma dúzia de vezes para me convencer a sair, mas não estou aceitando.

— Apenas me deixe descansar, — digo a ela. — Eu preciso dormir.

Meu telefone toca e eu o ignoro. Um texto passa. Eu ignoro isso. Ele toca novamente.

Eu olho para a tela.

Corey.

Eu peguei. — Ei. — Mesmo para meus próprios ouvidos, minha voz soa mais pesada que chumbo.

— Acho que a história de Nico é verdadeira, — diz Corey.

Meu estômago, nervoso e vazio com a dieta de depressão de algumas mordidas de frutas e torradas, para.

— Ele falou comigo. Encurrelei seu primo Sal, e até perguntei a esse tal Leo e seu guarda-costas Tony. Todos eles tinham a mesma história. Compromisso de infância que nunca foi posto em prática. Na verdade, Tony diz que deu dinheiro para ela desaparecer enquanto Nico resolve as coisas com o pai dela. Sua voz baixa. — Ele também diz que Nico é um desastre total. Não dormiu desde que você foi embora.

— Por que você está me contando isso? — Se há pânico em minha voz, é porque passei os últimos três dias me reconciliando com nunca mais ver Nico. Agora Corey está empurrando a porta que eu tenho tentado tanto manter fechada.

— Eu apenas pensei que você deveria saber. Ele ainda deveria ter lhe contado sobre a situação da noiva, mas com seu passado, talvez você tenha chegado à pior conclusão. Ele não estava enganando você, Sondra.

Eu jogo as cobertas, de repente muito ansiosa para estar na cama. — Não importa. Não é como se eu fosse me casar com ele, de qualquer maneira.

Um final teria sido inevitável. Então agora está feito. — Corro para o banheiro, a necessidade de um banho é esmagadora.

— Não sei. Acho que você estava pensando se poderia ficar com ele a longo prazo. E essa é uma pergunta diferente. Não tenho certeza se você deve misturar as duas situações.

— Você está seriamente do lado dele agora? — Eu estalo.

— Não! Estou totalmente do seu lado. Eu apoio você, não importa o que você decidir. Mas eu não acho que você deva escolher com base em quaisquer sentimentos que surgiram porque você pensou que ele estava traindo. Tenho certeza que ele não estava.

Fico parada no banheiro, o telefone pressionado com muita força contra meu ouvido. — Ok. Obrigado.

— Você está bem?

— Não. Mas eu ficarei. — Desligo e tomo um banho demorado. É hora de voltar ao mundo dos vivos.

Tenho algumas decisões a tomar.

CAPÍTULO 15

Nico

Meu investigador particular encontrou uma passagem de avião em nome de Sondra para Michigan na noite do casamento. Alugo um carro em Detroit e dirijo uma hora e meia até Marshall. Estou vestindo um par de jeans e uma camisa de botão de manga curta para baixo. É minha tentativa de remover a máfia da minha aparência. Descobrir como pelo menos passar pela porta da frente dos pais de Sondra.

Eu já fui baleado. Tive a porcaria para fora de mim. Fiz negócios milionários. Nada me fez suar assim.

Acho que tenho apenas uma chance para isso, e não sei se consigo. Quando chego a Marshall, paro para comprar flores, mas depois decido que são muito clichês. Sondra não precisa de flores ou dinheiro meu. Ela precisa... Eu não sei o que ela precisa, mas eu suspeito que de alguma forma está desnudando minha alma.

O que estou disposto a fazer.

Eu apareço na casa dos pais dela e toco a campainha. Uma bela mulher de cinquenta e poucos anos atende a porta. Ela usa um sorriso de expectativa, que desaparece quando ela olha meu rosto. — Você deve ser Nico, — ela diz. Há decepção e julgamento em sua voz. Eu definitivamente tenho meu trabalho cortado para mim.

— Sim, senhora.

Um homem que deve ser o pai de Sondra aparece atrás dela.

Bem, é hora de comer a torta da humildade. — Eu sei que machuquei sua filha, mas estou aqui para consertar isso. Eu só gostaria de uma chance de falar com ela.

— Ela não está aqui, — diz sua mãe.

Meu peito aperta. Vou chamar de besteira? Eu sei que ela veio para Marshall. — Onde ela está?

— Ela foi passear. — Sua mãe levanta o queixo em direção à calçada atrás de mim.

— Oh! — Alívio derrama através de mim. Cada célula do meu corpo quer fugir para aquela calçada e segui-la por toda a cidade até encontrá-la. Mas ainda nem ganhei a batalha com os pais dela.

— Posso entrar?

Aparentemente, eles são muito simpáticos do Meio-Oeste para me recusarem a entrar. Sua mãe abre a tela e os dois se afastam da porta. Entro em sua doce casa de classe média e me sento quando o pai dela me acena para o sofá. Ele limpa a garganta e me oferece algo para beber, o que eu recuso.

— Quero que vocês dois saibam que estou falando sério sobre sua filha. Claro, vou honrar a decisão dela, mas eu a amo e quero passar o resto da minha vida com ela. Ter uma família, mesmo. — Minha voz engasga um pouco e eu a limpo. — Eu vou cuidar bem dela. E eu vou apoiar a carreira dela cem por cento. Ela é uma mulher inteligente e talentosa e eu sei que ela terá sucesso em qualquer coisa que tentar.

A tensão desapareceu de seus pais. Não sei se os conquistei, mas pelo menos os amenizei. É um começo.

— Bem, eu realmente não sei o que aconteceu entre vocês dois, mas Sondra está com o coração partido...

— Mamãe.

Levanto-me ao som da voz de Sondra. Ela está do lado de fora da porta de tela. Eu esqueço de esperar por um convite enquanto vou até a porta da frente e a abro. — Sondra.

Ela está pálida. Círculos escuros sob seus olhos estragam seu lindo rosto. — O que está acontecendo? — ela exige. Ela me dá uma varredura para cima e para baixo de seus olhos. — E o que você está vestindo?

— Estou tentando me encaixar, — murmuro e saio da casa. — Posso falar com você? Ou você gostaria de dar uma volta? — Meu cérebro acelera, tentando encontrar algo mais atraente para oferecer, mas ela diz: — Sim, tudo bem.

O alívio quase me deixa de joelhos. — Caminhar ou dirigir?

Ela olha para o carro alugado. — o Ford Explorer foi o melhor que consegui, e ergue as sobrancelhas. — Vamos andar.

— Ok. — Eu pego sua mão, não tenho certeza se ela vai me livrar, mas ela me deixa. A mão dela é pegajoso e fria. — Sondra, eu nunca fodi com você. Você precisa saber disso.

— Eu sei.

Meu passo vacila. Ela soa tão quieta, tão certa. — Você sabe?

— Sim. Corey conversou com Tony, Sal e Leo. Todos eles disseram a mesma coisa que você.

— Eu deveria ter lhe contado sobre o problema. Para ser honesto, passei toda a minha vida guardando isso debaixo do tapete, onde não tinha que pensar sobre isso. Um dilema para amanhã, — sabe o que quero dizer?

Ela olha para mim e eu juro que vejo simpatia na suavidade de seus olhos. Eu respiro e corro para a frente. — Jenna Pachino veio para Vegas porque seu pai a mandou para forçar minha mão, mas ela não quer fazer parte desse casamento arranjado. Nós concordamos que ela deveria fugir por um tempo até eu resolver as coisas. Dei-lhe dinheiro para desaparecer. Isso é tudo entre nós, juro por *La Madonna*. Isso é o máximo que já conversamos. A única vez que estivemos sozinhos em um lugar juntos. Antes disso, nos evitávamos como uma praga.

— Eu não quero mais falar sobre ela, Nico.

Meu coração para. Reinicia de forma desigual. Eu paro e a viro para mim, seguro sua outra mão como se fôssemos uma noiva e um noivo no altar. — Você quer falar sobre nós?

Ela acena. — Eu ouvi o que você disse aos meus pais. — Sua voz está embargada.

Minha garganta fecha. — Eu quero me casar com você, *amore*. Eu quero descobrir como fazer isso funcionar. E é complicado pra caralho. Você poderia... Eu respiro. — Você me quereria se eu não tivesse nada? Sem cassino, sem família?

Surpresa brilha em seus olhos. Ela lambe os lábios. — Você poderia criar tudo de novo. Você poderia criar qualquer coisa.

Agora estou surpreso. Eu esperava resistência, grande convencimento. Ela está pegando leve comigo.

— Isso significa... você está considerando? Você está disposta?

* * *

Sondra

Eu não sabia o quanto eu gostaria que Nico me abraçasse. Para prometer a lua e o sol ou talvez apenas assumir o comando e me levar embora. Diga-me que sou dele e que ele está me amarrando na cama até eu jurar.

Mas eu tenho que ser forte agora. Eu tenho que ser uma menina grande e escolher por mim.

— Eu não sei, — eu sussurro.

Nico cai de joelhos, bem ali na calçada. Lágrimas borram minha visão.

— Eu preciso de você, Sondra. Eu não tinha um propósito para viver antes de conhecer você. Você trouxe luz onde só havia escuridão. Você me dá, me recebe sem paredes. Eu não sei como você faz isso, mas eu não posso viver sem você.

— Levante-se, Nico, — murmuro entre os lábios trêmulos. Eu tento puxá-lo de volta para seus pés. Lágrimas percorrem minhas bochechas.

— Eu nem sei o que posso oferecer a você, mas prometo que será tudo o que tenho. Tudo.

— Sim. *Sim*. Nico, eu quero você.

Ele cai para trás e me arrasta para seu colo. As pessoas que passam estão olhando para nós como se fôssemos lunáticos e eu não dou a mínima.

— Você me quer? — Sua voz está rasgada, quebrada.

Eu seguro seu rosto entre minhas mãos. — Sim. Eu quero.

A dureza volta ao seu rosto, mas não é assustadora, é emocionante. Porque é determinação e força de aço. A mesma força que me faz estremecer toda vez que ele põe seus olhos em mim.

— Case comigo?

— Sim.

Ele me pega e nos coloca de pé. — Bom. — Ele segura minha mão e começa a me puxar em direção a minha casa. Seus ombros estão retos, seu andar rápido, como se estivesse indo para a batalha. — Há apenas uma ruga importante para resolver. Depois disso, tenho certeza que vamos descobrir o resto juntos. OK, bebê?

— Sim. Ok.

Chegamos na frente da minha casa e ele vai direto para o carro. — Eu já tenho uma sacola com suas coisas – do cassino. Vá se despedir de seus pais. Diga a eles que vamos comprar um anel e entraremos em contato com a data do casamento.

Ele pisca para mim e se inclina contra o veículo.

Não me importo de vê-lo restaurado ao seu jeito arrogante e mandão. Na verdade, eu adoro isso, tanto quanto valorizo saber que ele se humilhou diante de mim.

Nico Taccone, o homem poderoso que precisa de mim.

* * *

Sondra

Nico está quieto no caminho e não diz para onde estamos indo. A princípio, acho que estamos indo para Chicago, até que finalmente paramos

em um Instituto Correcional Federal em Pekin, Illinois, e percebo que estamos visitando seu querido e velho pai.

Nico se vira para mim no veículo depois que estacionamos. — Juro por *Cristo*, nunca mais pedirei isso a você. Mas eu quero que ele conheça você. Vou tentar obter sua bênção para a nossa união.

Os nervos vibram na minha barriga, mas eu aceno.

Ele acena de volta e nós saímos. — Estou na lista de visitantes aprovados. Eu tenho um contato que deveria ser lubrificado o suficiente para deixar nós dois passarmos. Caminhamos até a área de check-in e vejo Nico fazer contato visual com um cara que vem correndo. Há um breve intercâmbio e, de repente, estamos na frente da fila, sendo revistados em busca de armas e escoltados até a área de visitação.

Don Santo Taccone entra vestindo seu uniforme laranja da prisão. Ele é uma versão mais velha de Nico, mas sem nada da vida em seus olhos. Eles são orbes frios e pedregosos e quando passam sobre mim, o arrepio frio da morte percorre minha espinha.

Nico pega alguns livros de bolso — já verificados pelos guardas — e os coloca sob a divisória de vidro.

Seu pai nem sequer olha para eles. Em vez disso, ele olha para mim. Duro. — Quem é ela?

— A minha noiva.

Suas sobrancelhas se movem. — O inferno que ela é.

— Eu não estou perguntando.

Meu estômago se contorce em um nó. Estou suada e com frio, com medo por Nico. Assustado por nós.

Os olhos de seu pai se estreitam e ele muda seu foco para Nico. — Você a escolheria em vez da família?

Nico pisca rapidamente, então assente.

Don Santo dirige sua atenção para mim, olhando-me de cima a baixo novamente criticamente. — Por que?

Nico engole. — Ela é... a peça que faltava para mim. Eu preciso dela.

— Você não toma decisões que afetam toda esta família. Só eu faço isso. Você não é nada sem nós. — ele cospe.

Nico nunca pareceu mais sóbrio. — Talvez não. Mas eu ainda a teria.

Seu pai se levanta e sai.

Eu quero vomitar. Eu não sei o que Nico esperava dessa reunião, mas de alguma forma eu não acho que foi de acordo com o planejado.

Nós nos levantamos e saímos. Nico não fala até estarmos no veículo.

— Então, e agora? — Eu pergunto, minha voz trêmula.

Nico não olha para mim. Seu rosto é uma máscara dura quando ele liga o carro, olhando para a frente. — Então agora ou está tudo bem ou haverá problemas.

Eu engasgo com minha própria saliva. — Que tipo de problema?

Ele pega minha mão e a aperta. — Nada vai acontecer com você. Isso é apenas entre a família.

— Nico. Q-quanto tempo até que as coisas sejam resolvidas?

— Ah, muito em breve. Eu não daria mais do que quarenta e oito horas.

Ele pega a saída em direção a Chicago. — Então vamos deixar as coisas cozinhareem. A resolução sairá em breve. Enquanto isso, vou comprar para você o maior diamante da porra da Windy City.

— Eu não preciso de um diamante, — murmuro, o medo apertando meu coração.

Não me arrependo de ter escolhido Nico. Não depois do que acabei de ver. Ele está disposto a se alienar de toda a sua família por mim. Mas definitivamente estou com medo. Totalmente fora do meu elemento.

— Você vai ganhar um diamante. — O humor de Nico parece melhorar. — Você vai me deixar mimá-la desta vez.

Seu amor parece me envolver e apertar. — Ok, — murmuro. O que quer que o faça feliz.

* * *

Acabamos encontrando um diamante em forma de pêra na Tiffany's. Quando voltamos ao Explorer, três caras estão encostados nele, os braços cruzados em posições de durão. Nico fica rígido, mas seu passo só vacila por um segundo.

— Dê-me as chaves, — um deles ordena. Ele se parece com Nico, mas mais velho.

Nico joga as chaves para ele.

Seu irmão, estou assumindo que é seu irmão, aperta o botão para destravar as portas e os outros dois caras abrem as portas. — Entre.

Nico me ajuda no banco de trás e desliza ao meu lado.

— Coloque-a no seu colo, — um dos caras rosna enquanto nos ensanduicham no banco de trás. Um deles tem uma arma apontada para nós.

Seu irmão procura no porta-luvas e embaixo do assento. — Você não trouxe um pedaço? — Há um tom zombeteiro em sua voz, como se Nico tivesse sido pego com as calças arriadas.

— Eu não, — confirma Nico.

Seu irmão olha no espelho retrovisor. — Que porra você está vestindo?

Nico não responde. Seu irmão dirige o carro e quando saímos da cidade, um dos caras mostra duas vendas, que amarra em nossas cabeças. Eu estava meio assustada antes. Agora estou pronta para me mijar.

O Explorer desacelera e entra no que deve ser uma estrada de terra. Ouço outro veículo seguindo atrás de nós. Os braços de Nico envolvem minha cintura com força, como se, ao me segurar, ele pudesse me proteger do que quer que esteja prestes a acontecer.

Nós paramos. O carro atrás de nós também chega. Minha venda é retirada, mas a de Nico não.

Um quarto cara sai de trás do volante de um Range Rover preto. As portas se abrem e nos arrastam para fora. Seu irmão me restringe. Um dos outros caras pega uma corda e amarra os pulsos de Nico atrás das costas, então eles o forçam a ficar de joelhos.

E então eles se revezam socando-o na cara.

— Nico! — Eu grito, lutando contra o aperto de seu irmão.

Nico tenta se levantar. — Junior, você toca um fio de cabelo na cabeça dela...

— Eu não estou machucando ela. — Junior quase parece divertido. — Eu só estou restringindo ela.

É verdade. Suas mãos são enormes, como as de Nico, mas ele não agarrou com força contundente. Ele envolveu meus braços em volta da minha cintura para me conter, me segurando com pouco esforço.

Nico se acalma um pouco.

— Esta é a garota pela qual você está disposto a desistir de tudo? — seu irmão pergunta. Um dos bandidos dá um soco no rosto de Nico novamente e gotas de sangue voam de sua boca.

Eu grito.

— Sim.

— Tudo? Você acha que ela ainda vai querer você quando você for pobre?

— Eu o quero, apenas deixe-o ir... — Eu mexo minhas pernas ao redor, tentando me libertar.

— Você não pode tê-la se estiver morto. — Toda a diversão deixa sua voz, a ameaça fria paira ameaçadoramente imóvel no ar.

— Não. — eu grito. — Não o mate. Vou deixá-lo sozinho. Eu vou embora. Por favor... me desculpem. Deixe ele ir. Eu não vou interferir.

Nico não se move. Ele fica de joelhos, cabeça erguida, imóvel, mesmo quando os bandidos o socam nas costelas.

— Hum? Você prefere estar morto do que viver sem ela?

Nico cospe sangue de seus lábios. O inferior é dividido. Ele concorda.

— Sim.

— Nããão, — eu grito. Ele ecoa através das árvores. Minha garganta raspa.

Isso é tudo minha culpa. Ele fez isso por mim. Eu não tinha ideia de quanto isso lhe custaria. O que ele estaria arriscando.

Junior engatilha sua arma e a aponta para minha cabeça. — E se eu a matar também?

O rosto de Nico se contorce sob a venda, a raiva contorcendo suas feições. Eu nunca o vi tão horrível. Ele tenta se levantar. Os dois soldados agarram seus ombros e o empurram de volta para baixo, dando socos em seu estômago desprotegido.

— Eu vou destruir tudo que você já amou, — Nico rosna.

Junior dá uma risada triste. — Isso seria difícil de fazer do túmulo.

— Acredite, — Nico cospe.

Junior me solta. — Eu acredito nisso. — Ele levanta o queixo para os capangas, que abruptamente se afastam de Nico. Junior caminha para frente e puxa uma faca do cinto.

— Não por favor! — Corro para a frente e agarro o braço de Junior, mas um dos soldados me pega pela cintura primeiro.

— Calma com ela, — adverte Junior.

Calma comigo? Meu cérebro se esforça para entender o porquê, mas então Junior alcança Nico e usa a lâmina para cortar a corda que amarra suas mãos.

— Onde está Jenna Pachino? — Júnior pergunta.

— Eu dei dinheiro para ela desaparecer por um tempo. Tony vai avisá-la quando as coisas estiverem resolvidas.

— Elas estão resolvidas. Falei com o Velho Pachino. Temos uma nova aliança. Você está fora da porra do gancho.

Junior segura o rosto de Nico com as duas mãos e o levanta. Ele arranca a venda e beija seu irmão em cada bochecha. Então ele se vira e volta para o Range Rover. Acho que o ouvi murmurar: — Bem-vinda à família, — enquanto corro para Nico.

Nico abre os braços e me pega neles.

Eu choro, apertando-o com tudo o que valho.

— Calma, bebê. Não tão apertado.

Oh Cristo. Eu me afasto. Ele provavelmente tem costelas quebradas. Machucado, com certeza.

As portas do carro se fecharam — todos os quatro homens entraram no Range Rover, deixando-nos sozinhos.

— Está tudo bem, venha aqui. — Ele me puxa contra ele, beijando o topo da minha cabeça. — Você está machucada?

— *Eu?* Eu gemo.

— Você está? — Sua voz se aguça, como se houvesse um inferno para pagar se eu fosse.

— Não, de jeito nenhum. — Eu puxo uma respiração trêmula contra ele, minhas lágrimas umedecendo sua camisa salpicada de sangue.

Seu grande corpo relaxa. Ele esfrega minhas costas e acaricia meu cabelo. — Tudo vai ficar bem.

— Isso está? O que está acontecendo?

— Foi um teste. Ou talvez um acerto de contas. Um pouco dos dois, eu acho.

Eu inclino minha cabeça para cima, piscando meus cílios molhados para ver seu rosto machucado. — Um teste? Você sabia disso?

Ele dá de ombros. — Eu tinha cerca de sessenta por cento de certeza.

Sessenta por cento de certeza de que ele não morreria por mim.

Meus joelhos vacilam e eu me inclino para ele. — Então você passou?

Nico ri através dos lábios sangrentos. — Sim, querida. Está tudo bem. Nós vamos nos casar. Você vai redecorar o Bellissimo. Meu irmão mais novo Stefano vai me ajudar a administrar o cassino e eu vou focar minhas horas em te fazer feliz.

Eu aninho meu rosto em seu peito. — Eu já estou feliz, — murmuro.

E é verdade. Estou definitivamente abalada com o que aconteceu, mas ao invés de mudar de ideia sobre ligar minha vida à de Nico, seu compromisso total e completo comigo solidificou. Eu entendo que ele faz parte de um mundo que não é bonito, mas ele faria qualquer coisa por mim. Até desistir de sua vida.

Então eu tenho fé que vamos descobrir o resto.

EPÍLOGO

Alex

Aceito outra taça de champanhe e a tomo em um único gole. Da minha posição contra o pilar central, tenho uma visão de toda a recepção.

Estou surpreso que os Tacones tenham dado tudo certo no casamento de Nico, considerando o que isso significa para a família Pachino. Acho que Junior Tacone deu um jeito com Don Guiseppe, mas parece um tapa na cara, se você me perguntar.

Claro, ninguém me perguntou.

O casamento será em um dos melhores hotéis de Chicago — no último andar, janelas de parede a parede com vista para a cidade e o Lago Michigan. A noiva é um doce — não é do tipo que eu imaginaria que Nico iria gostar, mas bonita, se você gosta daquele tipo de loira saudável. A família dela veio de Michigan — um bando de WASPs nerds de cidade pequena, com exceção de sua dama de honra, uma ruiva de pernas compridas que parece que poderia se defender com qualquer um dos nossos. E, se estou lendo a linguagem corporal corretamente, ela já pode estar envolvida com o irmão mais novo de Nico, Stefano.

Nico dança com sua mãe, sua noiva com seu pai. É tão doce que faz meus dentes doerem.

Claro que eu ouvi que Nico levou uma surra por querer rescindir o contrato, mesmo sendo Jenna quem fugiu. Também ouvi que Nico pode ter

financiado aquele desaparecimento. Eu estive esperando por permissão para verificar esse fato.

Porque todos os malditos dias aquela garota desaparecida me deixa louco para fazer outro buraco na minha parede. Não suporto não saber se ela está segura ou com problemas. Se ela precisar da minha ajuda.

O fato de ela ter procurado ajuda em Tacone em primeiro lugar me mata, mas acho que faz sentido. Ela precisava dele para matar o contrato de casamento. Acho que, por essa razão, eu deveria ser grato a Tacone.

Mas eu não sou.

Eu quero matar o bastardo por saber algo sobre Jenna Pachino que eu não sei.

Don G se aproxima e me oferece um charuto. Eu aceito, embora eu realmente não goste deles. Faz o velho feliz, e isso faz parte do meu trabalho.

— Está na hora, — ele rosna.

Não me lembro de ter recebido um emprego. — Para que?

— Para trazer minha filha de volta.

Meu coração acelera.

— O garoto Tacone sabe onde ela está. Descubra. Vá até ela. Endireite-a. Traga-a para casa para mim. Ela já interpretou a filha desobediente por tempo suficiente.

Obrigado porra.

Eu me afasto do pilar. — Vou me certificar de que está feito.

— Eu sei que você vai. Por isso perguntei a você.

Eu lanço um olhar para ele. Jenna Pachino esteve fora dos limites por toda a minha vida. Bem, toda a vida *dela*, já que sou seis anos mais velho. A

questão é que nunca me permitiram olhar para a garota, muito menos me entregar ao tipo de fantasia em que quero que ela desempenhe um papel de protagonista.

Então, quando Don G diz que me pediu, em particular, para este trabalho, eu não posso dizer se ele está me alertando para cuidar da minha bunda e manter minhas mãos longe dela, ou se ele está me dando permissão para cortejá-la.

Eu sei de uma coisa: quando eu encontrar Jenna Pachino, vou tomar meu tempo com a direttriz *de endireitá-la antes de levá-la para casa*.

Porque na minha cabeça, Jenna Pachino sempre me pertenceu.